

Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas  
Biblioteca Virtual do Amazonas, 2001.

**RAUL DE AZEVEDO**

**A alma inquieta das mulheres**

(Conferências literárias)

## SUMARIO

<b>Alma inquieta das mulheres</b> (Conferências realizadas em julho de 1922 em Florianópolis, no Teatro Álvaro de Carvalho.).....	05
<b>Centenário em Flor</b> (Conferência realizada na noite de 13 de maio de 1922, no Club Curitibano, em Curitiba, a convite da Diretoria do mesmo Clube).....	16
<b>Da Arte e da Mulher do Paraná</b> (Conferência feita no CENTRO LITERÁRIO DO PARANÁ, em fevereiro, e repetido e ampliada no THEATRO GUAYARA de Curitiba, em março de 1922).....	24
<b>Um romancista brasileiro: Aluízio Azevedo – o escritor e o homem</b> (Discurso de recepção na ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no salão nobre da Assembléia Legislativa, em Manaus a 21 de janeiro de 1920).....	32
<b>Postais de Sonho e de Realidade</b> (Conferência realizada na “Hora Literária” da Associação da Imprensa, em Manaus, no salão Nobre do “Ideal Clube”, a 12 de Dezembro de 1915).....	42
<b>Roseiral de Amor</b> (Conferência realizada no Theatro Guayara de Curitiba, em abril de 1922).....	47
<b>Terra Natal</b> (Conferência realizada a pedido da Colônia Maranhense, no salão nobre do Ideal Club, em 28 de julho de 1923, comemorando o centenário da adesão do Maranhão à Independência).....	55
<b>Apoteose ao poeta excelso</b> (Conferência realizada no sarau-Litero Musical da Academia Amazonense de Letras, comemorativo do Centenário de Gonçalves Dias, no salão nobre do Ideal Club, em Manaus, a 10 de agosto de 1923).....	65

PARA AS LINDAS MOÇAS  
DO MEU PAÍS

R. A.

Cada um, - seu caminho, seu modo de pensar e de sentir, verdadeiramente bem, cada um só pode conhecer de si mesmo, dos seus motivos, da sinceridade e honestidade de suas intenções. Se eles me querem julgar a mim, é um juízo fútil, porque não conhecem nada da minha psicologia. Se eu os quisesse julgar a eles, seria o mesmo. Foi por isso que na "Vida" de meu Pai procurei sempre explicar os atos e atitudes de um sem número de personagens pelo móvel mais elevado, porque se me enganasse, errava do lado da caridade e da benevolência.

Joaquim Nabuco.

## **A alma inquieta das mulheres**

(Conferências realizadas em Julho de 1922, em Florianópolis, no Teatro Álvaro de Carvalho).

Esse grande e famoso Anacreonte, que refloriu na época excepcional do paganismo antes do Cristo puro e imáculo, numa das suas ainda hoje cantantes e sugestivas odes, dizia a um pintor eminente – Pinta, Príncipe da Arte de Ródia; pinta como te digo eu, a minha Amada ausente. Em primeiro lugar pinta-lhe os cabelos negros e suaves... Pinta-lhe a fronte de marfim, e as sobrancelhas que sejam negras como os de Minerva, e graciosos como os de Vênus. Os seus lábios são como rosas mescladas de leite, provocadores de beijos, e todas as graças voejam em torno de seus ombros e ao redor do seu colo. Tudo o mais, pintor, cobre com vestido de púrpura, mas de como que se descubra algo da sua carne maravilhosa, que seja como amostra do seu corpo escultural. Basta que eu a mire e Ela assim está pronta para falar.

Certo se retrata com perfeição a Mulher, até no detalhe mais completo que é o seu olhar e o seu sorriso, e as telas maravilhosas e emocionais de Watteau, leves e transparentes como uma gaze; de Rubens com a sua discrição e a sua emocional perfectibilidade; de Rembrandt com a sua pompa, o seu colorido e a sua técnica formidável e tocante, pintaram com rara maestria bocas formosas e olhos estonteantes, cabelos negros como azeviche ou fulvos como raios de Sol, seios macios e veludosos e corpos duma beleza apurada e sadia linha escultural, expoente máximo da perfeição duma natureza triunfante e dominadora!

Mas... dizer, através duma psicologia que não fatigue, que seja profunda e aparentemente duma leveza de nuvem branca que se esfarrapa e se desfaz, da maior das complexidades humanas que é a Mulher, desse labirinto que é a sua Alma, desse tormento que é o seu Espírito, desse oceano que é o seu Coração, de certo é ousada tarefa só desculpável pólo rendilhado do assunto e pela finura e delicadeza da tese.

Como será possível numa perfeição rara e num acabamento incomparável, surpreender a alma inquieta das Mulheres, analisá-la, dissecá-la, - ela tão complexa que é, tão subtil, que é rio manso que desliza, às vezes tormenta dantesca que se desencadeia, que é doçura e rugido, que é bonança e ódio, tão desencontrada em si mesmo, tão encantadoramente desigual, tão deliciosamente paradoxal porque, Senhores, nós não sabemos nunca, nem muita vez Ela mesma, o que uma mulher quer e o que ela não quer!

Quem através dos livros rebuscados e de uma larga convivência social, se familiarizou com a esquisita, e estranha, e complicada, e extraordinária Mulher de hoje, destes tempos que correm, voam céleres e surpreendentes, fica espantado do seu refinamento, - e eu só vos falo dos expoentes – das suas sutilezas requintadas e adoravelmente extravagantes, para chegar a essa linda conclusão de que a Mulher de agora quando muita vez diz o “não” fatídico, nós devemos traduzir por um “sim” que está dentro do seu Coração...

Ela se contradiz até consigo mesma, com volúpia.

Por temperamento, por educação, por gosto e prazer, por uma filigrana do seu Espírito requintado, faz e desfaz, odeia e ama, quer e não quer, apura a tortura moral, - para depois se deixar fechar nos braços daquele que é o seu cuidado e o seu carinho!

Dizia esse grande psicólogo que é Julio Dantas – “falemos de Mulheres, que os homens são tão enfadonhos!”

Pois sim... Analisemos a sua Alma e observemos as suas contradições, o seu feito raro e original – que não há uma Criatura feminina igual à outra Criatura. Elas se diferenciam tanto de uma para outra!... Tanto!... As de hoje então são inteiramente diversas das de outrora, de fidalga, misto de minuete e pavana, que era o assombro encantado dos nossos avós, foi trocada pelo tipo americanizado da Mulher hodierna – fino, leve, ágil, delgado, sem espartilho, o corpo solto que se adivinha ligeiramente tendência masculina que com desprazer se assinala. E no comentário irônico e transbordante de malícia daquele belo estilista que eu vos citei ai acima – na sua fúria de masculinização, a Mulher começou por nos encantar, e estejamos certos, há de acabar por nos bater.”

E algumas delas, como ensaio, nos centros supercivilizados, já usam esquisitas bengalas...

Observava uma mulher inteligente – e elas geralmente são duma inteligência e duma sagacidade perturbadoras! – que quando o seu marido olhava-a com maior carícia e beijava-a com mais sofreguidão, é por já fazer ou tencionava fazer uma perfídia. E uma esfuziante observação acrescentava, pela palavra sempre nova e justa do autor de *Abelhas douradas*, - quando meu marido começa a andar perturbado por qualquer Mulher, eu sinto-o logo; - são em geral impressões superficiais, mais epiderme do que Alma; e, como quase sempre sucede com todos os sensuais e todos os artistas, o que o perturba de ordinário não é a pessoa de determinada Mulher, é um pormenor impessoal da beleza dessa Mulher, um pescoço bonito, umas mãos inteligentes, uns braços bem feitos; - e eu sei imediatamente o que o perturbou, porque é isso o que ele procura logo em mim com um nervosismo e uma emoção pouco vulgares nele.

Já dizia Haller numa observação célebre – “o homem vive menos do que deve e mais do que merece”.

E a convicção da morte é um bem para a Vida – porque nos ensina a bem querer, e a aperfeiçoar essa mesma Vida, para o nosso encanto e a nossa Glória.

Mas o homem de hoje quase não sonha. Ele reflete em demasia. E é triste, porque até o seu próprio trajar é antipático e fúnebre. Sempre as mesmas roupas escuras, o mesmo corte desolador! Brummell desaparece de todo... E é por isso que a Mulher é sempre nova para nós porque a Moda transforma-a, muda-a, rejuvenesce-a, dá-lhe tons surpreendentes, dá-lhe atitudes e gestos originais... Ela dia a dia nos aparece uma outra, modelada *chez Paquin*, *chez Readfern* – e o homem volúvel por feitio, temperamento a educação, às vezes ama sempre a mesma Mulher porque Ela lhe surge transformada, quase que de momento a momento, com os seus vestidos flagentes ou coleantes, com os seus chapéus bem parisienses, as suas botinas altas, os seus perfumes... E com a sua Alma dá-lhe ao fim a sensação de muitas Mulheres condensadas em uma só, que ele adora e ama porque na volubilidade da sua imaginação lhe parece que são muitas...

A mulher é mais infeliz – porque o homem é sempre o mesmo no trajar e no pensar, nos gestos e nas atitudes, diria monótono se não fosse magoar a brilhante assistência masculina. Já ele quis – pobres de nós! – se transformar para ver se aparecia um outro radiante Pompa, de Beleza e de Graça. Mas na sua preocupação única e exclusiva da Mulher, pretendeu logo copiá-la, imitá-la, e foi naquela infelicidade que todos nós sabemos quando surgiu o *almofadismo* que ele fez para agradar a Mulher e que só mereceu desta um sorriso de ironia, - misto de compaixão e de piedade.

Estude as Mulheres de Anatole France, de Gustavo Flaubert, de Afonso Daudet, de Paulo Bourget, dos irmãos Goncourt, de Octave Mibeau, Marcel Prevost, de Eça de Queiroz, de Julio Dantas, de Machado de Assis, José de Alencar, Manoel Macedo, Aluizio Azevedo, Raul Pompéia, Afrânio Peixoto, e tantos outros, e vereis como, vivendo quase que a mesma época e dentro do mesmo meio, elas são tão profundamente diferentes! As Almas são como as fisionomias, sempre diversas...

A *Thais* desse formidável e querido Anatole France, como a *Herodiade* do mestre Gustavo Flaubert, nos dão a mesma impressão religiosa e dignificadora. E nos deslumbrará sempre a *Salomé* desse extraordinário Oscar Wilde. São Mulheres várias mas desenhadas com vigoroso traço que podemos esquecer nunca. E essa observação foi feita numa antiga palestra por uma artista francesa que é Mulher virgem em desejo tenaz, absorvente, imperioso de o repetir, de renovar a sensação daquele delicioso pecado...

Mas a psicologia da Mulher é esquisita Vede a norte-americana que está servindo de modelo ao mundo. O romancista espanhol Blasco Ibanez, ainda recentemente afirmava que o homem tratava-a com demasiada consideração e tanto que ela se rebelava, reclamando um senhor que a mandasse com ação e energia.

Vós, Senhores, conhecidos à obra desse formidável Henry Bataille, o autor de *La Tendresse*, que vem de morrer subitamente em plena irradiação do seu talento no Paris amado... Nos seus dramas intensos ele estudou o múltiplo carácter feminino. Sem o amor não há o romance, o teatro, direi a própria Vida. O Amor nas suas sutis ramificações desde a paixão violenta e abrasadora até o carinho materno – é a própria existência da Mulher. E o grande Bataille analisou-o em seus infindos aspectos, com aquela superioridade que o fez dominar na capital da Inteligência, da Cultura, do Luxo e do Prazer. Em *La Femme Nue* dizia um critico sagaz, “essa amorosa que é Louise Cassagne ou Loulou pode ser comparada ao da amorosa aldeã da balada, desposada por Amor e transportada aos salões,

onde ela se julga sempre uma figura estranha, incompatível com aquele meio em que vem a aniquilar-se. *La Femme Nue* não há contestar, é uma obra poderosa em que se faz sentir continuamente a cadeia do Amor. Nas suas obras precedentes são os mesmos grilhões de sentimento a angustiar as almas nas mais violentas convulsões; na *Mamã Colibri* é a saciedade que esmaga um coração de Mulher; na *Marche Nuptiale* é a humilhação do erro; na *Femme Nue* é o injusto abandono.”

Mas Bataille escreveu um dia – “que a Mulher gosta de obedecer ao homem quando o ama, quer ser independente e igual a ele quando não o ama. Não obstante, como todo psicólogo sabe, é impossível generalizar, e a regra geral é que os sexos são iguais, e devem ter iguais direitos e idênticos privilégios. O fato de que a Mulher é diferente do homem, não quer dizer que ela lhe é inferior.

Em matéria de Amor tanto o homem como a Mulher se voltam para a “Natureza.”

Outro psicólogo e romancista, Marcel Prevost, dizia com rara finura que é impossível qualquer homem e em qualquer País, dominar a Mulher com a clava: somente pelo amor ela pode ser dominada, particularmente quando o seu próprio amor é mal recompensado. Nunca se deve deixar a Mulher convencer-se de que é grandemente amada, - e sim fazer com que ela o adivinhe, a estranha sempre insegura do amor que inspirou.

Mesmo porque a felicidade absoluta é uma deliciosa fantasia. Então numa Alma inquieta ela não existirá nunca... Permite que eu vos cite, minhas nobres Senhoras, um dito de espírito... O célebre pintor Michel Bouquet conversava um dia uma dama de alta sociedade.

- Dizei-me, pediu ele, vós que tendes todas as graças, espírito infinito e uma grande fortuna, qual é, segundo vós, o mais belo dia da existência?

- O mais belo dia da existência? Tornou ela.

- Sim.

- É a véspera dele...

A grande verdade é que nós necessitamos, por mais paradoxal que pareça, tornar feminina a Mulher.

Latinos, a Criatura norte-americana não está no nosso feitio de sentimento. Reparai bem que me insurjo contra o pieguismo doentio e clorótico e contra uma certa literatura paludada que nasceu com Ohnet e Escrich. Quero a Mulher forte, elegante, cheia de Espírito e de Graça, trabalhando, sadia de corpo e de Alma. Mas que acima de tudo seja Mulher, - sem os modos extravagantes dos homens mal educados, sem os gestos rebarbativos aprendidos nos *films* americanos, sem as idéias esquisitas duma liberdade exclusiva, que tende a fazer desaparecer a Família, no que ela tem de mais alto e nobre, e puro - para ficar apenas a individualidade, duma independência incondicional, isolada, e contraproducente.

Nós não podemos estudar a Mulher brasileira, a sua Alma, através das três grandes e poderosas poetisas nacionais - que são Francisca Julia da Silva, a cinzeladora de *Esphinges*, Rosalina Coelho Lisboa, a artista de *Rito Pagão*, e Gilka Machado, a autora de *Cristais Partidos e da Mulher Nua*.

Francisca Julia, que desgraçadamente é morta, era a paciente buriladora do verso, à maneira fria de Heredia, o mestre lapidar dos *Troféus*, e de Leconte de Lisle.

Lendo-a com raras exceções, a gente tem a impressão do verso perfeito aberto no mármore gelado. Francisca Julia era assim indiferente e glacial? Não, não era. Mas artista excepcional, ela tinha a preocupação de se revelar apenas dum parnasianismo impecável. Continha-se, dominava-se, e tudo que era Alma, que era Coração, que era Espírito, que era Sentimento, ela na sua preocupação exclusiva de artista, cortava, suprimia, fazia desaparecer.

Escutai estes dois sonetos magistrais, - *Musa Impassível*:

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero  
Luto jamais te afeie o cândido semblante!  
Diante de um jovem, conserva o mesmo orgulho; e diante.  
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero  
Em tua boca o suave e idílico descante.

Celebra ora um fantasma angüiforme de Dante,  
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;  
A rima, cujo som, de uma harmonia creba,  
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com os seus bárbaros ruídos,  
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,  
Ora o surdo rumor de mármore partidos.

O Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,  
Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!  
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca.  
Por esse grande espaço onde o impassível mora.

Leva-me longe, ò Musa impassível e branca!  
Longe, acima do mundo, imensidade em fora,  
Onde, chamas lançando ao cortejo da aurora,  
O áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,  
A deliciosa paz dos Olímpicos – Lares  
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo  
Passarem, através das brumas seculares,  
Os Poetas e os Heróis do grande mundo antigo.

Curiosa a lata trilogia das poetisas do Brasil! Nenhuma delas interpreta o sentir, o pensar, a vibração das nossas patrícias, tão cheias de Amor e afetividade! Rosalina Coelho Lisboa é uma famosa artista numa formosa Mulher. É um dos expoentes do Brasil literário e feminino. Pois bem: o seu verso não vibra, não canta, não entoa, não freme. É a impecabilidade fria da escultura. É apenas perfeito e como a grande Francisca Julia – ela, também, grande e maravilhosa – tem preocupação dos versos herediano e lecontiano no apuramento do metro e da rima.

Não canta o Amor a gloriosa Patrícia, - o Amor que é a Mulher e é a Vida. E daí concluir a sua impassibilidade? Não e não. Ela como a outra é Mulher brasileira e vibra, e freme, mas dentro da sua Arte é apenas ourives, é apenas Artista, burila, cinzela. Impõe a sua vontade excepcional ao verso, que maneja com mestria rara. Domina os seus sentimentos afetivos, faz calar o seu Coração, como que faz parar a circulação do sangue nas veias. Por temperamento? Não,- por vontade soberana, por Orgulho de Artista, e acima de tudo talvez, por delicado pudor de Mulher superior que não quer contar ao público mesclado Young, Acvaghosa e Tagore, - *Confiteor*:

Meu coração, nos chãos da vida empurra,  
Emanado de ilusões e amores passa,  
E o orgulho – que o resguarda, qual couraça –  
De esperança e saudades o depura.

Luto, e, na luta em que meu ser se apura,  
Espero a morte sem temer-lhe a ameaça,  
E prefiro a verdade da desgraça  
À estulta falsidade da ventura.

Pisando espinhos pela vida em fora,  
Opondo a todo o sonho o meu desdém,  
Forte no sacrifício, hora e mais hora.



Recebo o alento que da dor provem,  
- Porque na dor minha alma se avigora  
Para a renuncia, que é o supremo bem.

A gloriosa Gilka Machado também não reflete o sentir e a emoção da Mulher brasileira. A artista magnífica e suntuosa dos *Cristais partidos* é um vulcão. É febre. É o prazer, o gozo, a quintessência da Volúpia. É a carne bramar alto, com rugidos de fera.

E se a crítica assinala em Francisca Julia da Silva e Rosalina Coelho Lisboa a gelidez do verso, a impassibilidade de sua poesia, aponta em Gilka Machado o fogo entontecedor das suas estrofes sonoras, a voluptuosidade das suas imagens, o ardor do seu temperamento poético, o gozo que esponta de todo os seus versos.

Assim nenhuma das três, que são as três maiores poetisas do Brasil, interpreta a Alma e o Coração das brasileiras – a emoção desta, o Coração das brasileiras – a emoção desta, toda a sua ternura e todo o seu coração.

Essas três extraordinárias poetisas, nenhuma delas com o meio-termo, todas três contrariando talvez os seu temperamentos, duas são na poesia duma frieza marmórea, a outra labareda que sobe alto, que se contorce, que freme e queima de volúpia carnes moças e sadias.

Leio dos versos menos sensuais da musa excepcional de Gilka Machado, - *Anciã Múltipla*:

Dentro da magoa da ausência tua,  
teus beijos pairam, tremulando,  
como constelações numa noite sem lua;  
num carinho muito forte ou muito brando,  
teus beijos sempre me estão beijando.

Quando me beijas, os meus sentidos  
ficam todos nos lábios reunidos  
para beijarem o teu beijo, Amor!  
Por certo pensarás que a paixão me treslouca:  
Sente-os meu ser interior.

Quando longe te estás,  
teu beijo sabe muito mais!...  
gozo-o, egoisticamente,  
parada, na mudez de um solitário ambiente,  
sem que t'ó retribua,  
gozo-o por toda a epiderme nua,  
indefinidamente...

Na solidão,  
teu beijo ganha mais calor e outra extensão:  
largo, infinito, eletrizante,  
sinto-o, em tremores e em desmaios,  
vestir-me o corpo a cada instante  
qual uma túnica raios!  
Teu beijo dá-me a sensação  
de uma carícia que perfura...  
teus beijos matam a amargura  
que me atormenta  
de uma forma longa e lenta.  
aos teus que, às vezes, são  
finos e penetrantes como punhais.

Teus beijos... (deles trago os meus sentidos cheios)  
teus beijos claros e umectantes,

ficaram-me na vida, como veios  
de água, em deslizes e em descantes...  
teus beijos, os teus beijos caminhantes,  
que eram desertos abrasados antes.  
Teus beijos são elásticos por certo,  
eles se esticam tanto no meu ser,  
que, por senti-los, julgo crescer  
de tal maneira que nem te posso explicar,  
de tal maneira que medito:  
é assim  
que se espreguiça o aroma no ar,  
e que o vento se alonga no deserto,  
e a luz se espalha pelo infinito.

Beija-me sempre, e mais, e muito mais!...  
na minha boca esperam outras bocas  
insaciadas e loucas  
os beijos deliciosos que me dás!...  
beija-me ainda,  
ainda mais!...  
em mim sempre acharás  
à tua vida  
volúpias virginais  
e, beijando-me tanto, não confortas  
a anciã infinita dessas virgens mortas  
que, em ímpetos violentos,  
se manifestam nos meus sentimentos!...  
Beija-me mais, põe todo o teu calor  
nos beijos que me deres,  
pois vive em mim  
a alma de todas as mulheres  
que morreram sem amor!...

Elas nos dão a idéia de três formidáveis poetas...

Conheceis bem os lindos e gloriosos versos de Amor de Olavo Bilac, o Príncipe perfeito, de Alberto de Oliveira Delphino, para vos falar dos quatro maiores cantores do Brasil, daqueles que melhor souberam dizer do encanto, da graça e da bondade da Mulher patricia. Mas de preferência, vos citarei um requintado e emocional soneto de um dos nossos mais "novos", desse apurado poeta Guilherme de Almeida, que é o nosso Paul Géraldy. Ouvi, formosas Senhoras, estes belos versos que nos falam ao Coração:

Fico – deixas-me velho. Moça e bela,  
partes. Estes gerânios encarnados,  
que na janela vivem debruçados,  
vão morrer debruçados na janela.

E o piano, o teu canário tagarela,  
a lâmpada, o divã, os cortinados:  
"Que é feito dela?" – indagarão - coitados:  
E os amigos dirão: "Que é feito dela?"

Parte! E se, olhando atrás, da extrema curva  
da estrada, vires, esbatida e turva,  
tremor a alvura dos cabelos meus;

irás pensando, pelo teu caminho,

que essa pobre cabeça de velhinho  
é um lenço branco que te diz adeus!

Sou daqueles que acreditam que só se pode escrever com Verdade e Alma aquilo que se sentiu. Certo o período pode sair limado, a frase terça e brilhante, apurada. Mas a árvore não é, não pode ser florida...

Goethe dizia – fazei das vossas dores um poema. E assim as Mulheres que tanto padecem que são as grandes vítimas e as grandes sofredoras, porque no velho e sempre e sempre novo tema a Mulher é uma consequência da educação, da moral, do feitio, do carinho, do respeito, do trato do homem, - a não ser nos casos de degeneração – ela mais do que ninguém nos poderia dar páginas duma intensa afetividade. Lembro-me de ter lido uma curiosa nota à margem dum livro de La Bruyère sobre as mulheres inconsoláveis pelo abandono, feita por esse extraordinário Remy de Gourmont, o estilista das *Oraisons mauvaises*. Dizia ele que as Mulheres são habilíssimas ao se assegurarem se são realmente amadas. \* Para os homens porém isso é difícilimo. Embalaram-nos tanto com invencionices sobre a perfídia das Mulheres, que muitas vezes aquele que mais é distinguido e cumulado de favores duvida ainda, e sempre. Os homens são doentes do espírito. A dúvida é talvez mais digna que a fatuidade. Mas as Mulheres quase sempre preferem a fatuidade... A gente sente sempre que ama mais do que se queria amar, quando o amor nos afoga a fonte, que não se é mais senhor do próprio pensamento. Então é demasiado tarde para sabê-lo: e afinal intimamente a gente se sente feliz por ser demasiadamente tarde”.

Encontrareis nas nossas raras escritoras diversas páginas reflexivas do sentir da Mulher. A primeira delas, a maior de todas, vós o sabeis, é D. Julia Lopes de Almeida. Em alguns dos seus romances e dos seus contos, a Alma inquieta de algumas mulheres está bem psicologada. Já em *Albertina Bertha*, a vitoriosa de *Exaltação*, nós vamos encontrar o sonho realista – permiti o paradoxo – ou então uma certa filosofia à Nietszche, e estudos graves e profundos. Em Carmem Dolores tivemos deliciosas páginas, uns contos e umas crônicas excelentes de observação. Mas o certo é que poetisa ou escritora ela ainda não nos deu o livro perfeito que seja o estudo completo, absoluto, da Mulher brasileira.

Boa, generosa, inteligente e carinhosa, ela é Mãe excepcional. Certo a par de belas qualidades ela pode ter alguns senões, que eu não considerarei defeitos... Ser teimosa é um predicado da Mulher. Sabeis de certo as lendas e anedotas que correm a respeito nas capitais e no sertão... E nas páginas cheias de malícias de Frederic Mistral, *Lis isclo a'or*, *As ilhas de ouro*, temos contos duma grande sugestão e duma adorável perfídia sobre a teimosia do sexo dominador... Mas o certo é que a Mulher se torna preciosa e adorável quando teima em nos querer bem...

Já dizia um crítico cintilante que o Dr. Fausto e o desencanto D. João, cada um a seu modo, representam os dois momentos mais altos da inquietação moderna. – “O primeiro, filho de Renascimento sem fé, o segundo filho da Revolução sem Deus, encarnam ambos a tortura do Espírito e do Coração humano em busca da felicidade inatingida”. E esse crítico que é Ronald de Carvalho, acrescenta – que em Fausto se desenrola a tragédia da razão. Suas dúvidas porém são divinas, estão muito acima das nossas dúvidas mesquinhas e miseráveis. Em D. João se vislumbra a tragicomédia dos nossos desejos, tanto mais violentos quanto mais impossíveis. Fausto caminha para a Verdade. D. João persiste no erro. Fausto é o Homem como ele o deveria ser. D. João é simplesmente o homem, o homem vulgar, cujo mau sangue não vale o pergaminho com que o diabo costuma tentar a Alma dos heróis... Rostand, Regnier e Rataille estudaram a figura lendária de D. Juan – o grande sedutor. É o que é exato é que ele, D. Miguel Manara Vicentelo de Zeca, para vingar hoje teve que se adaptar a época e desprezar a espada, os punhos de renda, o chapéu com plumas... E o certo é que num extravagante inquérito parisiense para de saber – como as damas de agora sonham o seu D. Juan, não mais aquele sevilhano que era um ciclone nos corações, as respostas foram é confessa-lo, um tipo representativo com aplausos unânimes. Não. A grande duquesa de Rohan por exemplo, como a brilhante poetisa *Madame* Catulle Mendes, como a artista Mlle. Cecil Sorel, cada uma delas criaram para o seu uso pessoal um tipo de D. Juan que, é claro, só existe na imaginação. Se é fascinador, aquele um tirano. Mas o que surpreende é o D. Juan sonhando pelo original Mlle. Mistinguett, e que bem revela a nossa época, - um homem mal penteado, de olhar trágico, e com uma barba tremenda...

Theofilo Gauthier nas páginas de *Viagem à Hespanha* nos conta do verdadeiro D. João, que, aliás se chamava Miguel – pois não devemos confundi-lo com o outro D. João Tenório, mau filho, sedutor debochado, devedor e assassino, que Merimée propositadamente misturou com o primeiro, para efeito romanesco.

Maurice Barrès no seu livro empolgante *Du sang, de la volupté, de la mort*, descreve uma visita a D. Miguel Manara – “no hospital de caridade onde ainda hoje se vê o horrível quadro dos *Dous cadáveres*, encomendado pelo arrependido a Valdez Leal, e a máscara tirada do seu rosto no leito de morte, Barrès diz que essa máscara lhe fez lembrar Pascal, e não se terá esquecido a página célebre em que o escritor nos mostra em D. Juan “um homem encarniçado na conquista da felicidade, e que o furor por não a encontrar, junta a amargura de propagar a dor do mundo”.

É a mesma anciã, é o mesmo sonho, em caminhos opostos, do legendário D. Quixote.

É também o pesar e o Amor. Recordai aqueles lindos versos tão suaves e tocantes, tão serenos e profundos, número formoso do *Intermezzo* do inimitável Henrique Heine, esplendidamente traduzido por uma extraordinária Mulher, - que foi Francisca Julia da Silva:

Já te esqueceste, pois, inteiramente,  
De que em melhores épocas da vida,  
Teu coração, querida,  
Me palpitou no coração ardente?  
Teu coração de leve mariposa  
Esvoaçante e terrena,  
Tão pequeno e tão falso, que outra coisa  
Não pode haver mais falsa e mais pequena!

E, de certo, também já te esqueceste  
Do pesar e do Amor  
Com que tu me prendeste  
O coração num círculo de dor.  
Pesar e Amor! ambos me fazem doente,  
Ambos me são do pranto  
Incentivos fatais;  
E não sei, entretanto,  
Se aquele pode ser maior do que este,  
Pois sei apenas que ambos, igualmente,  
Já são grandes demais.

Mas todas as extravagâncias e caprichos passarão para ficar um misto de realidade e poesia, de bom senso e de ideal, de Sonho e Verdade – e esse será o tipo definitivo de Homem que há de agradar à Mulher inteligente e moderna, porque se não se vive só da fantasia, muito menos se viverá somente da matéria. Assim o produto selecionado surgirá, para o nosso prazer e o nosso encanto, e para as delícias da Mulher superior que sabe querer amar.

Não será ainda a perfeição – mesmo porque como dizia esse extraordinário Anatole Frnace – “L’idée très triste lorsqu’ on l’applique à L’homme et à L’existence...”

Precisamos não ter o pessimismo sistemático de Schopenhauer, e pensar diferente de Sganarello que dizia – “Quando tiveres visto tudo não acredites em nada...” Não sejamos otimistas, mas também não afirmemos que na Vida tudo é fiel...

E esse meio termo, essa filosofia risonha nós vamos encontrar nas Mulheres dos nossos principais romancistas, através das suas obras. Foram os homens que no Brasil literário melhor estudaram as suas patrícias. Citemos apenas os maiores – José de Alencar e Manoel de Macedo, Machado de Assis e Raul Pompéia Aluisio Azevedo e Afrânio Peixoto. As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *O Ateneu* são dois formosos e excepcionais romances onde a Alma das suas Mulheres está analisada magnificamente, como na trilogia de Alencar, - em *A Moreninha*, em *O Coruja*, em *A Esfinge*, *Fruta do Mato*, *Maria Bonita*, *Bugrinha* e em tantas outras obras desses autores.

O que faz, minhas nobres Senhoras, a vossa grande superioridade é que dia a dia vos tornais diferentes e diversas, sendo sempre uma só, sendo sempre a mesma. Essa psicologia, de resto, é feita por todos nós escritores, e já aparece clara e rutila na obra shakespeariana. É isso o que mais nos encanta em vós, e o que nos prende, e o que nos impressiona. De resto que vos delicia e nos tortura, a busca da Felicidade eternamente irrequieta, o ser e não ser, o querer e não querer, as contínuas contradições, o “não” de hoje e o “sim” de amanhã a dúvida, o receio, o temor, o aborrecimento e a ternura, o queixume e a carícia, o ódio, o amor, - é essa aparente volubilidade, mas que é a fórmula do vosso temperamento, que faz o vosso Poder, a vossa Força, o vosso Domínio, para o nosso prazer e o nosso encanto!

Seria cair na banalidade se a Mulher se transformasse em uma só - igual, sem nuances. A sua Alma sem inquietações, monótona. Ficariamos todos nós facilmente enfasiados. Nesta época dolorosa e cruel almejamos por aspectos e sensações. Era como se nós víssemos a dama que bem queremos, eternamente com o mesmo vestido, o mesmo penteado, o mesmo calçado!

Vós deveis, lindas e formosas criaturas, adorar a Moda... Ela é um complemento da Alma feminina. São irmãs. A Moda não pára, evolui sempre, caprichosa, fascinadora, dominante. Às vezes exagerada, como a Alma.

Hoje ela repudia o que adorou ontem, para cheia de pompa restabelecer amanhã. Assim o Espírito, assim o Coração... E se vós nos encantais pela fina ductilidade da vossa Alma, encantados e presos ficamos também por essa Moda cheia de graça, pontilhada de simplicidade e beleza que vos transforma dia a dia aos nossos olhos deslumbrados!

Sincera no sentimento amando com fervor e convicção, com lealdade e nobreza, sim - mas cheia de nuances de espírito, de delicadezas, de sutilezas, de pequenas contradições, de sim e não, acompanhando o vosso vestir vário, múltiplo, os vossos discretos arrebiques, os vossos lindos enfeites, as vossas jóias variegadas, vestidos flanes que nos dão a idéia de criaturas que batendo azas descem do céu azul...

Os homens são presos por esses pequenos nada, que são tudo. Eles adoram essa doce incerteza... O mistério ainda é a suprema Felicidade.

É por isso que Henry Murger será eterno como eterno será Georges Rodenbach. Eles lidos ou representados fazem boiar lágrimas nos nossos olhos...

E por que? Porque nas páginas da *Vie de Bohême*, como nos períodos de *Bruges-la-mort* nós encontramos vivo o mesmo sentimento cheio de tocante piedade...

Nós continuamos amando a Mulher que morreu, o que nos deixou. Um fulgurante escritor nosso comentava que - “aquele que ama não se consola da ausência do objeto amado e tudo faz para pensar que ainda o tem junto de si. Guarda relíquias suas: um vestido, um chapéu, uma jóia, um luva. Põe o seu retrato em local onde mais continuamente o veja e na sua contemplação encontra um lenitivo quase místico à dor da sua separação, no sofrimento da sua desesperança. Procurar sombras que lembrem realidade é o verdadeiro destino dos homens na terra, sobretudo em amor, porque parece que se ama no fundo da alma uma mulher ideal intangível, assombrosamente admirável, talvez oriental, fada medieval, ninfa pagã, anjo cristão, realidade longínqua da qual todas as outras Mulheres são simples sombras que nos consolam. “Ainda é o Mistério”.

Já lestes de certo esse delicioso conhecedor da Alma feminina que é Paul Gerdely, o criador de *Toi et Moi*. No *Aimer*, o grande êxito do Paris teatral ao morrer do ano findo, ele estuda com aquela mestria e aquele encanto muito seus, um complexo coração de Mulher. - “Lê S’aimer d’avance, parbeu, c’est de s’aimer quand on se connait...”

E está aí condensada toda a teoria da Felicidade no casamento, minhas Senhoras. O grande problema não é amar antes de se conhecer, antes do trato do dia a dia, da familiaridade. Antes festas, são salamaleques, soa requintes de atenção e delicadezas. É o doce e sensual noivado. O “depois” é que é a máxima dificuldade... Quando os dois, enfim, na convivência do Lar, se vêm a conhecer bem, se estudam recíproca e silenciosamente, observando desconfiados um ao outro, surpresos de defeitos e de senões ou de altas e raras qualidades e ainda se querem, ou se querem com maior fervor, perdoando erros de educação e temperamento e assinalando radiosos gestos de beleza e de bondade - então, sim, e só então, é o Amor, o verdadeiro, o grande e querido Amor!

É em Paul Gerdely e no *Aimer*, que nós encontramos aquela frase que ficou célebre, dum homem de 40 anos bem vividos, falando com aquela que ele Ama e que não é livre:

-Vous ne savez pás ce que peut être l'amour d'un homme de mon age qui ne croyait pás à l'amour!

Sim, como devia ser violenta a paixão desse homem superior que não acreditava no amor!...

São pontos controversos, bem sei, como controversa é a beleza da Mulher. – Quando é bonita? É claro e intuitivo que ela pode ser bonita sem ser bela. Observava uma escritora de certo relevo, Helena Mac Koc, "que regulares, bem conformadas na sua forma material, contorno sem imperfeições. A Mulher bonita é mais alguma coisa: é a beleza carnal sorrindo à beleza moral. A mulher bela é mais divina do que humana. Uma volta-se para o céu, a outra se debruça sobre a terra..."

Dizia o poeta do Rubayat – que a melhor e mais sabia atitude do homem neste mundo, que não é seu nem foi feito por ele, é uma doce tolerância... A bondade ainda é o maior expoente do caráter e da educação. Assim nós homens temos que ter essa doce tolerância por umas certas atitudes da Mulher provenientes do seu feitio e do seu temperamento. Não vos falo dos crimes, - mas sim dos pequenos gestos, dos ligeiros equívocos, das inofensivas teimosias. Ser tolerante, senhores que bondosamente me escutais, é uma alta e apurada fórmula da Felicidade.

Ser mau, ser autoritário, ser intransigente, se é pernicioso no trato e no comércio dos homens, imagine no lidar com as Mulheres! Daí muita vez, diria quase sempre, as incompatibilidades em alguns Lares, a infelicidade de duas criaturas e a desgraça dos filhos – -e as crianças ainda são e serão sempre, as nossas maiores alegrias, radiosos sol de primavera na nossa Vida de torturados!

O ideal feminino, escrevia o meu brilhante confrade Mucio Leoa – tem-se modificado estranhamente na literatura e na Vida. Na Idade Média a Mulher é a castelã formosa, cantada pelo verso dos troveiros e defendida pela intrepidez os paladinos. Rainha e amante vemo-la duplamente bela. Às vezes, a sombra de um pecado a coroa de uma branda luz, como a Francisca da Ramini, aquela gentil incestuosa que o Dante nos mostra nos tercetos do *Inferno*, sedutora de graças e desejos, e lembrando o tempo dos *dolci sospiri*. O renascimento sublimou ainda esse ideal poético: nasceu Beatriz, a *dona angelicata*, e nasceram a Laura, de Petrarca, e a Selvagia, de Cino de Pistóia. E era a esse ideal de todos os poetas que o amigo de Allighieri dizia numa divina canção:

Nele man vostre, dolce dona mia,  
Racomando lo spirito che muore...

A civilização, acrescentou, foi inclemente para as nossa irmãs: e hoje aquele ideal de poesia e graça e fragilidade veio produzir a agitadora das ruas, as clamorosa sufragista...

Num outro estudo, o mesmo crítico, que vem se revelando fino analisador, comentava "que as Mulheres excepcionais pela formosura tem o direito de esquecer as convenções morais. Há na beleza, uma virtude maior do que a virtude e um gênio mais sublime do que o gênio. E talvez mesmo dissesse comigo, diante de falhas, as palavras que Fausto dizia diante de Margarida. – "Todo o seu crime foi um doce erro!"

E em simples comentário eu vos digo que felizmente são raras e excepcionais as Mulheres de perfeita Beleza...

De certo, Senhores, vós conheceis aquele verso magistral e soberbo do Dante famoso:

"L'amor qui muove il sole e l'altre stelle"

O amor é a Vida. O amor é a Poesia e a Prosa, a Música e a Pintura, a Escultura e a Dança, é, em sùmula, a Mulher. Ele tem, sim, várias e surpreendentes modalidades. Na Poesia ele é Gonçalves Dias e Olavo Bilac – os dois maiores – e Raimundo Correa e Alberto de Oliveira, e Luiz Delfino, e Emilio de Menezes, e Luiz Murat e tanto outros; na Prosa ele é o maior expoente da literatura brasileira, Machado de Assis, e Raul Pompéia, e Afrânio Peixoto, e Coelho Netto, e Medeiros de Albuquerque, e outros mais; na Pintura e na Escultura ele é na tela e no mármore toda uma vibração, - na Dança...

... A Dança, minhas gentis Senhoras, é como se fosse a Alma esquisita das Mulheres. Ela é nas suas atitudes e nos seus gestos como que o reflexo de idéias descontraídas, de

pensamentos rubros como o sangue ou delicados e sugestivos como espírito das crianças. Claro que não vos falo dessas Danças materializadas de agora, triste expressão duma época quase dolorosa e amarga, que ainda não aprendeu a sorrir...

Digo daquela Dança que é uma Arte superior e requintada. Falo-vos dos bailados, dos minuetos, das pavanas, dos lanceiros, das valsas lentas, enfim de todas essas marcas que fizeram e fazem a delícia das pessoas de bom gosto, de fina intelectualidade e de alta sensibilidade. É uma Arte espontânea e instintiva. É o Ritmo sugestivo, com dominador. A Música e a Dança clássica, com os seus bailados e os seus compassados, são uma grande expressão do Belo e do Perfeito, e traduzem toda uma apurada sentimentalidade. É um rendilhado, é às vezes uma filigrana, gozo espiritual para as Almas eleitas.

Lembram-se dessa leve nuvem que dança e que é Pavlowa? E de Isadora Duncan, que é toda uma tragédia vivida? De Carmen Lydia? De Nelly Nell? De Annita Delgado, depois Princesa? De Dourga? De Demidoff? De Roukaya? De Karsavina? E a grande Serge Diaghilew?

E Lubowska? Recordam-se? Era às vezes dum orientalismo extasiante e dominador. Ela era toda uma vibração interpretando no dançar clássico Chopin, Massenet e Thomas.

O bailado é esse maravilhoso Nijinsky, esse delicioso e suave Volinine, é Vera Fodina, mas é principalmente e acima de tudo a Arte extasiante de Isadora Duncan, de Serge Diaghilew e de Pavlowa, que eu via deslumbrado nas noites memoráveis de Danças clássicas e russas cheias de finura e de Pompa, maravilhosas de Cor e de Luz!

É a Alma da Música, que é a Alma da Mulher!

Vós bem sabeis, minhas nobres senhoras, que lá no alto, lá acima de tudo e de todos, paira esse Deus misericordioso e bom, que esta sempre perto dos justos, sempre perto dos justos, sempre junto das Almas grandes e generosas!

Vós bem sabeis, lindas moças da minha Pátria, que a vossa terra, a vossa encantadora cidade - é bem a Ilha do Sonho e da Saudade! Pequena é graciosa, ela é cheia de tradições de honra, de cavalheirismo, de inteligência e de cultura, e de bondade, risonha como um dia primaveral lavado de Sol, boa como alma carinhosa das Mães, ciosa de seu nome e da sua Glória!

Vós bem sabeis, formosas moças catarinenses, que pela vossa graça e Espírito, vos consideramos os belos Enfeites da Cidade, - no dizer e no pensar adequado dum amigo meu e admirador vosso, que tem a felicidade habitar este airoso pedaço de terra, todo ele Príncipe de lenda em alma medieval, psicólogo fino e apurado que galantemente vos chama, a vós minhas donairosas patricias de garridos e artísticos Enfeites da Cidade!

Olhos! Expressivos olhos os vossos, janelas abertas à Vida, "singulares estrelas do Mistério das Almas", no dizer gracioso dos poetas fidalgos! Olhar misto de ingenuidade e amor, simples e tocante como a Ave-Maria, todo ele uma grande expressão de carinho e de paixão, puro como a pequena Alma branca das crianças! Olhar meigo e doce, e suave, e cantante! Às vezes brilhante e cheio duma vida nova por um sente, que vibra todo, que nos retempera e que nos rejuvenesce! Olhos lânguidos, olhos de formosas Mulheres, erguei-vos, voltai-vos para o grande, e infindo céu azul, e pedi ao Deus magnânimo que proteja sempre a vossa linda e querida Cidade!

Mãos! Brancas e aristocráticas mãos finas e macias, cetinosas, de veias azuladas, de contornos graciosos! Longas e delicadas, como elas nos fazem pensar e suggestionam! Leves, cintilantes, pontilhadas de rubis rubros como ocasos ensangüentados, de esmeraldas, de esmeraldas dum verde fino e transparente, e de brancas e leitosas opalas, de brilhantes que fulguram como raios de Sol, de diamantes que cintilam como chamas e de ametistas, e de safiras, e de turquesas, e de topázios! Mãos absorventes, mãos com pétalas que são os dedos esguios, claras e róseas, dum leve amorenado de jambo, Diluídas, translúcidas, suaves, veludosas, fumadas, simples e ingênuas, mãos feitas beijos castos, de bem-aventurança, levante-vos, enlaçai-vos uma na outra, e para cima, erguidas à altura das vossas cabeças de madonas, junto das vossas formosas cabeleiras negras como a Noite ou fulvas como o Ouro, rogai ao Deus dos bons e dos justos pela fortuna perene da vossa terra que é um encanto, e da vossa Pátria que é uma Glória!

Lábios! Expressivos lábios de Mulheres formosas! Bocas lindas e graciosas, bocas feitas para beijos de amor puro e preces tocantes... Taça escarlata por onde escapam beijos e se murmuram orações! Falai, dizei de vossa Ilha que é um Sonho, beijada pelo

glorioso e bravio, encantadora pelas praias brancas e longas que a bordam, e pelas florestas espessas que têm todas as tonalidades e nuances do verde; que é uma Saudade, uma grande Saudade sim, porque não há Espírito requintado, não há Alma refletida, não há Coração afetivo que, convivendo um pouco conosco, tendo o vosso trato lano de gente inteligente e culta, no comércio amistoso com os vossos magníficos e belos intelectuais, com os vossos apurados e distinguidos homens de burocracia e de sociedade, com o conhecimento do fulgurante expoente da Inteligência e Graça que é a Mulher catarinense, não tenha e não sinta a pena duma separação involuntária! E, minhas nobres e formosas Senhoras, os lindos olhos postos no Céu, as mãos patricias erguidas para o alto, e os lábios de seda entreaberto num doce sorriso, que é a suprema Arte feminina, rezem – moças formosas da minha Pátria, brasileiras gloriosas de Beleza e Bondade! – rezem sempre, de leve, de manso contritamente, com fervor infindo, pela radiosa Felicidade da vossa Ilha, - Ilha do Sonho e da Saudade!...

### Centenário em Flor

(Conferência realizada na noite de 13 de maio de 1922, no CLUB CURITIBANO, em Curitiba, a convite da Diretoria do mesmo CLUBE).

**NUMA** daquelas páginas sintéticas e luminosas e Anatole, o mestre supremo da França intelectual, naquele estilo alto e radioso que é muito seu, ele paradoxalmente faz a apologia do mal. – “Sim, diz o Mestre, o mal é imortal. O gênio no qual a velha Teologia o escarna, Satan, sobreviverá ao último homem e ficará sozinho, sentando, de asas fechadas, sobre as ruínas dos mundos extintos. E nós não temos o direito de desejar a morte de Satanás. Uma lata filosofia não lastimar a eternidade do mal universal. Reconhecerá pelo contrário que ele é necessário e deve durar, porque sem ele nada o homem teria a fazer neste mundo. Era como se não existisse. A vida não teria explicação. Tornar-se-ia mesmo incompreensível. Porque? Porque o mal é a razão da existência do bem e o bem é a única razão da existência do homem. Se o mal desaparecesse, a terra perderia o seu ornato e a sua glória”.

Daí exaltarmos hoje o bem apoteosando os precursores daquela cruzada fulgente neste Centenário em flor, prestes a desabrochar para a nossa Honra e a nossa Glória!”.

Daí Vitória àqueles que solidificaram feitos enobrecedores, aclamando os seus nomes ingentes, ensinando-os a toda uma esplêndida mocidade que surge, inteligente e forte, cultuando enfim um passado límpido e emocional que é uma honra para todos nós Brasileiros!

Quando o nosso País se proclamou independente já tinha alguns dos seus direitos assegurados. A colônia não estagnava, trabalhava. O nacional foi sempre inteligente, e já buscava na indústria o seu melhor desenvolvimento. E desde então era latente a idéia dessa Independência nos espíritos superiores e refletidos. A campanha de sapa se fazia. O mal-estar era geral, desde as camadas superiores às inferiores.

Um dos nossos historiadores (Liberato de Castro Carreira, na *História das Finanças da Monarquia*) dizia que - “desde o momento em que a Família Real transferiu de Portugal a sua residência para o Brasil, libertou-o da sujeição à Metrópole e firmou-lhe direitos que jamais poderiam ser derogados. A Carta-régia de 28 de Janeiro de 1808 e o Decreto de 16 de Dezembro de 1815, aquela abrindo os portos do Brasil ao comércio do mundo, e este elevando-o à categoria de Reino, apontaram-lhe o caminho da liberdade”.

O certo é que já tínhamos administração nossa há treze anos e que só podíamos evoluir, e não retrogradar para uma simples colônia.

Em Portugal reinava o absolutismo e tendo as Cortes chamado a Lisboa D. João VI, embarcou este do Brasil a 26 de Abril de 1821, ficando como Regente em nosso País o Príncipe D. Pedro, por Decreto de 22 desse mês.

Os acontecimentos se precipitaram em Portugal e vinham se refletir no Brasil. Surgia a idéia para logo depois ser efetivada da nossa Independência.

Ela era fatal e os brasileiros iam fazê-la. D. Pedro perscrutou, sentiu-a. E ou a proclamaria ou seria banido. Viu o dilema que não comportava outra solução. E então



zelando mais os seus interesses e os de Portugal do que os nossos, - o que afinal era humano - consultou ao seu Pai numa carta célebre e hábil, missiva então premente e angustiada.

Nós éramos ao tempo três milhões de habitantes com diferenças étnicas. D. João VI antes bem conhecedor da situação evitou o desmembramento. "Foi um predestinado embora sendo um medíocre" - no dizer de Euclides da Cunha. Nos *Ensaios de História e Crítica*, a D. João VI "talvez todo o vasto território brasileiro se tivesse fragmentado em pequenas Repúblicas rivais, sangrando sobre os caudilhos e as revoluções".

De vossos conhecimentos decerto, Senhores, são aquelas magníficas conferências feitas na Sorbonne pelo nosso grande historiador Oliveira Lima. Elas se referem ao nosso País. Quer nessas páginas cheias de luz, quer na extraordinária obra sobre "D. João VI no Brasil", o nosso patrício, escritor e diplomata, procura reabilitar historicamente aquele Rei de Portugal tão malsinado pelos seus conterrâneos. E Alberto d'Oliveira, um nome rutilante em terra de além-mar, por sua vez diplomata e escritor português, comenta: - "D. João VI trabalhava para nós, portugueses, e ainda era em nós que pensava no último conselho dado ao seu filho, o momento de regressar a Portugal ao seu 'Canapé da Europa', como tão pitorescamente lhe chamava. Canapé foi esse, por sinal, em que não foi dado ao seu corpo vivo dormir uma só sexta tranqüila, e que ainda até agora não concedeu aos seus ossos, nem perdão, nem esquecimento".

Antes aquele astuto e ponderado conselheiro D. Thomaz Aquino escrevia de Lisboa a D. João em carta de 24 de Abril de 1821: - "Onde V. M. ficar é seu; a outra parte há de perder".

E de fato tendo atendido à intimação que recebera, embarcando, D. João ganhou Portugal mas perdeu o Brasil. Sou daqueles que pensam e acreditam que o sucessor de D. João VI, no movimento decisivo de que nos ocupamos, não foi um agente e sim um instrumento político por si próprio ele nunca teria feito a Independência.

Os fatos é que o forçaram a ter o grande e belo Gesto, a não ser preferisse perder o trono.

Bem sei que abalizados historicamente até do Brasil dizem o contrário. Entre esses está o Mestre que é João Ribeiro, da Academia de Letras. Mas pela própria correspondência de D. Pedro I não será difícil provar que a razão está do nosso lado.

Ele agiu influenciado e dominado pelos brasileiros de escola e pela corrente popular a avalanche que vinha, que se formava, subia alto. José Bonifácio, O Patriarca, era força dominadora.

O historiador Teófilo Ottoni (*Carta sobre a estátua Eqüestre de D. Pedro I*) Escrevia: - "Apesar da oposição do Príncipe D. Pedro I amadureceu a Independência. Sua alteza Real via-se em difícil alternativa: ou transigir ou retirar-se. Transigiu. E mediante prévio compromisso de sustentar o sistema representativo se lhe concedeu a púrpura imperial. O Sr. Duque de Bragança não o fator da Independência do Brasil".

Um outro grande e profundo, e sábio escritor e historiador, é esse português, o extraordinário Oliveira Martins (*O Brasil e as Colônias Portuguesas*) dizia: - "Começa agora a intervenção pessoal do príncipe D. Pedro nessa confusa história em que a desmoralização da Corte, e indecisão, franqueza de D. João VI tem uma parte considerável, como os atos do príncipe, que era para uns traidor à pátria portuguesa, para outros o fiel defensor dela; pra uns o Bolívar brasileiro, para outros o maior inimigo da Independência. Vale a pena demorarmo-nos a discriminar bem o valor dos atos de D. Pedro? Afigura-se nos que não, Ele era um instrumento, mais do que agente".

Mas acima do opinar desses historiadores, os que estão com a verdade e os que não estão, há esta correspondência clara insofismável, esmagadora, trocada entre filho e pai, entre D. Pedro I então no Brasil, e D. João VI então em Lisboa.

Por essa carta era o próprio príncipe D. Pedro que se declarava hostil à Independência do Brasil. Reparai na data. Era de 1821... (*Diário das Cortes de Lisboa, 1822*) - "Rio de Janeiro, 4 de Outubro de 1821. Meu Pai e meu Senhor. Com bem desgosto pego na pena para comunicar a Vossa Majestade do motim e boatos mui forte que correm de plano pela cidade. A independência tem-se querido cobrir comigo e com a tropa; com nenhum conseguiu, nem conseguirá, porque a minha honra e a dela é maior que todo o Brasil; queriam e dizem que me querem aclamar Imperador; protesto a Vossa Majestade que nunca serei perfuro, e que nunca lhe serei falso; e que eles farão essa loucura, mas será

depois de eu e todos os portugueses estarmos feitos em postas é o que eu juro à Vossa Majestade, escrevendo nesta com o meu sangue estas seguintes palavras: JURO SER SEMPRE FIEL À VOSSA MAJESTADE, À NAÇÃO E À CONSTITUIÇÃO PORTUGUESA. Deus guarde, etc. - PEDRO”.

Mas a onda subia alto e o Príncipe refletiu...

Em outra carta, essa datada de 14 de Dezembro de 1821, o filho escrevia ao seu Pai, já com as idéias modificadas, premido pelo momento e pelas circunstâncias. Escutai esse documento por onde bem se pode fazer a psicologia extraordinária desse Príncipe extraordinário:

“Rio de Janeiro 11 de Dezembro de 1821. – Meu pai e meu Senhor: Dou parte a Vossa Majestade que a publicação dos decretos fez muitos europeus aqui estabelecidos, a ponto de dizerem pelas ruas: si a constituição é fazer-nos mal, leve o diabo tal coisa, havemos fazer termo para o Príncipe não sair, sob pena ficar responsável pela perda do Brasil para Portugal, e queremos ficar responsáveis por ele não cumprir os dois decretos publicados; temos de fazer representações juntos com S. Paulo e Minas Gerais e todas as outras, que se puderam juntar dentro do prazo às cortes, e sem isto não há de ir. Veja Vossa Majestade a que eu me expus pela nação e por Vossa Majestade.

Sem embargo de todas essas vozes, eu me vou aprontando com toda a pressa e sossego, a fim de ver se posso, como devo, cumprir tão sagradas ordens, porque a minha obrigação é obedecer cegamente, e assim o pede a minha honra ainda que perca a vida, mas nunca pela exposição ou perdimento dela fazer perder milhares.

Faz-se muito preciso, para desengargo meu, seja presente ao soberano Congresso esta carta; e Vossa Majestade lhe faça saber da minha parte que me será sensível sobre maneira, se o foi obrigado pelo povo a não dar o exato cumprimento à tão soberanas ordens; mas que esteja o Congresso certo, que hei de fazer com razões os mais fortes argumentos, diligenciando o exato cumprimento de quanto nas minhas forças couber. Deus guarde, etc... PEDRO”.

D. Pedro I verificou que a Independência seria em breve um fato e já em junho de 1822 escrevia para Portugal:

“Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1822. Meu Pai e meu Senhor. Tive a honra e o prazer de receber de Vossa Majestade duas cartas, uma pelo Costa Coito, e outra pelo Chamberlain, em as quais Vossa Majestade me comunicava seu estado de saúde física, a qual eu estimo mais que ninguém, em que me dizia - GUIA-TE PELAS CIRCUNSTÂNCIAS COM PRUDÊNCIA E CAUTELA, - esta recomendação é digna de todo o homem, é muito mais de um Pai a um Filho, e de um Rei a um súdito, que o ama e respeita sobremaneira. Eu ainda me lembro e me lembrarei sempre que Vossa Majestade me disse antes de partir dois dias, no seu quarto: - “PEDRO, SE O BRASIL SE SEPARAR ANTES SEJA PARA TI, QUE ME HAS DE RESPEITAR DO QUE PARA ALGUM DESSES AVENTUREIROS”. Foi chegado o momento.”

Assim tiramos a conclusão clara e nítida de que não foi Pedro I o agente da Independência e sim o seu instrumento político. Quem fez de fato a Independência do Brasil foram os brasileiros.

E se ainda não bastasse teríamos dois documentos interessantes e curiosos citados pelos meu brilhante e erudito confrade Assis Cintra, que já se notabilizou em estudos e ensaios históricos. Em 1822, em pleno Parlamento, gritava o deputado português Borges Carneiro: - “O Príncipe está servindo de instrumento no Brasil.”

E em 1825 estudando a Independência dizia o Visconde de Cairu (*Principais Sucessos Políticos*, parte X, secção III, Capítulo I, pág. 8): “... tinha (o discurso lido por Leão e lido em nome do povo) esta conclusão: - Já conheces, Senhor, os bens e os males, que esperam a ti e a tua Posteridade. Queres ou não queres? Resolve, Senhor.”

Esta cláusula final pela sua frase compulsória e ditatorial, foi objeto de publica censura. Estranhou-se tal linguagem nunca ouvida, que parecia anunciar no Rio um poder oculto que se arrogava o direito de dispor do Governo do Brasil.

E conclui Assis Cintra, em magnífica síntese:

\*Já se vê que existia no Rio, em 1821 e 1822, um *poder oculto*, que fazia de D. Pedro um simples *instrumento*. Esse *poder*, superior ao do Príncipe, era a Maçonaria”.

Mas nem pelo gesto do Príncipe não ter sido espontâneo e visar apenas os seus interesses pessoais e os da Casa reinante, nem por isso devemos deixar de aplaudi-lo, de

apoteosá-lo. A História – que muita vez é a grande e deliciosa enganadora – está cheia de fatos e conseqüências magníficas e que, na essência, obedeceram apenas a interesses subalternos ocasionais... mas eles num futuro não mui remoto trouxeram o Bem à Humanidade, e daí ser um gesto de dever e de Justiça consagrar aqueles que assim procedendo beneficiaram a um País e a uma Raça.

Foi, Senhores, o caso da Independência do Brasil, proclamada por D. Pedro I.

O grito do Ipiranga ecoara de Sul a Norte. Toda a Nação vibrava. E para solidificá-lo teve decerto o Príncipe de lutar, de combater, de se revelar inteligente e hábil. Na abertura da Constituinte, já Imperador, ele dizia: "Desejo uma potismo, plante a árvore daquele liberdade que seja o assombro do mundo".

Citou a campanha no apogeu, vibrante, fremente, cheia de lances inesperados e extremos, e os combates travados na imprensa de então. Um desses jornais escrevia: "Vá Dionísio para Corinto e vão os lusos para a Lusitânia, e o Brasil será feliz".

Há uma outra asseveração que é falsa a propósito ainda da Independência: que ela foi realizada sem efusão de sangue. Nada menos verdadeiro. Somente risos e flores... Não. Houve lutas e sérias. Houve combates no mar e em terra.

O Visconde de Porto Seguro na sua formidável obra *História da Independência*, nos diz bem documentadamente o que foi esse momento Salgado dos Santos também escrupuloso no seu historiar, diz na monografia que talhou, das emboscadas e capitulações, ferimentos e mortes.

Em terras paraenses, na minha mocidade muita vez tive ocasião de palestrar com seus antigos e velhos habitantes e deles ouvir narrações sanguinolentas sobre a grande Cruzada. Incontáveis foram os saques, os assassinios e os fuzilamentos.

Num dos seus estudos mais brilhantes, o meu eminente e querido amigo Conde de Afonso Celso, da Academia Brasileira de Letras, esgotou o curioso assunto de palpitante interesse para nós brasileiros. Ele nesse apurado trabalho, a que agora me reporto, registra inumeráveis casos cruentos que dizem bem alto da nossa valia. E se detém minucioso e claro – "na reprimida insubordinação da divisão Jorge de Avilez, só se chegando ao resultado final, depois de sérios embates de armas na Bahia, no Maranhão no Piauí, no Pará, e em Montevidéu, então incorporado ao Brasil."

E nos conta naquela sua linguagem tão simples e empolgante que em "Montevidéu comandava as forças portuguesas o brigadeiro D. Álvaro da Costa, que se rebelou contra 7 de Setembro e foi sitiado naquela cidade pelos brasileiros.

Várias sortidas fizeram as tropas de D. Álvaro da Costa, valentemente repelidas pelos sitiantes. A 18 de Maio de 1823, derrotou-as completamente o brigadeiro brasileiro Marques de Souza (Filho) que as perseguiu até os subúrbios de Montevidéu.

No mar, a esquadra brasileira sob o comando do Capitão de Mar e Guerra graduado Pedro Nunes bateu, a 21 de outubro de 1823, a esquadra portuguesa às ordens de D. Álvaro.

À vista dos revezes sofridos e sabendo que os brasileiros iam ser fortemente reforçados D. Álvaro capitulou, a 1.º de fevereiro de 1824, permitindo-se-lhe que, com uma parte de seus oficiais e soldados, embarcasse para a Europa.

Na Bahia, dois sangrentos conflitos entre as tropas do general Madeira e os brasileiros, em Fevereiro de 1822, resultaram a morte de mais de 60 patrícios nossos e o assassinio da benemérita sóror Joana Angélica, superiora do convento da Lapa, invadido pelos soldados portugueses.

Organizada a junta revolucionária de Cachoeira (Junho de 1822), iniciou-se a guerra contra o general Madeira, reforçado por um corpo de divisão Avilez, que desembarcou na Bahia, e por aguerridos contingentes enviados de Lisboa.

É gloriosíssima essa campanha em que o bisonho exército brasileiro composto na maior parte de sertanejos e cujo efetivo nunca ascendeu a mais de 7.500 homens, bateu constantemente o exercito contrário, de 10.000 homens do qual mais de metade se havia exercitado nas guerras napoleônicas.

Em Coqueiro, em Cabrito, em Pirajá, em Itapuã, em Itaparica, correu profusamente o sangue briosamente vertido de lado a lado, e centenas de cadáveres custou a nossa vitória.

Batido também no mar pela jovem esquadra brasileira, sob a chefia do Lorde Cockrane, evacuou Madeira a Bahia, embarcando para a Europa e sendo perseguido até o

Tejo pela fragata brasileira - "Niterói" que lhe apresou vários navios e fez numerosos prisioneiros.

Entraram, então, na Bahia, os brasileiros vitoriosos, após mais de um ano de renhida luta.

Foi a 2 de Julho de 1823, uma das datas mais luminosas dos nossos fastos, imensamente superior à 7 de setembro, - ainda no comentário de Afonso Celso.

Em Pernambuco, os conflitos entre portugueses e brasileiros, por motivos das ideias independentes destes, determinaram ferimentos e mortes em Goiana, Olinda, Afogados, Aterro e outros pontos.

Em Maranhão e no Piauí, o major português Cunha Fidié comandante de armas desta última capitania, buscou sufocar pela força levantamento emancipador brasileiro. Triunfou no combate junto ao rio Jenipapo, onde as perdas dos nossos compatriotas foram de uns duzentos, entre mortos e feridos e as de Fidié dois oficiais, um sargento e 16 soldados mortos além de uns sessenta feridos.

Fidié comandava 16.000 homens bem armados e dispunha de 11 peças de artilharia; os brasileiros eram 2.000, mas armados, na maior peças, desmontadas aos primeiros tiros.

Batido, em S. José dos Matões, embora os portugueses houvessem repellido um ataque dos brasileiros à vila de Itapicurú-Mirim, matando 16 dos atacantes, fortificou-se Fidié em Caxias, onde foi sitiado pelos brasileiros, comandados por José Pereira Figueiras.

Durou mais de dois meses o assédio; Fidié demitiu-se e as forças por ele dirigidas capitularam afinal, tomando-lhes os brasileiros vinte e tantas peças, muito armamento e munições cinco bandeiras.

Travaram-se ainda combates formidáveis dos brasileiros, em Três Barras e na linha da Botica.

Na capital do Maranhão, a Junta portuguesa capitulou ante o bloqueio de Lorde Cockrane, depondo as armas todos os oficiais e soldados portugueses.

No Pará sabe-se que, por motivo da Independência, ocorreram cenas de maior horror; fuzilamentos, saques e assassinios. Só na presiganga do brigue "Diligente" morreram sufocados 249 indivíduos, quase todos brasileiros.

As palavras do conde de Afonso Celso não podem ser contestadas. Elas são a narração fiel da verdade.

Foram buscadas nos arquivos, através de velhos documentos. Certo há escritores que sem base pretendem abocanhar o nosso valor de brasileiros, naquela frase tão aguda e decisiva - mas esses nem merecem uma referência.

Assim, como dizer sem falsear a verdade histórica que a nossa Independência foi feita cimentada entre risos e flores, sem combate, sem lutas, sem efusão de sangue?!

Já dizia Gustavo Lê Bom, o apurado psicólogo francês, - que o fundamento principal da grandeza dum povo não reside nem no número de suas habitantes, nem na extensão de seu território, nem no número de seus canhões mas na forma do caráter dos cidadãos que o compõem.

E Coelho Netto, um dos nossos mais lídimos escritores pontificava - Honra a Pátria no Passado, sobre o túmulo dos heróis; glorifica-a no Presente com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro: com a dedicação que é a Força da Fé.

E dou-me parabéns, Senhoras que me escutais, por terem escolhido esta data rutilante de hoje para a conferência da série Centenária que me coube fazer, por convite gentil que importava numa ordem, dum Clube que recreativo e patriótico é um dos expoentes da alta, e nobre, e formosa sociedade paranaense. O 13 de Maio era um complemento do 7 de Setembro. Como se compreenderia na supercivilização de hoje a independência de um Povo se conservando grilhetada toda uma Raça Negra?

Conheceis essa página branca da nossa história que é a campanha abolicionista. Ela se fez na tribuna, imprensa, nas ruas. Foi quando vibrou mais alto, ecoando como clarins fortes e sonoros, a nossa alma de brasileiros. Dos vastos pampas do Sul às massas densas de florestas do Norte era um só grito a subir, a dominar, a vencer - Abolição! Abolição! E os jornalistas, os panfletários rubros, todos os jornais, nos comícios que ensangüentavam as palestras do dia a dia, pregavam abertamente a morte da escravatura, - borrão que a suprema vergonha da história nacional.

É claro que para se chegar a esse resultado rutilo que foi o 13 de Maio de 1888 se tornou todas as épocas, os espíritos estreitos e tacanhos, as almas negras que só fazem

ações negras – porque o Sol lhes ofusca, - os interesses inconfessáveis, a ingratidão, a inveja, o despeito, a que as almas límpidas e grandes não têm, não egoístas, nem trabalhadas por estreitas razões pessoais. Foi numa época assim que se fez a abolição. E nem por isso devemos deixar de assinalar o gesto dos incoerentes, dos egoístas, dos não e dos fúteis. Já dizia um dos nossos lídimos pensadores, Pontes de Miranda, nas páginas de “A Sabedoria dos Instintos” – “que os espíritos frágeis, perversos, medíocres e incolores são dignos do nosso cuidado, da nossa benemerência e da nossa gratidão, ainda quando os ferem, - não por serem obedientes e cordatos, mas porque nos proporcionam seguras razões para os desprezar. As longas Campinas sem árvores e sem cômodos, apenas ondeadas em variantes de pequeno relevo, suscitam de si sós a nossa indiferença, os nossos desdém sem fel, o nosso ódio intelectual sem negativa. No mundo dos sentidos, deixar de ver ou escutar é mais grave e mais deprimente do que julgar indigno o que se viu, ou desagradável o que se escutou. Os olhos só não vêm as coisas que merecem mais escárnios do que elas poderiam dar-lhes se a vissem...”

A nossa riqueza, senhores, veio do escravo. Foi ele que aproveitou, que trabalhou, que semeou a terra. Eram tratados como animais e assim mercadejados. Eram homens como nós, nossos irmãos, com uma alma clara e uma capacidade de trabalho assombrosa. E acima de tudo brasileiros – que sofriam chicoteados e grilhetados amando todos, como nós, esta grande e formosa Pátria tão boa, tão generosa e tão magnânima!

“E não só ao solo deram vida: - escreve um apurado estilista - deram-na do leite das suas mulheres aos filhos dos senhores, deram-na da sua ternura, deram-na da sua coragem nas guerras, deram-na do seu engenho nas artes, deram-na talento nas letra e, transformando-se, purificando-se e redimindo-se fundiram-se na raça como as trevas da noite se dissolvem nas alvoradas”.

Em vossos espíritos, em vossas lamas, em vossos corações, senhores e senhoras, estará sempre vivo o nome daquela que foi a maior das Brasileiras – inteligente e culta, carinhosa e magnânima, mártir e santa. Ela é o mais alto expoente da nossa bondade, da nossa abnegação e das nossas virtudes!

Já sabeis, meus patrícios, que vos falo de Izabel, a Redentora. A Princesa que voluntariamente perdeu o trono para fazer Abolição de vê ter a sua memória pura imácula morando em os nossos corações. E quem vos o culto apurado da Justiça.

Ela sabia, essa Princesa extraordinária e excepcional, que a Lei de 13 de Maio de 1888 seria a derrocada do trono, a queda dos Braganças o desaparecimento da família Imperial, a revolução o exílio, talvez a morte. Um dos seus íntimos, estadistas dos mais clarividente do Brasil, o eminente Barão de Cotegipe, fazendo a psicologia da situação, lhe dissera antes o que fatalmente aconteceria... E pouco depois no Parlamento o profeta falava prevendo os riam. E tudo foi com ele prenunciara.

Mas a Princesa só se lembrou que era Brasileira, que acima de tudo tinha uma grande raça que era sua patrícia, a redimir. É fez a Abolição, e perdeu o trono, e foi desterrada.

Não exílio... Permitti, minhas bondosas patrícias, que nesta conferência descolor, sem vibrações de fanfarras, faça uma invocação toda pessoal... ela neste momento sabe ao meu espírito e ao meu coração. Foi há anos, em Paris. Visitava eu em companhia dum querido amigo meu, então tenente, Manoel de Brito, oficial da Marinha Brasileira, o grande cientista patrício Hilário de Gouvêa. Era uma visita de despedida; voltávamos ao Brasil. E quando entramos no pequeno salão cheio de recordações artísticas do nosso País – deparamos surpresos com a Condessa d’Eu, com o Conde d’Eu. Nunca os tinha visto, mas os seus retratos me eram familiares como familiares eram a todos os brasileiros. Delicioso, encantador, inesquecível momento esse para mim que longe da minha terra encontrava pela vez primeira, e em terra estranha aquela que Princesa e Santa integrara a minha Pátria na Civilização e na Humanidade!

Forte e cheia de corpo, altura regular, o todo de Izabel era a personificação de Bondade. A cabeça era linda, de madona. Os cabelos brancos, todos brancos e fartos – ram uma coifa cor de neve. A tez era clara e pálida e os olhos duma suavidade, duma simplicidade de criança. O sorriso esse era todo doçura...

Os lábios – a sua formosa boca! - se desfranziam, se desabotoavam num sorriso que era Bondade... Vestia toda de negro e inspirava desde logo respeito e Amor.

O Conde seu esposo, alto, magro, elegante, todo de preto, simples a sobrecasaca abotoada, tinha um marcial.

Lembrava um vulto de lenda.

Ajoelhei-me e beijei a mão enluvada da maior das Brasileiras. Ela teve aquele sorriso bom e honesto que era um dos seus maiores encantos... E disse: - É um meu patrício...

A sua voz era clara, doce e meiga. Tinha grandes suavidades. Levantei-me e ao seu mando grandes suavidades. Levantei-me e ao seu marido sentei-me ao seu lado. Interrogou-me e falou sobre o nosso País pesquisando com interesse, com carinho, com Amor.

Nem uma só palavra de revolta, de queixa, de amargura! Nem um só gesto contra a ingratidão que a exilava eternamente!

Izabel e o seu esposo ergueram-se. Partiram. E docemente, ao me estender a mão para beijar, exclamou:

- Boa viagem. Como é feliz em poder voltar para o nosso Brasil!...

Foi essa a primeira e a última vez que eu vi a Princesa. E como a grande mártir estremecia e amava o nosso País!

Ela morreu sem retornar à sua Pátria. Quando o Governo da República num gesto de gratidão e patriotismo permitiu que a Família desterrada voltasse ao Brasil, Izabel já minada pelo sofrimento não pode acompanhar o esposo e o filho, tão apoteosados que foram em terras cariocas!

Há, Senhores, uma arte da história que os cientistas estranham, no dizer dum psicólogo. - "Só assim, comenta, se deve admitir a ciência do passado", - como paralela a uma arte decorativa. É mais um preconceito que se apaga. - Explicai-nos, pedirão. - Nasce uma flor, grana e morre. Talvez um pintor lhe houvesse conservado o esplendor no pano de um quadro. Desenhou-a; deu-lhe cores, fracos, mistérios, pequeninos nadas, requintes indefiníveis. Nunca mais se verá a flor, mas as formas poderão ser vistas, copiadas, adulteradas e destruídas. Assim a História: nasce o grande espírito ou tirano, cresce, triunfa e morre. Ninguém mais o verá, mas apanhou-o História, aprimorou-lhe os traços, atribui-lhe gestos, criou-lhe o semblante... E ele passará através dos séculos, fugidio, variável, como um fantasma,... - que é portanto, a história? - Que será este santuário de viagens vagas, em que vós credes, os incrédulos, o fantasista do Realismo, senão a arte de immortalizar espíritos, fatos e ações segundo valorizações transitórias da beleza e da força?"

Mas eu não conheço no meu país de grandes homens criatura maior de que Izabel, a Redentora. Ela é o expoente maior da nacionalidade brasileira: foi a Inteligência lúcida, a Cultura discreta, a Ação eficaz, a Honestidade imácua, a Abnegação rara e a Bondade pura e magnânima se sacrificando e ao seu trono para remir uma Raça, para dar liberdade a um Povo, que ainda não soube como devia lhe ser agradecido.

Senhoras, - vós deveis erguer na vossa linda terra, num dos recantos dos vossos jardins floridos, espontando entre rosas, o busto em mármore de Izabel, a Redentora! Ela merece-o mais de que ninguém neste País bem amado! Entrego-vos, minhas Senhoras, a idéia. Que lindo seria, de formosura e de gratidão, o Paraná maravilhoso comemorar o nosso primeiro Centenário a 7 de Setembro com a inauguração desse busto conseguido por vós, e que diria a toda uma radiosa geração, e aos nossos filhos e aos nossos netos, a sublimidade da ação e do gesto de Izabel, e ensinaria a todos os de hoje e os d'amanhã como se fosse um livro aberto - que ela foi a maior das nossas Mulheres, que foi o vulto máximo da trilogia por excelência do Brasil - - 7 de Setembro, a Independência gloriosa; o 15 de Novembro, a proclamação magnífica da República; e o 13 de Maio, feito por Ela, a libertação duma raça, mancha horrível e cruel, e revoltante, e dolorosa, que abnegadamente, num sacrifício de lenda, apagou no gesto mais belo da História Nacional!

Todos nós brasileiros devemos ter saudades da Princesa. Devemos com Amor e carinho cultivar esse mesmo sentimento. - Que linda palavra essa - Saudade! Como ela condessa são, todo um sentir, toda uma Vida! Vós bem sabeis, minhas nobres Senhoras, que esse é vocábulo até hoje intraduzível com os mesmos característicos e a mesma sentimentalidade sem outra qualquer língua.

Foram os magníficos e às vezes licenciosos poetas portugueses do *Concioneiro de Vaticana*, líricos do fim do século XIII e princípios do século XIV, que lançaram na nossa língua a expressiva palavra então arcaicamente chamada "soydade". Foi assim na sua origem uma palavra galega. E o formoso estilista que é Julio Dantas, numa daquelas suas páginas plenas de profundidade e de beleza, ainda nos parece é uma canção limosina de Ferrão Fernandes Cogominho, trovador da Corte de Afonso III. E pouco depois, o rei D.

Diniz, o primeiro grande poeta português, soluça-a nas suas doces serranilhas galegas. Só, porém, no século XV ela encontrou um psicólogo capaz de analisá-la e de estudá-la como sentimento, - o rei D. Duarte. Os líricos da Renascença, herdeiros das formas do neoplatonismo florentino, utilizam largamente os "motivos saudosos" nas suas élogos e sonetos. Mas foi na metade do século XVII que D. Francisco Manoel de Mello disse a suprema palavra, - "saudade, he um mal, de que se gosta, e um bem que se padece" - Depois vem o verso célebre de Garrett, como antes viera a prosa lapidar de Bernadim...

Sim, minhas Senhoras, - Saudade, tenhamos Saudade dessa que foi Princesa e Santa, e tão boa, e tão generosa, e tão magnânima!

Mulheres do Paraná, formosas e digníssimas criaturas! Daí o radioso exemplo ao País mostrei o vosso patriotismo e sentir de brasileiras, e erguei numa das vossas lindas praças, em meio de ajardinados, entre camélias variegadas e crisântemos pompeantes - erguei o mármore branco de Arte pura, de Amor infindo, de Gratidão palpitante, simbolizando Izabel a Redentora, que foi a mais Santa e a mais nobre de todas as Bandeiras!

Como é, Senhores que me ouvis, caprichoso o destino! Como ele é sempre vário, surpreendente e inesperado! Em 1822 Portugal, de onda descendemos, efetivava a nossa Independência, prestes a ser comemorada e em 1922, precisamente um século depois, Portugal nos manda o seu beijo de carinho e Amor através dos seus dois assombrosos aeronautas, heróis do azul, que cortaram no espaço e uniram nos corações, numa frágil aeronave, as duas grandes nacionalidades - uma que é o Presente forte e audaz, terra moça e vitoriosa, outra que é Passado cheio de tradições e de arrojos, é que foi a Rainha incontestada dos mares!

Guerra Junqueiro que é o gênio, o expoente máximo da inteligência e da cultura portuguesas, deu uma página memorável a sua palavra que é uma oração cheia de brilho e de entusiasmo.

"A nova caravela, diz o Mestre, caravela com as asas da fé, santificada pela Cruz, abre novo caminho à fraternidade luso-brasileira.

No seu vôo, é preciso ouvir o ritmo da alma heróica e religiosa de Portugal levando à jovem América e, principalmente, aos corações de todos os brasileiros, o sentido atual que o gênio latino descortina à Humanidade.

Essa nau é nunciadora de fraternidade universal, para cuja realização a inteligência e bondade humanas, ontem afrontaram os mares nunca dantes navegados ou transpuseram montanhas, e hoje, como as águias ou como os albatrozes, não receiam nem mesmo as nuvens. Os audazes lusíadas de hoje chegarão, de certo, ao seu destino como arautos que são da unânime consciência, ora dominante, entre as almas, da verdadeira finalidade humana. Deus os acompanha como acompanhou sempre os heróis e os apóstolos. Deus os guie com o seu olhar".

E o gênio imortalizado em vida que é Gabriel d'Anunzio, poeta e herói, disse numa oração que entoa e que é o sentir de todos: "Esse vôo não interessa apenas os dois povos do Brasil e de Portugal. No seu arrojo de generosidade e heroísmo, o que ele exprime e eleva é a velha e sempre fecunda alma da raça, o nobre e galhardo espírito da latinidade. Traçando sobre o Atlântico Sul, antigo cenário de maravilhosa epopéia da nossa gente, uma parábola de Amor, os lusitanos ressuscitam o gênio das próprias e inexcedíveis proezas e sacodem de emoção até as mais fundas raízes da nossa origem comum os sentimentos criadores e fraternos que nos distinguiram e exaltam no seio da humanidade e da Civilização."

Asas flando no azul, o hidroavião nos trouxe, neste Centenário em flor agora a desabrochar, o Beijo de confraternização, de Paz e de Amor, e esperanças risonhas num Amanhã em que a Humanidade se torne melhor, mais nobre e mais pura!

A nossa Pátria o saúda na sua trilogia soberba e maravilhosa, - que é o escudo, o hino e a bandeira.

Saúda-o nesta nossa língua bem amada rica e surpreendente, empolgante de vibrações, cheia de ductilidade, perfeita de expressão Língua portuguesa, clara e subtil, que é Força e Música, que é Eloquência e Poesia que é doçura e vivacidade!

Pátria! Pátria Brasileira! Tu és uma e Forte a tua História está esculpida em mármore e em bronze, plena de Força, plena de Beleza Plena de Bondade!

Tu já foste cantada em versos magistrais pelo poeta excepcional que foi Olavo Bilac Príncipe de lenda, herói na Poesia e no patriotismo, algo de anunziano. E estes quatorze versos maravilhosos são uma síntese perfeita:

Pátria, latejo em ti, no teu lenho por onde  
Círculo! E sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!  
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,  
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Dos teus lichens, dos teus cios, da tua fronde,  
Do ninho que gorjeia em teu doce agasalho,  
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,  
De ti, - rebento em luz e em cânticos me espalho!

Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes,  
No alto como uma flor, em ti, pompeio e exulto!  
E eu, morto, - sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, - eu tremerei sepulto:  
E os meus ossos no chão, como as tuas raízes,  
Se estorcerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto!

Escudo, escudo do meu País! Tu és um símbolo augusto! A tua folhagem como nos lembra o perfume das nossas florestas ricas e infindas, que têm todas as escalas do verde! As tuas 21 estrelas como que irradiam mais eterna! A tua espada, é a Força. Tu és clarão, Escudo!

Hino, hino da minha Nação! Parece que neste momento os teus acordes vibrantes me chegam aos ouvidos deslumbrados. Tu és, no dizer de um magistral escritor nosso, a belo! Tu nos levas risonhos aos campos de batalha, frementes de amor, ansiosos de Victoria! Os brasileiros ao te ouvir se unem, se irmanam. Tens o poder supremo de congregar todo um Povo na mesma santa comunhão de Idéias! Tu és a Guerra e tu és a Paz! E tu és a coragem, o denodo, o animo, o triunfo, o esplendor, o Ritmo! Salve, hino brasileiro!

Bandeira, minha Bandeira, gloriosa Bandeira de nossa Pátria! Tu és a suprema sem encarnação do Bem! Tu és todo um passado sem mácula realidade brilhante e toda a nossa Esperança radiosa! Tu és doçura o fervor! Tu és vitalidade, tu és o símbolo esplendente da Raça! Tu és o nosso amor a terra, ao solo nosso, tu és Mãe! No verde e no amarelo de tuas cores vivas, nas tuas estrelas fulgurantes no teu lema de ordem e progresso, - temos o guidão supremo eu com Honra e coragem nos tem conduzido com Fé e Amor através da História e dos Tempos. Pando aos ventos, tu és para nós mais de que todas as riquezas, estandarte querido e sagrado! Pavilhão auriverde, és o símbolo altaneiro que dos pampas do Sul às florestas do trabalhador e enérgico, cioso dos seus direitos numa Pátria que é uma Canaã, maravilhosa e que será num Amanhã não mui remoto o celeiro do mundo! És imácula como as virgens de Alma branca e Corpo abotoado! Tu, desfraldada e bela, pairas sobre estes Brasil imenso, encorajando-o, para o nosso encanto e a nossa Glória! É de joelhos eu te beijo, - Bandeira minha Bandeira, gloriosa Bandeira da nossa Pátria!



## Da Arte e da Mulher no Paraná

(Conferência feita no CENTRO LITERÁRIO DO PARANÁ, em fevereiro, e repetida e ampliada no THEATRO GUAYRA, de Curitiba, em Março de 1922).

HOUVE outrora, em terras de além-mar, uma velha e encantadora lenda bretã que me assalta neste momento ao espírito. Era alguém que, partindo da sua cidade para longínquos caminhos outros, tivera na despedida o abraço de saudade e carinho de todo o seu povo. E *in mente* só atribuía a longa convivência, o fraterno comércio de uma tradicional amizade, àquela manifestação tão alta e vibrante espontada entre sorrisos e flores. E caminhando dia e noite por montes e valados, qual não foi a sua surpresa senão quando, chegado ao extremo da sua rota, se viu rodeado de simpatias e gentilezas, e então perguntou a si mesmo se todos os povos eram assim, dum coração tão imenso e duma bondade tão infinda...

Eu sou, senhores, como aquele homem da lenda bretã.

Mal chegado ainda me vejo cercado da vossa afabilidade, de toda a vossa benevolência. E em solilóquio me interrogo o que tenho feito para merecer tanta honraria e dentro da minha consciência, a par do cumprimento do dever que é apenas uma obrigação humana, resta uma larga trajetória jornalística e uma trabalhosa vida literária. Mas, senhores, vos digo eu quase em segredo – como se fosse um segredo de mulher para não ser passado adiante... – que a minha obra literária é como o mealheiro de Agrippa, moedas aparentemente luzentes de ouro fúlgido que buscadas depois de certo tempo são apenas rodas de ouro que se desfazem em pó...

O vosso gesto, que eu vos agradeço *ab imo pectore*, é um belo gesto de bondade e fidalguia – bondade do vosso coração, dos vossos altos sentimentos afetivos, fidalguia de atitudes, ingênita em vós, que sois os expoentes duma nobre raça em formação já caldeada com elementos apurados e seletos de sangue, de inteligência, de cultura, de caráter e de surpreendente e dum verde tonalizado, debaixo dum lindo céu azul às vezes, em outras lembrando perfumados nevoeiros londrinos ou sugestivos céus de cobalto.

\* \* \*

A vossa terra, senhores, tem a tradição e a nomeada de ser um foco de intelectuais. Ou em a nossa linda e formosa e gloriosa. Capital da República, expoente maior da alta inteligência e da larga cultura brasileira ou lã, no magnífico Estado do extremo-Norte onde floresce uma excelente Academia de Letras e rebrilham nomes de escol, muitos dos vossos poetas e romancistas e filólogos e críticos e publicistas já eram de mim familiarizados. Eles através duma obra que “há de ficar”, para me servir da expressão pictorial de Jules Lemaitre, passaram das fronteiras do Estado, raiaram pelos centros afamados muito proibitivas da indiferença nacional verdadeiramente muçulmana – porque me parece que é mais fácil escalar o Éden lendário do que penetrar *in totum*, literariamente, neste vasto e imenso Brasil, Pátria de talentos e de culturas vastas.

E aí está, senhores, uma obra a fazer desde já que senhores uma obra a fazer desde já e que só pode ser efetivada pelos intelectuais: tornar o Brasil conhecido de si mesmo. Porque nos nossos jornais e revistas e livros vivemos bradar através do artigo ou da crônica contra o estrangeiro que não nos conhece, contra imprensa de além-mar e os sábios, e entre estes principalmente os geógrafos e os literatos, que nada sabem desta Nação que será o assombro mundial num amanhã não mui remoto, Chanaan do futuro, e nós, força é confessá-lo, até com os vizinhos fronteiriços nos desconhecemos intelectual, social e economicamente – salvo aquelas poucas e raras exceções que foram feitas apenas para justificar as regras gerais na opinião do mui acatado sr. De Lapalisse...

Mas, e não acrediteis que o meu otimismo seja risonho em demasia, estou bem certo de que nosso segundo Centenário essa obra de intercâmbio já estará efetivada...

Na primeira geração vossa, senhores, tendes um nome que encheu todo o Brasil. Ele é fato uma bandeira desfraldada, com um talento vivo, fulgurante, aliado a uma sólida cultura e a uma ironia que cintila, a uma graça espontânea e rara, direi excepcional, satírica e satânica. Certo já sabeis que me refiro ao grande Emilio, Emilio de Menezes.

Duma geração boêmia que já finou, ele depois do vivas e irrequieto e original Paula Ney, era o príncipe dos nossos boêmios, o mestre do trocadilho arrasante que esfuzia, e um momento houve em que foi o monopolizador da nossa *verve*, o da nossa *verve*, o dominador máximo do espírito nacional que às vezes tem laivos acentuados do parisianismo de *boulevard*.

Infelizmente, com Emílio está-se dando o que já se assinalou com Bocage: quanto cretino há sem talento e sem ironia capaz de penetrar uma pornografia reles, de alcouce, para dar a ela uns tons pretensamente superiores não vacila na sua inconsciência perdia e maldosa em atribui-la a Emílio, como naturalmente em outra roda quadrada – perdoai senhores a comparação – já afirmara ser bocagiana!

Mas não é do Emílio satírico a que desejo me referir. O *sport* do trocadilho passará para ficar o grande, o extraordinário poeta parnasiano, que depois de Olavo Bilac – que considero que depois de Olavo Bilac – que considero um caso excepcional e maravilhoso na literatura brasileira, – se enfileira entre os nossos maiores Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Luiz Delphino e Vicente de Carvalho.

*Ultimas Rimas* é um livro extraordinário, cheio de brilho, que glorifica Emílio de Menezes. Ele era a par duma forma impecável – muito de Heredia nas páginas marmoreais dos *Troféus* – sentimento, viveza, fremência de altas vibrações intelectuais.

De certo não esqueceis, não esqueceréis nunca, a tradução tão brilhante como original do *O Corvo*, o fantástico Edgard Põe.

Ouvi agora, fulgente esmeralda desgastada na minha prosa incolor, o maravilhoso soneto *A Romã*:

Mal se confrange na haste a corola sangrenta  
E o punício vigor das pétalas descora,  
Já, no ovário fecundo e entumescido, aumenta  
O escrínio em que retém, os seus tesouros, Flora!

E ei-la exsurge a romã, fruta excelsa e opulenta  
Que de acesos rubis os lóculos colora  
E à casca orbicular, áurea e eritrina ostenta  
O ouro do entardecer e o paunásio da aurora!

Fruta heráldica e real, em si, traz a coroa  
Que o cálice da flor lhe pôs com o mesmo afago  
Com que a Mãe Natureza os seres galardoa!

Na forma hostil, porém, de arremesso e de estrago,  
Lembra um dardo fatal que o espaço cruza e atroa  
Nos prélios imortais de Roma e de Cartago!

E a vossa bela terra Emílio de Menezes – a quem eu tive o encanto de ouvir muita vez – glorificou nos versos do *Pinheiro morto* dedicados ao seu Paraná querido, versos onde palpita e freme toda uma e todo um coração.

Relembrai o soneto augusto:

Nascestes onde eu nasci. Creio que ao mesmo dia  
Vimos a luz do sol, meu glorioso irmão gêmeo!  
Vi-te a ascensão do tronco e a ansiedade que havia  
De seres maior do verdejante grêmio.

Nunca temeste o raio e eu como que te ouvia  
Murmurar, ao guaiar da frente, ao vento: - "Teme-o  
Somente o fraco arbusto! A rija ventania,  
Teme-a furacão o errante e desnudado boêmio!

Meu Vulto senhorial queda-se firme. Embala-me

O tufão hei de tê-lo eternamente ereto!  
Resisto ao furação quando a aura abate o cálamo!”

– Ouve-me agora a mim que, em vez de ti, vegeto:  
Já que em ti não pesei, entre os fulcros de um tálamo  
Faze-te abrigo meu nas entaves de um teto!

Pertencente à mesma geração tiveste esse outro grande poeta, profundamente artista, espontâneo, natural, - artista de sentimento vazado dentro de Forma pura, que foi Emiliano Pernetá. E parece, sinto, decididamente sinto, que paira ainda, ainda e sempre, sobre esta linda cidade a alma imácua de Emiliano... Na minha fantasia de artista que o leu encantado imagino-o acima, pairando o seu espírito sobre a cidade dos pinheirais, a Cidade Verde e Azul – verde, esperança; azul, do céu... – beijando-a, abençoando-a...

Na *Alegoria* há páginas duma prosa castigada, fulgurante. Há pensamentos altos, superiores, alheados do terra a terra. Mas prefiro-o como os veios de água pura e límpida... *Pena de Talião* é uma obra pensada, amadurecida e sincera, e palpitante. Ela freme, vibra, ela nos atordoa de beleza – da grande beleza que é a essência soberana da Arte.

Todos vós, todos nós, porém, devemos amar esse livro magnífico que é *Ilusão*.  
É um poema de amor e de saudades, alma que vibra, coração que canta.  
Relei comigo estes deslumbrantes quatorze versos do *Veiu*:

Di-lo tanto fulgor maravilhoso, di-lo  
Estes clarins de sol rubro do meu anseio.  
Este verde mar, como um sono tranqüilo,  
Este límpido céu azul, como um gorjeio,

Alto, bem alto, assim, para que eu possa ouvi-lo  
Que ela, vencendo o mar, transpondo o serro, veio,  
Toda cheirando, em flor, o perfumado seio,  
Bela, sonora, ideal, como Vênus de Milo...

Fosse vaidade ou amor, desespero ou ciúme,  
Que a trouxessem aqui, como um leve perfume,  
Ou fossem, ai de mim! Raivas e temporais,

Veio, mas com a graça e a própria luz do dia...  
Ó prazer que me faz soluçar de alegria,  
E respirar, e crer nos deuses imortais!

E não resisto ao desejo, direi adorável tentação, de repetir um lindo soneto que parece  
asas batendo, flafando no ar, *Esse perfume...* que de certo todos vós sabeis de cor,  
deliciosamente:

Esse perfume – sândalo e verbenas –  
De tua peloe de maçã madura,  
Sorvi-o quando, ó deusa das morenas!  
Por mim roçaste cabeleira escura.

Mas ò perfídia negra das hienas!  
Sabes que o teu perfume é uma loucura:  
– E o concedes; que é um tóxico: e envenenas  
Com uma tão rara e singular doçura!

Quando o aspirei – as minhas mãos nas tuas –  
Bateu-me o coração como se fora  
Fundir-se, lírio das espáduas nuas!

Foi-me gozo cruel, áspero e curto...  
Ò requintada, ò sabia pecadora,  
Mestra no amor das sensações de um furto!

Emiliano era um grande artista dentro dum formoso coração. Morto quando a mocidade mal se afastava e o outono refloria, ele podia dizer como Amiel – *nous semmes toujours seuls et notre véritable n'est à peu pres jamais déchiffrée par lês autres. Lameilleure partie de ce drame est um monologue...*

Ingratidão seria esquecer os vossos mortos da primeira geração aquele espírito cintilante e fino de Gaston Bousquet, poeta afetivo, contista leve e atraente, cronista cheio de graça e esfuziante de *verve*; Domingos Nascimento, poeta de valia que nos deu no verso o *Trenós e Arruídos*, no conto o na *Caserna*, na ciência a *hulha Branca do Paraná*, a par dum jornalismo altivo, de combate aguerrido, cheio de lanças e adagas; Julio Perneta que foi um dos precursores reais, com apurada emoção, da literatura sertanista e que se firmou com os *Bronzes e o Amor bucólico* – uns contos regionais onde palpita a alma paranaense; Fernando Amaro, poeta lírico de que só conheci poesias esparsas; Dias da Rocha Filho, cujos versos maravilhosos, surpreendentes naquela época, fizeram dele um precursor do parnasianismo nas terras suntuosas do Brasil; Nestor de Castro jornalista e *Conteur*, aparecendo vitoriosos com o *Brindes*; e ainda além de outros muitos dos vossos mortos, cujos nomes forçaram aos estudiosos às fronteiras do Estado, essa deliciosa poetisa que foi Júlia da Costa...

Da vossa primeira geração, dos vivos, como esquecer o nome que está eternamente em foco de Diário Veloso?

Ele é o mestre encantado e encantador do romance *No sólio do amanhã*, ele é o poeta magnífico do episódio medievo *Rudel*, que eu li muito ao longe nas terras fartas e amadas da Amazônia lendária, ele é o burilador da *Alma Penitente*, e acima de tudo, =é o grego por excelência e o grande cientista, o profundo filósofo, o pensador solitário que domina soberano *No retiro saudoso*. E já dizia um dos nossos mais sábios pensadores, Pontes de Miranda, nas páginas fulgurantes d' *A Sabedoria dos Instintos*: "O melhor refúgio, o principalíssimo de todos, para as almas superiores, é a antiguidade helênica; não só por ser fonte inestranque de beleza e de força, mas porque talvez nada mais sejam os nossos tempos do que intervalo de noite entre duas apoteoses do mesmo sol. Se é verdade o progresso, não se concebe a hipótese de crescermos sempre sem voltarmos à Grécia".

E Santa Rita? Ele é o brilhante e apurado orador, glória duma geração, forrado duma superior filosofia calma, serena e generosa. Ele é a inteligência culta já trabalhada, ele é a palavra quente e persuasiva, fremente de bondade. As suas páginas dum largo fundo filosófico, *Em torno da Ilusão*, já publicados diversos trechos sobre a obra emiliana, dizem bem da sua valia intelectual.

É dos vossos Nestor Victor. É um nome nacional.

*A Crítica de hontem* é um dos melhores e mais bem pensados livros da literatura brasileira. Nos pensamentos seletos de *Folhas que ficam* há fulgores de sol. No O Elogio do Amigo ele chegou enfim, homem feliz, a essa perfeição que todos nós ambicionamos e que para mim será sempre a eterna e sonhada miragem...

E Rocha Pombo? Outro paranaense e esse historiador excepcional igualando com Capistrano de Abreu. Nos capítulos pacientes e maravilhosos de erudição e verdade da *História do Brasil*, obra de beneditino da Ciência e da Arte, ele já tem a sua estátua viva abençoada por todo um povo.

Há entre os vossos um outro poeta de sentimento, que sempre reli com delícia. Silveira Netto, pertencente ainda à primeira geração, é o afetivo do *Luar de inverno*. É um emotivo. Enfileirava-se com brilho raro no grupo do genial Cruz e Souza Cruz e Souza. E é também um nome que, mui justamente, irradiou sobre *Chopin* estes versos gloriosos e inéditos do grande poeta e que pertencem ao seu livro no prelo *Horas Crepusculares*:

Nos teus Noturnos perpassa,  
Como um lamento a ecoar por horas mortas,  
Vindo talvez de um cárcere sem portas,

O vasto *mizerére* de uma raça.

O martírio da Pátria se entrelaça  
Ao mal da vida, rude, que suporta;  
É quando, pelo gênio, a glória aporta,  
É uma ronda de lágrimas que passa.

Os teus acordes lembram agonias,  
Como o luto violáceo das olheiras  
Recorda pranto, evoca funerais;

Ressoam, mesmo no antro de almas frias,  
Relembrando em crepúsculos, nas eiras,  
Horas profundas que não voltam mais.

Ainda no círculo da primeira geração tendes, entre muitos outros impossíveis de enumerar numa palestra desataviada como esta, sem fulgores de estilo e sem as pedrarias luminosas dos vocábulos raros, e sem frases pacientemente laceradas – tendes, dizia eu, outros de rara valia Euclides Bandeira cujo nome é uma bandeira cujo nome é uma bandeira desfraldada de lutas e combates, se é o poeta das *Velhas páginas e do Ouropeis* e dos *Heréticos*, é um dos grandes, um dos maiores jornalistas do País; Sebastião que honra e enobrece a vossa terra e que nos deu esses soberbos monumentos que são os *Estados da República e a Chorografia do Paraná*; Alcebiades Plaisant conheci-o através do *Cenário paranaense* e de trabalhos esparsos que demonstram a sua grande competência; Romário Martins cujo talento tem múltiplas facetas é o geógrafo escrupuloso e magnífico, é historiador consciencioso e elegante, é o jornalista de compleição moderna; Antônio Braga é o formoso poeta lírico decorado por uma geração.; Paulo de Assunção é crítico de Arte, bem conhecido no Estado. Ainda outros...

Leôncio Corrêa é um grande intelectual, jornalista e poeta, autor da *Litania*; Ricardo de Lemos e Jayme Balão, são poetas estimados; João Pernetta um privilegiado e um filósofo que se impõe na Idade Moderna; Alcides Munhoz é o conferencista elegante e pesquisador, ávido de detalhes, é o dramaturgo natural e correntio, é o romancista de *Mbá* e do *Grande Teatro*; Schattenberg de Quadros é o poeta da Luz e da Cor que nos deu as famosas *Canções do Natal*; Ismael Martins é poeta de raro fulgor; Schichorro Júnior é o conceituado escritor do Deus social; Ernesto de Oliveira é cientista considerado, e o autor da *Sulamita bucólica*.

Mas a hora foge, senhores, e eu preciso vos dizer, *currente calamo*, que os vossos nomes da segunda geração, moderna, já chegaram até a outras rodas intelectuais desta Pátria querida e imensa.

Eles cantam o Amor, a Beleza e a Bondade. *Babel, dos Cânticos e Baladas e desses* lindos poemas lírico cheio de sentimento, cantante nas suas baldas, emocionante nos seus vilancetes. Escutai um momento este soneto:

Horas de que nos restam só lembranças  
– De flores mortas um perfume brando:  
Dias em que ambos como duas crianças  
Amamos docemente, vão passando...

Como se vai um bando de aves mansas,  
Também os sonhos se nos vão em bando,  
E tudo assim, sorrisos e esperanças,  
(Oh! que saudade!) o tempo vai levando.

Tudo o tempo destrói com a garra adunca,  
– Da vida as mais serenas alegrias,  
Da mocidade o fugitivo encanto...

Mas nunca mais a gente pode, nunca,



deliciado esse Beethoven que é o músico de todas as almas porque foi o maior interpretador do sentir das raças.

Em outra noite de apuramento inesquecível também, numa sala de Arte, onde numa *vitrine* selecionada, a par de Rodin, fulge uma velha faiança que é um primor e uma daquelas miniaturas japonesas que fizeram o encanto dos dois Goncouts, queridos e famosos, mais para adiante uma linda estatueta de mármore branco e pendentes quadros duma pintura ousada quase Pa Rembrandt, ou quase vaporosas como aqueles anjos de Rubens, e Gobelins preciosos - foi numa noite assim, numa atmosfera assim, que eu tive o encanto de ouvir pela vez primeira uma das vossas radiosas pianistas que me disse, que nos disse a um auditório pequeno e culto onde não faltava nem a graça esfuziante nem o sorriso leve e nem a Beleza pompeante da Mulher, esse lindo e eterno Chopin nos seus noturnos que são pedaços de alma, tocados com mestria, com uma perfeita execução e com uma grande vibratibilidade. E depois - foi fascinador e já glorioso esse genial patrício Pery Machado, que numa página espanhola fulgurante, de Lola, arrancou em momento dado a voz humana das cordas mágicas do seu violino triunfal...

Tendes outros tradutores e delicados, e vibrantes, e perfeitos desse às vezes sensual e luxurioso Mozart; de Wagner que empolga e domina com o tropel assombroso das suas cavalaria, dos seus clarins troantes ou em paginas dum fulgor e dum brilho únicos; das suavidades de Saint-Saens e das suas surpresas emocionais da *Louise*; de Brahmes no seus *Scherzos* afamados; das doçuras sugestivas de Mendelssohn; do fremir sempre buliçoso e empolgante de Grieg; das melodias e das baladas inconfundíveis desse grande patrício que foi Carlos Gomes; de Schubert que nos dá sempre a idéia viva e rutila de noivos que se beijam; de Strauss com a sua *Salmé* evocadora de danças torcicoladas e de perfumes enervantes; de Weber tão humano e tão pessoal; de Back tão puro que nos lembra a alma imácula das virgens; de Schumann suave e doce, e simples, de temperamento calmo com ambições de perfeição suprema; de Freichut que é todo um povo e toda uma raça; de Paderewski que só por si nos parece uma dessas lendas antigüíssimas invocadoras das lindas épocas de antanho cheias de cabeleiras empoadas, de curvaturas e salamaleques, de *puffs* e pompons de sedas brancas e róseas, e azuis, leves, transparentes, passos ligeiros de pavana, audácias sorridentes de *cotillon*, voltas suavemente arredondadas de minuets, marcas fidalgas de gaivotas ou maciamente aristocráticas dos lanceiros - dos gloriosos lanceiros da Rainha; de Verde sempre novo para o coração latino, sempre estuante na alma popular; ou então expoente de altos requintes e apuradas complicações artísticas que é Debussy...

\* \* \*

Lá acima vos disse, senhores, que a vossa terra era um foco de intelectuais. Comprovei-o Citei nomes aureolados de ontem e de hoje. Houve época em que depois do Rio, era o Paraná. Certo nas obras apontadas há deve haver senões, mas a Beleza existente em suas páginas não me deixa a preocupação dum rebuscamento que seria impertinente numa verdadeira obra de Arte. Caminhamos, - vós caminhais para a perfeição.

Ciscar um livro glorioso é tarefa medíocre para pessimistas e eu sem ser um otimista, tenho da vida uma filosofia discreta e risonha.

A vida é boa para o Artista, pra o homem de idéias superiores, para aquele que não é apenas uma material.

E a vida que tem a Natureza fulgurando em nuances e tonalidades múltiplas, a Paisagem que encanta aos olhos e faz bem ao espírito, que tem a Flor e a Musica, e o Verso, e a Prosa, e a Pintura, e a Escultura - Ciências, Letras e Artes, e a ciência muita vez ainda é uma feição destas - e que tem a Mulher, a mais complexa, e delicada, e fulgente obra de Arte, não pode deixar de ser um sorriso para o homem superior - sorriso leve, flafante, sorriso de Beleza, de Bondade e de Perdão.

E vos digo, senhoras, ao findar, que não me surpreende ser esta a terra formosa de poetas e prosadores, de bardos augustos - dum lirismo suave e doce á vezes, ás vezes dum parnasianismo ardente e estuante, que relembra espadas nuas ao Sol, clarins reboantes e sonoras fanfarras.

Tendes uma natureza que é um encanto, uma paisagem que me recorda pedaços da Itália querida e gloriosa e da Suíça lendária. A vista se estende para o além, e os olhos de alegria sadia, deslumbrados com a cor, vêm na vossa Cidade Verde e Azul - verde dos pinheirais infindos, verde dos ciprestes heréticos, verde dos cedros seculares; azul do céu, azul das montanhas vistas ao longe, azul do horizonte largo - vêm a paisagem que mais se assemelhe e irmane às da Grécia famosa, cantada pelos seus bardos e menestréis.

Tendes a Flor, - as lindas flores coritibanas, rosas encarnadas como sangue, vermelhas, rubras, trescalantes, ou claras, límpidas, cristalinas as pétalas como as almas brancas das crianças; tendes os cravos e as camélias róseos, luxuriosos em sua pompa muda, perturbadores dos sentidos; tendes as hortências fidalgas dum roxo doce e suave com todas as suas leves e delicadas nuances; tendes flores soberbas ou meigas - e vastos ou pequenos jardins pintalgados de flores outras que alindam a Cidade Verde e Azul.

Tendes o Fruto, - o fruto que é mel, que é sabor, que é olfato, que é Cor - frutos vários, múltiplos, relembrando na sua florescência radiosa os d'além-mar, deliciosos ao paladar e encantadores aos olhos.

Tendes a Mulher, - a formosa Mulher paranaense, a linda mulher coritibana, que se deslumbrava os olhos pela sua beleza, pela sua elegância e pela sua simplicidade, encanta pela bondade que lhe é ingente e pela honra que é Brasão.

Mulher graciosa, frisando-lhe de leve os lábios um sorriso que é um misto de graça e talvez um pouco de ironia, ela é nobre - dessa nobreza inata e espontânea, fidalga por temperamento e educação, e viva, e inteligente, eleve, e airosa. Raça em formação, caldeada por três sangues puros europeus, a seleção se faz naturalmente e o produto aí está nesses dois gloriosos tipos de Mulher paranaense: alta e morena - dum moreno róseo e acetinado - os olhos negros e profundos, as pestanas largas, os cabelos pretos e macios, delgada; ou branca, elegante o loura, dum louro fulvo, os olhos claros, a pele límpida e veludosa ela, a Mulher donairoza da vossa terra, e vos falo dos expoentes, é às vezes uma deliciosa Tanagra, outras vaporosas como se fosse uma tela de Watteau, uma figura diáfana de mulher bailando um formoso minuete ou uma elegante pavan, - Mulher gloriosa, de olhos de veludo, penetrantes e inteligentemente argutos, ela sabe pisar como a parisiense, e é comedida e discreta no vestir, elegantemente simples - e a simplicidade ainda é a suprema perfeição na Arte.

Intelectuais do Paraná, poetas e prosadores da minha Pátria! Cantai, cantai em versos de ouro ou em prosa larga e jaceirada, em estilo suave e doce dum lirismo sadio e bom, ou em Forma altiva de menestrel, de capacete e lança em riste - cantai a Cidade Verde e Azul, a sua Paisagem deslumbrante e grega, cantai as suas Flores cheias de perfume e pompa e cantai, cantai acima de tudo, a Mulher que é o expoente maior da Arte, cantai - meus poetas e poente maior da Arte, cantai - meus poetas e meus amigos! - a linda, e formosa, e gloriosa mulher paranaense, cheia de Graça e plena de Beleza!

### **Um romancista brasileiro**

#### **ALUÍZIO AZEVEDO: o escritor e o homem.**

(Discurso de recepção na ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no salão nobre da Assembléia Legislativa, em Manaus, a 21 de janeiro de 1920).

PERMITI, senhores, que comece por uma suave recordação...

Outrora nos meus sonhos radiosos de moço cultuador do Belo, entre os meus desejos maiores estava o de um dia na Roma famosa e legendária, visitar a Basílica de Constantino, o Grande. A Igreja gloriosa de São Pedro impressionava, atraía, prendia o meu espírito de religioso e de artista... A obra excepcional de São Silvestre, o Papa, de Miguel Ângelo e Rafael, de Verona, de Bernin, e Bramante emocionava-me. E através de páginas vividas, de telas imortalizadas, de gravuras dum requinte extremo de delicadezas, de mosaicos variegados e minúsculos, pacientemente ligados em trama rendilhada e da mais pura Arte



- a minha admiração subia alto, a minha sensibilidade se acentuava e toda a minha aspiração era que se realizasse a fascinante miragem...

Um dia o Destino - tão caprichoso, tão vário é tão imprevisível! - teve para mim um sorriso delicioso, pontilhado de bondade... E já na Cidade Eterna, extasiado ante as suas sete formosas colinas, palmilhando pela vez primeira a Roma bem amada, Roma que é a terra por excelência das sensações fortes e de sonhos queridos, eu me surpreendi nessa esplendida tarde de maio florido que era como um belo sorriso aberto à Vida - a subir uma suave rampa de pedra... E em minha frente surgia, espigando erguendo-se para o céu dum azul lavado e transparente, a fachada majestosa, soberba e augusta, e pilastras alteavam-se, estatuas surgiam aos meus olhos extasiados e pórtico era um deslumbramento de decorações, e os vitrais multicores e requintados falavam das páginas deliciosas da ESCRITURA SAGRADA, essa Bíblia sonhadora que ainda é um dos livros mais famosos.

Entrei de manso, leve, tocado dum grande respeito e duma sincera emoção. A nave imensa, toda de mármore branco, sem um móvel lisa, era como um véu distendido é infindável de noiva imácula...

Fazia-se noite. Nem sabia das horas. Os meus olhos ávidos e o meu espírito trabalhado buscavam as arcadas celebres, os pilares, os recarreirados dos Papas, os altares, os santos... S. Pedro em bronze ali estava, o seu pé direito gasto por milhares de beijos dos fieis fanáticos, Vaticano avultavam na representação dos Evangelistas; e como eram impressionantes as Capelas Gregoriana, de Miguel Ângelo, a de Clementino, a do Coro e da Coluna onde sorrindo para nós surge a Virgem miraculosa!

Havia uma grande quietude. Raros fiéis àquela hora adiantada aqui e ali oravam. Adivinhava lábios em toda a nave silêncio consolador.

Insensivelmente me ajoelhou. Tinha fé. Murmurava talvez de alegrias doces... Que sabia eu?! O meu espírito estava numa grande, numa suave tranquilidade.

Quando ergui os olhos vi que me ajoelhara em frente desse mármore que tem alma, que é o *Pietà*, de Miguel Ângelo!

Radiosos sonhos de outrora!...

... Anos se passaram. Já bem afeito à vida, às lutas e aos combates, às cruzadas extremas e violentas, quase a entrar no pórtico da velhice, não deixava de sonhar!... E o meu sonho agora - e me penitencio dessa ambição e dessa vaidade! Era de ser um dos vossos, de pertencer à vossa nobre e apurada Companhia!

Estava longe... Notícias exparsas, cartas, telegramas me diziam da fundação com êxito brilhante da vossa... - Sociedade ou melhor Academia de Letras. Revi-me. Escalpelei, bisturisei com espírito de crítico leal a minha obra literária. Grande, vasta no tamanho; apagada, desataviada na essência. Nem faramalhas de estilo requintado, nem surtos de imaginação ardente, nem observação aprimorada e cuidada... Mas vós quisestes elegendo-me, escolhendo-me em gesto fidalgo de espontaneidade, mostrar apenas o vosso carinho e bondade, e assim contradizer o velho e já agora neste momento falso brocardo - "Longe dos olhos, longe do coração!" E como eu sinto bem comigo e convosco a inverdade do provérbio! Pois se já sou um dos vossos! E como há mulheres lindas que devem sorrir sabendo que ele é verdadeiro!...

A Companhia me agrada ele é verdadeiro!... seguistes hoje, vibratizando e rompendo com arcaicas tradições e reagindo contra a onda alta dos indiferentes e dos pessimistas ser o núcleo intelectual e por excelência do Norte. Em outras épocas ele foi de certo de outras terras... Hoje sem vaidades, mas com espírito claro de justiça, podemos afirma-lo que esse gabo pertence ao mais longínquo, ao meia desconhecido e abandonado dos Estados da República!

Não vou, é intuitivo, ferir a vossa modéstia citando nomes que são bandeiras de força moral, de coragem cívica, de inteligência de escol, de erudição vasta. Tendes entre os vossos juristas perfeitos, oradores brilhantes, apurados críticos de Arte, romancistas psicólogos, analisadores cuidadosos das emaranhadas almas de hoje, poetas líricos duma perfeição bilaquiana, humoristas deliciosos, conferencistas encantadores e profundos, dramaturgos emocionantes, cientistas de valia, cronistas elegantes e de forma rendilhada, contistas de sensações rápidas, violentas, filólogos de vasto saber e até ironistas adoravelmente impenitentes... Podemos, devemos assim vos considerar sem favor expoentes da intelectualidade do Norte.

Senhores, um dia eu me vi ajoelhado na Basílica Sagrada do Vaticano ante a *Pietà* imortalizada de Miguel Ângelo, e hoje anos passados junto a vós, curvado, eu guardo com carinho e amor o mesmo culto emocional do Belo que é uma religião dentro da Arte maravilhosa e eterna!

\* \* \*

Aquele delicado, subtil e luminoso espírito que é Anatole France, que pela metade dum século vem em clarões intensos norteando a França culta e bem amada, numa das suas páginas mais vividas dessa guerra assombrosa e tremenda que empapou de sangue as terras cansadas de além-mar, gravou o período latejante de que todos nós devemos fazer "odiar o ódio"! "Queimai, exclamava o Mestre August, queimai todos os livros que ensinam o ódio! "

E em amor e trabalho, pode-se sintetizar toda a obra vasta e empolgante de Aluízio, impressionante e sugestivo como homem, formidável e inconfundível como homem, formidável e inconfundível escritor, tendo em toda a sua vida movimentada - e perdoai a ousadia paradoxal - odiado com o carinhos dos apóstolos, com a virulência dos fortes e dos convictos que são sempre os grandes vencedores, a esse ódio abocanhador de almas, infeccionador de corações, tão magistralmente estigmatizado na obra anatoliana.

De Aluízio Azevedo não se poderá fazer o estudo de sua obra literária, nem traçar o seu perfil magistral e analisar os seus processos de romancista e de contista, no prazo rápido e fugaz duma hora. Não menos dum livro seria de certo imprescindível a esse ensaio ou crítica, se não for impertinente o vocábulo, para bem se observar esse excelente pintor de almas, esse escrupuloso novelista que num belo golpe de audácia reformou costumes e hábitos, lançando no quieto Brasil de outrora uma escola nova, revolucionária para a época e deveras emocional.

Soube-me bem ao espírito a vossa generosidade, concedendo-me a cadeira patronada pelo psicólogo do *Livro duma sogra*. Guardo a convicção de que, preenchendo-a, ela fica vazia... Mas feitor de romances e de contos - pobre de mim! dentro porém da sua fórmula literária e ambos da mesma intelectualizada terra, desse Maranhão que foi sem favores um Athenas de escol embora pequena, e até com a coincidência de nomes de família, o que faz a muitos do Rio espiritual supor um parentesco que aliás não existe, a curul aformeseada com o nome áureo do conterrâneo de destaque se me trouxe maiores responsabilidade se gravames, bem sorriu ao meu coração é a minha lama de artista.

A divisa de Aluízio tirada do Direito Criminal francês giza dum risco só, forte e vivo toda a sua obra literária - "*La verité, toute la verité, rien que la verité*". E se em alguns dos seus livros pode haver, como há, aqui e ali, descasos de estilo, deslizes de boa linguagem, a verdade dominou-os e fervoroso culto que eternizou a sua obra nesta Pátria bem amada.

Paira nesses milhares de páginas um sopro de ideal novo, de vida nova, intenso e patriótico, que implicitamente concorreu para a melhoria da geração que surgia, para o seu forte e útil aperfeiçoamento, desfraldada a bandeira rubra de combate talvez com uma ponta exagerada de escândalo, mas necessária no momento de transição, para avassalar, para se acentuar e firmar, para empolgar. Foi o combate às claras frente a frente, blindada a couraça, que neste País centralizador de hoje e de ontem e de amanhã - quem sabe? - e em tudo é forçado para a sua Capital suprema, que Aluízio viu, sentiu a necessidade de, como o seu irmão Arthur deixar, abandonar a Província longínqua e sempre esquecida, mas na República do que no Império, para no meio literário de escol, com audácia e talento, cortar e abrir a golpes de espada nua o caminho para passar e para vencer.

Era a época do romantismo exagerado e doentio duma pieguice desoladora. Nos romances de então, salvo as páginas esplendidas de Alencar, muitas de Macedo e de pouquíssimos mais, o resto era indeciso, vulgar, amodorrado. Os homens caricaturavam asquerosamente o sempre eterno e caluniado D. Juan, escalonando na imaginação melíflua e melosa pela calada da noite, janelas cerradas onde deveriam estar, numa toalha de ouro, as diáfnas e transparentes Elviras, E as pretensas donas na sua maioria então "pálidas e frias", como dizia o poeta, e espiritualmente tuverculizadas, desancadas de lirismo, cloróticas, nervosas, histéricas, eram uns molambos de mulheres, lamechas e babosas.

Foi quando surgiu, quando irrompeu na minha terra Aluísio Azevedo com o *Mulato*, em 1881. Todo o Brasil vibrou, estremeceu, espantado, e urbano Duarte lançou no Rio o autor e o romance nas colunas famosas d'*O País* com um grito estridente aberto em artigo formidável – *Romancista ao Norte!*

Vencia assim o naturalismo com Aluísio e depois com Raul Pompéia, Julio Ribeiro e Machado de Assis.

Era um livro da primeira idade escrito na Província ao vinte anos, o *Mulato*. Mas era um livro forte, de observação cuidadosa e fiel, mais de personagem do que de meio, com a paixão torturante da verdade, talhado em bom estilo, revolucionário no momento, com dizeres e locuções regionalistas que escandalizavam!

A Corte recebeu o romance emocional e os Mestres aplaudiam o moço escritor com entusiasmo. José do Patrocínio, Araripe Júnior, Raymundo Corrêa, Sílvio Romero, Tobias Barreto, Lucio de Mendonça, Adelino Fontoura, Raul Pompéia, Valentim Magalhães, Clovis Beviláqua, Fontoura Xavier, Capistrano de Abreu Urbano Duarte, Ferreira de Menezes, acompanharam com alegria e vigor o belo gesto de Urbano Duarte. O Maranhão de então, embora a fama a lhe emoldurar o nome ateniense, o Maranhão na parte eivada de burguesia, extático e apavorado, com assombros na voz e no gesto da petulância ousada do patricio, silenciava em absoluto sobre o *Mulato*. Apenas chispando fogo, acicatando-lhe a obra e a pessoa com cruéis protuberâncias de linguagem, surgiu em São Luiz um jornalista, um só da velha guarda romântica que desancou agressivas fanfúrrias de indignação num estilo de ciclone contra o *Mulato*, aconselhando o seu burilador – e como as Províncias de ontem se parecem na crítica com de escrevinhador e fosse cultivar as nossa ubérrimas terras” – conselho que desgraçadamente para seu autor e gloriosamente para nós não foi seguido por Aluísio.

Assim, entrou o naturalismo no Brasil pela pena arrojada e elegante do Mestre do *Cortiço* que era também um poderoso regionalista, a par de um impressionista ingênito, no momento em que Zola e Eça – o divino Eça! – revolucionavam e dominavam e aterrorizavam a França culta e o então bisonho e lindo Portugal.

O romantismo caíra em exageros, excedera-se e aborrecia e entediava. Tinha-se a sede de algo que vibratilizasse, que emocionasse, que enfim fosse a Vida. E Aluísio chegou no momento preciso, teve a feliz clarividência de aparecer na hora necessária reagindo dentro dos processos naturalistas “com a verdade, na frase tersa do acadêmico Alcides Maia, psicológica das ações na contemporânea dos ambientes, a rota traçada desde os primórdios do século dentro da obra dos dois maiores romancistas modernos, Stendhal e Balzac.”

Um seu crítico observou com felicidade – que Aluísio Azevedo adotara um programa cujos artigos essenciais foram o exame instintivo dos caracteres, e a verdade imediata e contemporânea dos meios.

A leitura atenta dos Mestres do naturalismo nos seus múltiplos segredos influiu no autor do *Coruja*, despertando a sua inteligência invulgar e os seus raros predicados de observação. Balzac e Beyle, e Daudet, e os Goncourts, e Flaubert, e Zola, e Eça, Maupassant e Bourget com os seus processos então novos e privativos da escola estão na obra aluziana, principalmente no estudo psicológico das personalidades.

E – caso curioso! – é no romance brasileiro e com saliência em Aluísio que nós vamos estudar de preferência o meio social, principalmente o povo e o mestiço, desde que a crítica não se compenetrou inteiramente das suas especiais responsabilidades. Sílvio Romero era um formidável e espantoso combatente, Araripe Junior um risonho e às vezes delicioso céptico, e José Veríssimo o mais desapaixonado e o mais justo dos três era um raro e extraordinário disciplinador de ideais. E daí, e essa observação é dum crítico sagaz – a obra deles ser grandiosa o fim a que se destinava socialmente preenchido o fim a que se destinava socialmente.

Mortas as três eminências intelectuais, a nossa crítica literária está limitada a artigos esparsos de Medeiros e Albuquerque, Nestor Victor, João Ribeiro, Homero Prates, Victor Vianna, José Maria Belo, Jackson de Figueiredo, e poucos mais, e aos trabalhos desse novo que surgiu armado de cavaleiro e que é Ronald de Carvalho.

E é por isso que, com preferência para o estudo da nossa época, teremos de reler as novelas e os romances do escritor de *Casa de Pensão* observando as suas personalidades, a sua análise e o “meio” em que se movem, amam e odeiam, – pois Machado de Assis, o

Mestre supremo da Arte brasileira, era mais e por excelência um psicólogo apuradíssimo, um pesquisador aprofundado de almas de requinte.

Nos livros de Aluizio há um ideólogo morfólatra e um cultuador da carne estuante. Ao fechar qualquer dos seus romances, ao dobrar a última página sente-se que se está em frente dum poderoso artista, elegante psicólogo familiarizado com os homens das pedreiras, as mulheres da burguesia e algumas de salão. Ele foi, como já disse, um cultuador da Verdade amando a Vida apaixonadamente e assim a sua fórmula em Arte era que - "imortal é tudo que aberra da Natureza".

Entretanto e talvez fique quase sozinho no meu pensar, esse naturalista do *Mulato*, da *Casa de Pensão*, do *Cortiço*, do *Livro duma Sogra*, esse escritor da *Condessa Vésper*, da *Mortalha de Alzira*, dos *Demônios* e das *Pegadas*, do *Mysterio da Tijuca*, de *Philomena Borges*, de *Uma Lagrima de Mulher*, esse mesmo que escreveu no pórtico do *Homem*, - "quem não amar a Verdade na Arte e não tiver a respeito do Naturalismo idéias bem claras e seguras, fará, deixando de ler este livro, um grande obsequio a quem o escreveu" - tinha talvez a alma dum romântico, dum idealista. A sua fórmula literária, os seus processos eram naturalistas mas a sua alma tinha laivos romantizados e tanto que com ardorosa paixão, embora por um capricho, escreveu *A Mortalha de Alzira* moldada dentro da obra de Théophile Gauthier, o Mestre encantador de *Mademoiselle de Maupin*, e esse lindo e embevecedor sonho de amor eterno, de noivado eterno, que é o *Livro duma Sogra*, aparentemente dum forte naturalismo.

Ele tinha a observação justa, o dialogo pronto e rápido movimentando bem as personagens e aqui e ali em certas páginas o estilo jaceirado, a naturalidade correntia do enredo e desfecho, o talho bem cuidado das figuras, o estudo carinhoso das almas, algumas pinturas fiéis do "meio", a dissecação de indivíduos com quem nos acotovelamos nas ruas surpreendendo-os em costumes e hábitos nas suas raras belezas e nos seus infundáveis vícios, um forte impressionismo, às vezes uma graça leve, uma frase de espírito mesmo, uma ironia cintilante e até num ou noutro capítulo, com parcimônia, esse *humour* delicioso e vago que é sempre um encanto e uma delícia até a conclusão do livro às vezes de fundo sadio e moral.

A sua obra é toda um Cidade.

Nietzsche nas suas páginas geniais, violentas e desconcertantes, dizia duma feita que para o artista haver a perfeição, chegar ao auge da Arte, é necessário amar - "*l'amour, c'est ta fonction organique de l'art*". E Carlyle não pode compreender o poeta separado do amor. Eles se integralizam, eles se completam.

E Aluizio muito amou à Natureza, e às mulheres.

Daí, ter sido um artista perfeito, complexo e complexo.

Passara a época do romantismo sintetizado nas celebres Luciolas. Surgiram as Hortências, as Palmyras, as Magdas, na observação de Alcides Maya. Aluizio, transportado da pacatez maranhense para o bulício estonteante da Corte, iniciou os seus estudos de alma feminina no conto, no teatro, no folhetim, na poesia, no conto, no teatro, no folhetim, na poesia, pontificando, enfim, no romance. E aí foi o Mestre raro, o psicólogo feliz, o analisador de todas as dezoito armas de sedução da mulher - dezoito ou trinta e seis, não sei bem...

Ele ao começo, segundo ainda Alcides Maia que melhor o estudou no seu famoso discurso na Academia de Letras quando sucedeu a Aluizio, "quis dar à sua obra um caráter geral, com o cunho de livros seriados, cujos personagens se ligassem à vida nacional, espelhando-a; o plano partia da *Casa de Pensão*, com outros volumes complementares; felizmente não a analisou, pois seria transportar para aqui, com adaptação, os Rougon-Macquart..."

Fez também por *sport* alguns livros, felizmente pouquíssimos, à Montepin, à Terrail, à Gaborieau, outros quase à Lamartine, ainda outros dentro de Scott. Pecadinhos, crimes da mocidade!

Mas a sua obra é forte, dissecados os vícios e às vezes brutal e até perversa. Mas é o estudo de almas apanhadas no flagrante de poucas virtudes e demasiados erros. Há tipos que se não apagam da nossa memória. Ficam, como diria Jules Lemaitre. De certo vós todos vos lembrais daquele ricoço João Romão, daquele formidável e emocional Coruja, de João Coqueiro, de Amâncio, da celebre Bertoleza, da Jerônimo e de tantos, tantos outros!

É nos contos, esse gênero tão banalizado e tão difícil e raro, como Aluizio Azevedo era perfeito e era magistral! Ironista no *Macaco Azul* e no *Ultimo lance*, ele é sentimentalista na *Inveja* e no *Vícios* - e entre os dois casos, dizia em seu historiador penetrante, como ele é bem diferente do romancista talhado à Zola, dum realismo atroz e por vezes terrificante!

Dos seus livros o que menos me sabe ao espírito, embora sabendo bem, é o *Homem* talhado todo ele dentro de Zola - com uma ponta impertinente de pretensiosidade científica e um receituário ao alcance dos manuseadores do Chernoviz trivial. Felizmente para o gáudio nosso há aqueles sonhos perturbadores de Magda. É um consolo literário.

A sua obra tida como perfeita é o *Cortiço*. Ela é de fato duma rara e penetrante observação. O estilo é bem tratado, os tipos são humanos, a movimentação é feliz, o entrecho é racional. Pertence à galeria dos dez ou doze romances brasileiros imortalizados.

Mas o seu livro que me empolga, que me sugestiona, que me faz pensar e portanto o que mais me agrada, o que eu prefiro a todos os outros, é o *Coruja*. Decerto é o mais desvalioso no estilo e a linguagem é mal acabada. Fica-se a pensar como esse romance formidável não mereceu o carinho estilístico de Aluizio! Pois que?! Então uma obra de pensador, de filosofo, grandiosa, vasta, como é positivamente esta, tinha o direito de ser maltratada na forma?!

Aluizio Azevedo em algumas em muitas das suas páginas, foi porém estilista de raro sabor, de cinzelada perfeição. Cuidava, nem sempre - e já exemplifiquei com o *Coruja* - da linguagem, a aprimorado-a.

É o certo é que nós, geração de hoje e a de amanhã, temos de - e não é um paradoxo - nacionalizar a nossa língua. Ela anda explorada, adulterada, abastardada. O neologismo polula. Na escrita e na palavra então já parece uma língua estrangeira... O norte felizmente ainda é sentinela avançada, guardando, zelando a tradição. Mas o Sul ou melhor a Capital máxima, esse formoso e lindo Rio que é um encanto e uma extraordinária sensação de Arte, faz gabos do seu assombroso progredir material e do seus desprezo que é doloroso, e injusto, e cruel, pelo rico marmóreo idioma nosso... O francesismo elegante sorrateiro invadiu a língua portuguesa, a nossa bem amada língua brasileira, e nos bailes e convescotes, nos chás requintados e nos cinemas empolgantes, nos teatros e que só se ouve o francês galante e requintado... É uma noite do *Assyrio* dizia-me jubiloso certo jornalista parisiense, de passagem para Buenos-Aires, ao ouvir o palestrar em francês nas mesas próximas - "parece que estou em Paris." E como eu me senti humilhado com a espontânea e justa, e dolorosa, e amarga observação!

Escreveu Olavo Bilac - o Mestre e Amigo - que "a morte duma Nação começa sempre pelo apodrecimento de sua língua." E interrogava - "que será do nosso idioma, se o não protegermos na luta desigual?!". E esse grandioso e legendário Joaquim Nabuco exclamava - "a Pátria e a Religião, são em certo sentido, cativeiros irredimíveis para a imaginação, condições de "Fiat" intelectual. Compreendeis o artista grego, que em replica de Esquilo, esculpisse o persa? Ou o poeta francês que, depois de Sedan, cantasse o alemão?" Já Felinto Elísio em clássicos tercetos observava:

Nós prezamos tão pouco a nossa língua,  
Que tão somente as outras aprendemos,  
Em pesar da nativa; e a ser-nos dado,

Na francesa escrevêramos, faláramos,  
Como já na espanhola, por lisonja,  
E por louca vaidade, compusemos!

Lembro-me de que ainda nos últimos meses do ano que acaba de morrer assisti na alta sociedade carioca brilhante de Arte. Era eximia e magistral professora de declamação brasileira que apresentava as suas formosas discípulas e patricias, senhoras e senhorinhas... Declamaram com rara perfeição com apurado carinho e sentimento. Emocionaram. Mas do programa, Senhoras, composto de quinze números vos afirmo que treze desses eram de poesias extraordinárias, mas francesas!

E de nossa língua, aberto a cinzel o mármore claro, tudo se exprime - o que pensamos e o que sentimos. É no dizer do poeta:

- "o meigo idioma,  
Abundante, e grandioso, e brando, e fero".

Aluízio quando quis manejou bem, boleando-o aprimoradamente, o estilo.

Fechando o comentário sobre o escritor pode-se dizer que Eça de Queiroz, o rutilo ironista de *Fradique Mendes*, foi único nas duas literaturas vazadas dentro da mesma língua por ter sido exclusivamente literário; Aluízio Azevedo não teve, não tem renome igual que passasse heroicamente às fronteiras, porque ambicionou ser científico, na trama às vezes formidável e postiça de Zola. Mas mesmo assim no romance dentro da sua época, foi o melhor historiador da nossa vida, do nosso meio, e da nossa raça.

\* \* \*

Mas a hora é breve, senhores, e eu já vos falei do artista, não de certo como devia que só num livro amplo se pode analisar toda a obra aluiziana; deixai agora que eu vos diga um pouco homem...

Formoso homem era Aluízio! Forte, másculo, o rosto pálido, a tez larga e alta, o bigode farto e sedoso, apurado no trajar, ele se era estimado dos homens que o admiravam, era adorado e querido das mulheres a quem encantava!

Há lendas deliciosas ao redor de seu nome... Mas em amores a discrição se impõe, por cavalheirismo e habilidade. E nem assim poupou as mulheres e o casamento!

Relembrai aquelas páginas curiosas e profundas do *Livro duma Sogra*, da mulher a respeito do marido - "Só os casados, escreve, só estes, poderão calcular e compreender quanto nos injuriamos os dois, quanto nos aviltamos, por palavras e gestos, nessas secretas e constantes lutas." Mesmo porque, vos digo eu, casal sem rixas, ou aborrecimentos, ou zangas, parece que só há um, um ou dois, vagamente, na Finlândia longínqua...

Mas não calo a metade pelo menos duma indiscrição...

Os últimos e aliás longos amores de Aluízio foram por uma certa esplendida criatura doce e suave, "fausse-maigre", alta e morena, a pele de setim e jambeada, de certo macia como o arminho, e adiantava um amigo que a conhecera, "com certos traços malaios no rosto ingênuo, parecendo filipina". E o amor de ambos era como um delicioso poema!...

Os olhos, os formosos olhos de Aluízio! Contava-nos Coelho Netto, naquela sua palavra magistral e irisada muito sua, na tocante sessão da Academia de Letras em honra ao romancista patricio, a que assisti representando a vossa, a nossa Academia, ainda não há muito, - o seu corpo no Syllogeu, de passagem para a terra natal - Coelho Netto dizia dos seus olhos que eram lindos, parece que de veludo como que úmidos sempre - garras de polvo de ouro com que prendia e manietava, talvez sem o querer, gloriosas, e esbeltas, e garridas mulheres!

De Aluízio se pode afirmar o que Graça Aranha, o vitorioso de *Canaã*, disse de Joaquim Nabuco - "que no espelho da sua Saudade se refletiam três imagens: a imagem da Beleza, a da Inteligência e da Bondade.

Porque Aluízio era profundamente bom, simples, lhano no trato, amando muito a sua terra natal e imensamente a sua Pátria. Dele disse Rodrigo Otávio que era um desinteressado e um generoso, - "não existe quem nele haja recebido uma palavra má, quem lhe guarde o resaibo de um mau movimento. Afável e insinuante, fastígio da popularidade, lisonjeado e procurado, Aluízio jamais se despiu da simplicidade de seu modo, atraente e caricioso".

Ele pertenceu á boemia áurea do Brasil, aquela que era feita de Raymundo Corrêa, Augusto de Lima, Paula Ney - expoente maior de nossa boemia inteligente, viva, cintilante, original e risonha! - Guimarães Passos, Urbano Duarte, Olavo Bilac, Valentim Magalhães, Coelho Netto, Arthur Azevedo, Pardal Mallet, Osório Duque Estrada, José do Patrocínio, e mais alguns. No fundo, porém, embora camarada e amigo dos outros não se poderá dizer que o mestre do *Cortiço* fosse positivamente um boêmio. Não. Ele tinha métodos seguros de trabalho, tinha ordem e disciplina. Coelho Netto deve ao seu exemplo e aos seus conselhos a sua extraordinária capacidade de gestação intelectual.

De certo conheceis Aluízio Azevedo como Cônsul aos quarenta anos aqui, ali, e acolá - trabalhador ardente e compenetrado dos seus deveres e obrigações consulares; nas

letras, sabeis, deixou mais de uma dezena de livros, alguns excepcionais. Esteve em Vigo, em Tóquio, em Buenos Aires, Cardiff, Nápoles e absorvido talvez pelos compromissos da carreira ou a sua imaginação brasileira fosse prejudicada pelos cenários de terras outras, o certo é que de repente parou de escrever prometendo para mais tarde uma grande obra social, talvez no feitiço dos *Sertões* de Euclides Cunha, que não chegou a ser escrita. Nascido em S. Luiz, a 14 de abril de 1857, morreu em Buenos Aires a 21 de janeiro de 1913 - sete anos fazem hoje! - com 56 anos. Não se casou nunca, embora vivendo sempre casado... Achava que a lei de tão estreita e irritante. No seu livro de estilo casamento como ele é arranjado, numa nueza de linguagem de arrepiar. Não se fosse contra a família, não; mas queria leis liberais, amplas, nobremente asseguradoras dos direitos do homem e da mulher.

Sempre tivera a anciã do mar e ao espírito devia-lhe ter sorrido ao princípio, para depois cansar, a vida erradia que levava nos últimos quinze anos. De certo nas páginas moças da *Conquista* de Coelho Netto, com a vossa perspicácia, descobristes indiscretamente naquele Ray Vaz o nosso grande e formoso Aluízio... E aí se conta que este ainda não consular "se assentava em cadeiras desconjuntadas para ter a sensação do mar..."

Desfiam-se anedotas de Aluízio. Quando morreu a sua genitora longe de si, ele se bipartia em chorar, os meus lindos e soberbos olhos pisados e lágrimas... Os seus companheiros - e era a mocidade dourada que tanto fez pelo Brasil - reuniram-se para tratar do luto forçado e de alma Aluízio. Este só possuía um terno cinzento. Dinheiro não havia - e como os literatos de hoje são solidários com os seus camaradas de outrora!...

Entre eles havia um que chegara do Norte e que trouxera linda roupa negra. Era Guimarães Passos. Pressurosamente foi busca-la e no dia seguinte o autor do *Coruja* saía todo de preto.

Mas não resisto ao desejo de transcrever o resto dessa historietta tão bem contada por esse grande mestre da *Esfinge* que é Afrânio Peixoto: "... mas Aluízio esqueceu-se de procurar outra roupa e, um mês, dois meses passaram o dono, que dela viera precisar, porque tinha uns saraus a que era convidado e um derriço lá para as bandas da Gamboa, já se amofinava pelo *croisé* preto que o camarada não devolvia. Tomou resolução heróica, que seria decisiva. Quem o alheio veste, na praça o despe. Plantou-se à espreita na rua do Ouvidor, em que o outro devia passar, e quando foi chegado o momento, alto e empertigado, para que o ouvissem Coelho Netto e Alcindo Guanabara, que eram do grupo, intimativo e suasório: - Aluízio... Contém que alivieis o luto!

Ao outro dia a fatiota negra tornava ao dono, Aluízio vestia o terno cinzento com um fumo no braço".

O observador fiel da *Casa de Pensão* escrevera um volume que todos dizem seria extraordinário sobre o Japão. Ah! A história dolorosa desse livro!...

Imaginaí, Senhores, um escritor lídimo, de raça, que tem o todo o carinho e respeito, e amor pela sua obra, consumir anos de existência, de observação cuidadosa, de psicologia fatigante de almas estranhas, de análise do "meio", de anos em bibliotecas manuseando velhos pergaminhos, indagando, consultando pesquisando, fazendo também desenhos e pinturas - Aluízio era um artista completo - ter a obra pronta, julga-la pela feitura e pelo acabamento e definitiva e não poder publica-la pelo erro imperdoável dum amigo mercantilizado?!

Fora o caso que essa obra de luxo, caríssima, de larga tiragem, como ilustrações e iluminuras me papel japonês, só podia ser editada por si. Eram hábitos nipônicos, curiosos, esquisitos, caricaturais, era todo o Japão - a profecia sobre o Japão, mais tarde toda ela realizada. Talvez fossem mesmo páginas antagônicas às de Oliveira Lima no seu brilhante obra vazada talvez dentro dos moldes de Lafcadio Hearn.

Os seus editores tinham de lhe dar quase duas dezenas de contos. Chegava a quantia precisamente para a edição vasta, carinhosa e artística da obra que se chamaria - não sei bem porque - *Agonia de uma Raça*. Aluízio contratou a feitura do livro e esperava sôfrego e dinheiro... Em vez deste recebeu uma carta de seu advogado e procurador, e amigo, dizendo que não lhe remetia a quantia porque fizera com que ela uma ótima operação! Sabeis qual era? Todo o dinheiro destinado à edição luxuosa fora empregado em terras e praias então desvalorizadas de Copacabana... E Aluízio não pôde nunca mais publicar o livro porque nesse tempo todas as suas observações, verdadeiras profecias, iam se

realizando dia a dia. E ficou apenas proprietário. E também nunca mais escreveu um romance. Como a sua alma de artista devia ter sofrido!...

Das terras nipônicas ele trouxera para o Ocidente, em seda, um lindo retrato de mulher, uma figurinha deliciosa de Tanagra... Conta um dos seus amigos que "era Sato, formosa criatura quase ocidental na sua miúda face morena mas com a graça tênue e subtil de recato e simplicidade, das *musumés* já lendárias". E já que ela não poderá acompanhá-lo, tinha vindo a sua imagem sempre despertadora, embora anos depois, de deliciosas saudades... E ainda nos querem fazer crer na volubilidade dos homens!

Aluízio pensava escrever, se um dia se radicasse na sua Pátria, uma grande obra de fé, intensa e ardente, que se chamaria. O *Messias*. Trataria do conflito religioso no Brasil, e notas, e estudos, apontamentos, e ensaios já estavam prontos. Amigo dele afirmou que seria esta obra o nosso *D. Quixote*.

Ah! Os processos de escritor de Aluízio!... Eles eram únicos nesta Pátria. Era um homem de cidade e para a leitura dos seus livros ia às pocilgas, às pedreiras, faradulando com as zabaneiras, fazendo-se íntimo da babugem, da ralé humana. Vivia-se preciso fosse, com rufiões e capangas, no sonho de sua Arte imortalizada. Daí a vitória do *Cortiço*, da *Casa de Pensão*, do *Homem*, do *Mulato*, do *Coruja*. Ele estava na época, no meio, no momento, flagrante de verdade. E pertinaz, metódico, assombroso de paciência, recortava em papelão as suas personagens, os heróis dos seus livros, os seus clássicos e pequeninos bonecos, com a mesma figura com que iam aparecer nos volumes e fazia-os andar, dançar, vultear, em cima da mesa! E só depois de assim ter dado vida a eles é que ia escrever, reconstituindo as cenas reais surgidas da sua forte imaginação...

Mas decididamente vos fatigo. Perdoai, Senhoras e Senhores, se o assunto me empolgou e apaixonou. E antes de fechar esse estudo falho, permiti ainda que eu vos conte uma última anedota tão do feitio do conterrâneo querido.

Raymundo Correia – que encanto de homem era Raymundo! – ia apresentar Augusto de Lima, naquele tempo bisonho provinciano, hoje acadêmico aclamado, à Aluízio. Foram à casa deste no Rio, lá para as bandas da afeada rua Formosa... Entraram numa sala vazia, ao canto uma cama desfeita, uma pequena mesa, do lado oposto vistoso biombo. Eram esses todos os domínios de Aluízio, nesse tempo o intelectual focado, o romancista da moda, em pleno triunfo, fruindo radioso êxito.

O romancista surpreendido com as visitas se refugiara rápido atrás do biombo. Pediu que esperassem... Raymundo Correia, da mesma boemia, vendo que ele tardava a surgir, observou que a apresentação não era de cerimoniais de etiquetas... Que aparecesse!

Apareceu. Irrompeu de traz do biombo como um Apolo. Estava belo e heróico! E conta Augusto de Lima, num feixe de saudades, – "Aluízio estava com um admirável costume de fraque azul, talhado por algum dos melhores alfaiates do Rio. Estava deslumbrante.

Os cabelos artisticamente repartidos, o rosto escanhado (e que formoso rosto, e nele que olhos suaves!) todo o corpo irrepreensivelmente elegante, a terminar por um par de botas de verniz com reflexos de luz. E Aluízio logo dizendo:

– Desculpem-me aparecer neste rigor, porque é o único terno que possuo...

Sobre a mesma estavam espalhados diversos dos bonecos de Aluízio, e este vendo que os dois reparavam neles, explicou sorrindo:

– Aí está o meu próximo romance. Só falta fazer mover, animando, tudo aquilo que me é familiar. Aquela menina é adorável; aquele taverneiro, um bruto; este rapaz, um idiota. Já fiz as minhas relações com todos. Deixo-os por hoje, que o dia pertence aos dois poetas que me visitam".

– Foram esses processos de romancista de escol, consciencioso e humano, que fizeram imortalizada a obra do patrício amado, que sucedeu ao luminoso José de Alencar, mas que até hoje não teve substituto nas letras pátrias.

Aluízio! E até o seu nome é forte e glorioso, sonoro e brilhante, como lascas de cristal que se bipartem, nome talhado para as mulheres fidalgas segredarem entre abraços e beijos, amarfanhando sedas e veludos na carícia suprema do amor vitorioso e eterno! Aluízio!...

\* \* \*



E agora, Senhores, só me resta agradecer-vos a adorável, a deliciosa ironia que tivestes para comigo escolhendo entre os vossos o mais moço de todos – de certo um dos mais distinguidos pela inteligência de escol e pela cultura de espírito – para recepcionar um que vem se enfileirar entre os mais velhos...

Quisestes assim relembrar aquele que vem pertencer à vossa augusta Companhia que nesta casa é necessário trabalhar com ardor, fervorosamente, com a convicção firme de vencer, com as energias heróicas da mocidade, a inteligência desperta e a ação pronta. E vos posso afirmar que procurarei não desmerecer desse aviso, e quietos como aqueles lagos azuis e sempre calmos da Suíça formosa, ora aparentemente tranqüilos como as fingidas águas mortas dos nossos rios soberbos e dos nossos igarapés encantados, ora veementes, extremados, virulentos, tenebrosos, trágicos, como os ciclones que às vezes varrem os mares eternamente revoltos ou agitados, furiosos, espumantes, como águas que se entrechocam gloriosamente encachoeiradas no Amazonas inigualável – esses anos vividos, dizia eu, não me trouxeram o enfraquecimento, a tibieza, o desencorajamento, a cobardia para o bom combate, para os fortes trabalhos, para as belas cruzadas forradas de sonhos e de ideais. São o espírito em corpo forte, reajo, reagirei – ainda que veja nos vossos lábios um vago sorriso pontilhado de ironias... – contra a velhice que já visto, desgraçadamente não tão distante como eu o desejava, na curva longínqua da estrada...

Velhice! Experiência – o seu elogio já foi talhado em períodos mármores, como páginas cinzeladamente frias de Heredia, por sábios de oitenta anos cheios de recordações, toda uma vida dentro de livros raros, familiarizados com vícios abrasadores e os sentimentos afetivos, todos eles aliás já condensados esgotantemente na obra shakspeariana, imortal e única!

Velhice! Saber – vasta e apurada ilustração, mares percorridos e terras palmilhadas, experiência requintada e subtil dos homens e desconhecimento, ontem como hoje, como amanhã – da psicologia estranha, esquisita, imprevista, admirável, extasiante, desse formoso e santo, e puro, e imáculo, e pulcro misterioso que é a Mulher!

Velhice! Quantos amadurecem hoje quase com a alegria, satisfeitos, resignados, consolados mesmo em só terem lembranças suaves ou recordações agitadas, mas que só reflorescem nas longas palestras de antanho e nos sonhos enfraquecidos, redivivos apenas do pensamento sem o clarões entontecedores de Aspásia!

Não! eu se pudesse – linda e eterna miragem! – ficaria sempre na mocidade fascinante e sadia, alma clara e corpo forte, na luminosidade vos trinta anos!...

Vós sabeis... Miguel Ângelo, o puro, na imortalidade radiosa do seu David ou do seu Moisés, apaixonado na velhice aos cinqüenta anos por aquela Vitoria Colona que ele celebrizou, daria todos os seus mármores pela idade re florida em que se canta cavalheiresco e estuante o Amor que vibra, que flafila, que empolga, que avassala, que arrasta, que domina!

Tenhamos Fé, tenhamos Esperança! Vós conheceis aquele soneto rendilhado e terso do Mestre bem amado, daquele que foi o rei da boemia, e que no declínio da idade transformava-se pacientemente, aos poucos, em quase um santo... Relembrai os versos áureos de Olavo Bilac:

“Bendito o que, na terra, o fogo fez, e o teto;  
E o que uniu a charrua ao boi paciente e amigo;  
E o que encontrou a enxada; e o que do chão abjeto,  
Fez, aos beijos do sol, o ouro brotar do trigo;

E o que o ferro forjou; e o piedoso arquiteto  
Que ideou, depois do berço e do lar, o jazigo:  
E o que os fios urdiu; e o que achou o alfabeto;  
E o que deu uma esmola ao primeiro mendigo:  
E o soltou ao mar a quilha, e ao vento o pano;  
E o que inventou o canto; e o que criou a Lyra;  
E o que domou o raio; e o que alçou o aeroplano...

Mas bendito, entre os mais, o que, nos dó profundo,  
Descobriu a Esperança, a divina mentira.

Dando ao homem o dom de suportar o mundo!”

Mocidade! Força e Beleza, Sonho e Graça, delicioso sorriso de Mulher esplendente, encarnação de Bondade, divina Misericórdia, eu te saúdo!

Mocidade! Minha Mocidade!... Todo um passado de alegrias que cantam que relembram sinos festivos a bimbalar, sorrisos desabrochando, glórias sonhadas, amores eternos idealizados – nuvens brancas e fugidas que se desfizeram lá muito ao alto – beijos que se desmancharam na imaginação, ambição de Arte suprema e requintada, adoração pelo nobre e cavalheiresco, culto à Forma apurada dentro da Idéia profunda, como adivinho, como vejo num pressentimento amargo, que pretendes te afastar de mim, minha adorada Mocidade – e com que dor intensa, com que mágoa sentida, eu já tenho de ti uma profunda, uma grande, uma imensa, uma infinda Saudade!

– Ave, Mocidade, cheia de Graça!

### **Postais de Sonho e de Realidade**

(Conferencia realizada na “Hora Literária” da Associação da Imprensa, em Manaus, no salão nobre do “Ideal Clube”, a 12 de dezembro de 1915).

**DIZIA** o príncipe perfeito do nosso verso, Olavo Bilac, numa conferencia lida num salão carioca e que é uma página jaceirada que tem reflexos de luz como feixes de espadas nuas ao sol, que na literatura há um riso especial que é o humour. “Que é humour? – É o riso individual do homem superior. O humorista pertence a uma classe especial de homens. Não é um maldizente. É um homem superior ao seu meio, um homem moralmente isolado do comum dos homens, um espírito arguto, que observa, analisa, apanha em flagrante os defeitos, os vícios, os ridículos, os aspectos risíveis da vida. O riso do humorista não é como o do selvagem ou como o da criança, nem como o do homem adulto vulgar, nem como o da multidão. É um riso de formação lenta, refletido, carregado ao mesmo tempo de bom senso e de protesto, e ao mesmo tempo de bom senso e de protesto, e ao mesmo tempo cheio de imaginação, de sentimento, de razão, e de filosofia.”

E eu vejo ao ser ouvido - vejo ou adivinho? - essa ironia deliciosamente torturante bailar de leve nos vossos lábios...

Quando dias depois de receber a intimação para fazer esta palestra alguém, numa roda amiga, me perguntava do assunto e eu confessava que ainda o não escolhera, esse alguém, que é uma criatura superior e inteligente, a sorrir me dizia que devia falar sobre cartões postais... Adorei a mordacidade e aceitei gratamente a lembrança, que podia não ser muito amável ao escritor, mas que era lisonjeira ao burocrata...

Ah! A deliciosa ironia das criaturas formosas e superiores!...

Direi ao alto de aspectos e sensações discretearei pela rama sobre a alma dos postais borboleteando sobre a sua Arte e sentimento de valia máxima, fabularei sobre poetas repetindo versos que andam vivos e brilhantes em cartolinas d’uma finura transparente de gaze - sempre muito sincero, a impressão verdadeira justificando este palestrar pobre de linguagem rica, de estilo simples e de nueza amiga.

A origem da cartolina? Ela foi autorizada a circular oficialmente por uma lei postal de 19 de Dezembro de 1872. E os governos, sendo o primeiro o da França, emitiram então os cartões e permitiram que circulassem os de fantasia, não se esquecendo de declarar que eles nada podem conter que seja contrário à moral publica e aos bons costumes... Em 1874 houve o primeiro postal internacional.

Mas longe de mim vos fatigar alardeando erudição!

O cartão moderno, o de hoje, é sugestivo e perfeito, uma delicada obra de Arte, de finura à Watteau, de verve à Sterne, de sentimento à Rostand, e de diabruras à Belzebuth. Ele é expressivo e vivaz e enquadra às vezes toda mocidade pontilhada de esperanças em que os nossos olhos, janelas abertas à vida, nadam em felicidade e o nosso coração refloresce cheio de amor e de esperanças cheio!

*Ela* estava além em terras outras e *ele*, afetivo o retrato da ausente bem amada. E em seguida uma palavra de Saudade, o seu nome – e o seu correio transporta um trajeto que é todo um presente de apreensões e todo um futuro radiante de esperanças!

Ah! Os cartões postais!... Quem nos dias super-civilizados de hoje, d'um viver apressado, não envia aos amigos ou a simples conhecidos esses adoráveis papeis refinadamente artísticos, alguns de rara esquisitice, outros d'uma banalidade enervante e palerma? Eles vão e em aos milhares pela posta, redondeiam pelo mundo, chegando muita vez em passo targigrado ao seu destino... Mas meio sempre esse cartão postal! E que curiosa sensação para o colecionador monomaniaco quando o carteiro lhe traz uma *cartolina* moderna, nova, *épatante*!

É a moda, é ainda a moda... O *chic*, ligeiro e breve, nada fatigante, é a gente se corresponder assim. Com amigos, com diferentes, que importa! Conhecidos d'uma noite recebem pelo correio a *carte-postale*, e ficam para ali uma hora em solilóquio implorando à memória rebelde que lhes diga quem é o autor d'aquela amabilidade! Ele não se lembra nem se recorda de João Fernandes... Ele não se lembra nem se recorda de João Fernandes... Que tem isso? E como João Fernandes foi preciso, claro, minucioso escrevendo nome, residência e destino, recebe ao depois a resposta n'uma *tarjeta*, toda *art-nouveau*.

É a monomania, ás vezes inofensiva, da coleção, esta felizmente uma das finas e artísticas. Há a do selo, a de jornais, a de cerâmica, a de telas, que sei eu?! Morreu talvez a de caixas de fósforos - porque houve muita gente sarrafaçal e proterva, verdadeiramente janizara, que colecionava caixas de fósforos! Suprema miséria da indignidade humana!

Eu também já colecionei como toda a gente... e autógrafos de penas celebres em lindas *post-Kartes*. Passou. Diz uma certa filosofia risonha que tudo passa na vida... Há mulheres d'uma formosura estonteante e embriagadora que colecionam até elas terão!...

Que vastas bibliotecas elas terão!...

Possuía e possuo ainda algumas belas paisagens d'aqui e d'além-mar, *croquis*, caricaturas de Rafael Bordallo, de Celso Hermínio, de Ângelo Agostini, Raul Pederneiras, Julião Machado, Calixto, Chripim do Amaral, Casio Pomar, de Sylvio Bevilacqua, de Sem, de tantos!...

Entre esses postais de arte, guardo com carinho, feita por Sylvio Bevilacqua, a silhueta d'uma mulher elegante, plasticamente formosa, de linhas aristocráticas e finas, de olhos grandes e sonhadores, que lembram os lagos e os rio espelhantes da Suíça e de Vienna, talvez o Leman ou o Danúbio azul.

Neste postal está o autografo, presente fidalgo e régio de mão amiga, do soneto perfeito *Renuncia*, do poeta Heitor Lima.

Fugir, deixando um bem que o braço já tocava,  
Pela incerteza atroz de uma fé que redime  
Fugir para ser livre e sentir, na alma escrava,  
A sujeição fatal de uma paixão sublime.

Fugir e, surdo à voz da consciência, que oprime,  
Opor diques de gelo a torrentes de lava,  
Sentindo, na renuncia, o alvoroço de um crime  
Que a ingratidão aumenta e a covardia agrava.

Fugir, tão perto já da enseada, vendo ao fundo,  
Gaivotas esvoaçando entre velas e mastros,  
Na glorificação triunfal do sol fecundo.

Fugir do amor - fugir do céu, fugir de rastros  
Sufocando um clamor que abalaria o mundo,  
E abafando um clarão que incendiaria os astros!

Há um outro postal, resto da minha coleção dispersa, que relembro agora... É uma tricromia delicada do pintor De Angelis, que tantas recordações nos deixou. É um

crepúsculo arroxeadado e à beira do mar passeia descuidado um vulto de mulher. O roxo?! Sabem as senhoras que tem a infelicidade de me ouvir de cor mais linda, mais nostálgica, mais expressiva e tocante? É misto de alegrias e dores. É cor sugestiva que fala, que canta e que chora, é a cor muito amada da violeta, de suave perfume e de saudade longínqua!

O róseo e o roxo são as cores do amor, pontilhadas de *nuances*. É a alegria e a tristeza, o riso franco ou suavidade e recordação... Apontem-me embora como um paradoxal - mas a suprema alegria ainda é a dor. E diz o brocardo patricio - quem ama sofre. O prazer é rápido, intenso, fugaz, é relâmpago, é raio e o pesar - o pesa do amor - não se esquece nunca, fica eterno no nosso espírito, morando dentro dele, o coração sangrando, a alma deliciosamente torturada!

Pois foi nesse postal róseo e roxo, que encanta à retina, que o bardo patricio Antônio Sales, lá das terras beijadas pelos verdes mares bravios, escreveu estes versos *Dois Noivos*, que eu guardo com cuidado e carinho:

"Hoje, estava comprando  
Os preparos do nosso casamento,  
Quando vi pelo azul do firmamento  
Passar ligeiro pássaro levando  
No bico um ramo p'ra fazer seu ninho.

Sorri ao passarinho  
E ele o sorriso meu compreendendo  
Modulou um gorjeio prazenteiro,  
Como a bradar-me - "Salve, companheiro,  
Que andas também o ninho teu fazendo!"

Todas vós, Senhoras, conheceis de certo esse poema de amor e de lenda, cavalheiresco e nobre, que é o lapidar *Cyrano de Bergerac*, do Rostand famoso. E eu tenho do Mestre numa cartolina de Sem representando o perfil d'um rosto de santa - santa de lábios escarlates! - um verso escrito pelo gênio do *Aiglon*, que um ministro amigo me conseguiu há anos na Capital da Arte e da super-civilização,

- *Um point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer.*

Linda verdade essa!

N'um dos mais encantadores postais de *Metroinny, Source d'amour*, guardo um soneto sugestivo, real, flagrante de verdade, emocionante, de Olavo Bilac.

Ouvi o *Virgens Mortas*:

Quando uma virgem morre, uma estrela aparece,  
Nova, no velho engaste azul do firmamento:  
E a alma da que morreu, momento em momento,  
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.  
Ò vós, que, no silêncio e no recolhimento  
Do campo, conversas a sós, quando anoitece,  
Vai sussurrar no céu, levado pelo vento...

Namorados, que andais, com a boca transbordando  
De beijos, perturbando o campo sossegado  
E o casto coração das flores inflamando,

- Piedade! Elas vêm tudo entre as noites escuras...  
Piedade! Esse impudor ofende o olhar gelado  
Das que viveram sós, das que morreram puras!

No esfuziante Montmartre há alguns anos, n'uma daquelas noitadas celebres do *cabaret* alegre do famoso Aristides Bruant, este escrevia em *cartolinas* flamantes, representando o Diabo com uma *cocote* de 6 centimentros espalmada na mão aberta - e

medinate apenas um franco s noventa e cinco! – os versos de Chouvert de Vertuchoux no quinto ato dos *Bibelots du Diable* do excelente Coignard:

Petit coeur, petit nid,  
Peitit vin, peitit verre,  
Petit drap, petit, lit,  
Et petit appetit,  
Dans ce joli petit ménage

Intensas noites aquelas!...

... Mas há também, senhores, os postais cômicos ou trágico, cheios de *verve* sadia e boa, ou funambulescos, à Fastaff. As caricaturas estonteantes, a história se desenrolando através d'uma série de postais como se fosse um *film* altamente interpretado por Novelli ou Tina de Lorenzo, cintilante de Arte!

Certo, quem inventou o cartão postal teve espírito. Ele vai do *pizzicato* ao *crescendo*. É artístico, barato, breve... Sincero - raras, raríssimas vezes! Como de resto se pode deixar bem todo o coração e toda a alma num cartão para a Mulher querida, sonho de nosso sonho - n'um quadricular que é lido muita vez por outros antes de aportar ao seu destino?! O amor tem delicadezas subtis... A carta fechada essa, sim, vai cheia do nosso Espírito, das nossas dores, alegrias radiantes, esperanças as gloriosas, pedaços do nosso "eu" afetivo, e é ela que melhor fala aos que bem queremos!

Hoje vive-se depressa. A escola romântica passou, e onde já vai o 1830 dos nossos poetas!... A *tarjeta postale* é um sumula além da reprodução d'um quadro famoso de Arte, de Ticiano ou Rafaelo, Rembrandt ou Miguel Ângelo, Watteau ou Rubens, Velásquez ou Goya, esculturas de Schulz ou Wolff, Tauillon ou Lepke, Rodin ou Coubert, de bronzes de Meunier, de cabeças de Mozart, de Liszt, de Verdi, de Carlos Gomes, de Chopin, de Puccini, ou paisagens, montanhas, e rios ou cidades, e campos, a natureza e a civilização, os tipos de mulheres formosas d'aqui, d'além, d'acolá... E depois no verso duas palavras, uma frase banal de saudação, um pouco de *verve* através duma paranomásia, ou um cumprimento burguesmente supernal...

À vida de hoje é rápida, célere. O trem de ferro, o automóvel, os grandes paquetes, o submarino, o monoplano, o hidroavião, o cartão postal... Não há tempo nem para consumições nem para o desperdício de horas.

E daí a *postkarte* triunfar em todas as camadas sociais - desde o alto dandismo, de flor à lapela, monóculo entalado, luvas justas, desde as mulheres elegantes de arte, de Luxo e de Beleza, que se vestem *chez Drécoll*, *chez Redfern*, até as camadas populares, as modestíssimas camadas!

Mas quem diria que o cartão postal, tão simples e tão inofensiva na aparência, tivesse outra utilidade que não a do cumprimento? Quem?!

Pois, senhores meus, essa inofensiva *cartolina*, inocente *tarjeta*, a vulgaríssima e angelical *carte-postale*, portadora apenas de beijos, abraços, saudades e *Shakhand*, levou ao suicídio uma das mulheres mais lindas e mais ingênuas que tem havido n'este mundo - de onde a ingenuidade fugiu há tanto ano!

Contaram-me d'uma feita, n'uma roda intelectual da mais fina boemia literária carioca que um moço, banal e prático, tendo se enfastiado da bem amada, comp'rou um cartão postal, - casualmente um Mephistopheles pavoroso e rubro, de cavaignac espalmado! - e no correio, às pressas, como quem tem mais o que fazer n'uma letra inexpressiva, escreveu à companheira que entre eles estava tudo findo, terminado, acabado!

A criatura afetiva ao receber a cartolina berrante que lhe trazia a morte moral, não vacilou um instante e procurou n'uma bala o lenitivo para a dor tremenda de abandonada.

... Ah! Se aquele Mephistopheles do cartão postal vivesse, que bela e sonora gargalhada daria!

E a colocação do selo na *post-karte*?

Ah! minhas senhoras, não vos descuideis de assunto tão grave e tão melindroso! A linguagem tradicional das flores já caiu em desuso! Ela foi substituída pela do selo, mais sugestiva, menos elegante e mais confidencial!

Não são palavras minhas, Excelentes, que eu no assunto sou profano. Vou tira-las um livro serio, *Collections et Collectionneurs*, do circunspecto e afamado escritor francês Paul Eudel, o autor celebre dos estudos do Hotel Druot.

Ele diz – atenção, senhoritas! – que o selo colocado às avessas no canto esquerdo do cartão postal, o selo significa – *Eu te amo*. – No mesmo canto, porém atravessado, ou horizontalmente – *Meu coração pertence a outro*. – Direito, no alto ou abaixo do endereço – *Até breve!* A cabeça para baixo, do lado direito sendo no ângulo – *Não escreva mais*. No centro, ao alto – *Sim*, e ao contrário – *Não!* Em fim, se faz dizer tudo o que se quer, a esse bem-aventurado selo – Amo-te ou odeio-te.

E, comenta ainda Paul Eudel, antes de se ler o cartão muita vez de linguagem falaz, é necessário examinar como o selo foi fixado, pois nisso está toda a *tarjeta!*

É a primeira vez, senhoritas que generosamente me escutais, que receberdes, um postal reparte bem se o selo está colocado às avessas no ângulo esquerdo!

Isso significará...

– Para que dizê-lo?! Vós o sabeis melhor do que eu!

Chego ao fim... Já dizia Horácio melhor n'um verso famoso *hoc erat in voltis* – eis o que eu desejava... E em espírito faço desfilar os milhões de cartolinas postais que tenho visto transitar pelo meu Correio! Quantas gentis patrícias não têm mandado por ele, através da tarjeta, significativas expressões de afeto, de abraços, de saudades! E promessas e palavras de amor e de beijos!...

Há no fundo de toda a obra humana alevantada ou de terra e terra um espírito de Mulher. Ele paira no alto – miragem Imácula, de Esposa amiga ou Noiva adorada, de Mãe estremeçada ou de Filhas queridas! Vive acima de ódios e ambições, muito digno e muito e muito nobre, numa nota brilhante de esperança – de velho ou de moço, esperança sempre!

E entre os meus postais tenho um, apenas com uma cabeça esboçada, e um soneto que enfeixa todo um sentimento. Não sei o nome do seu autor... D'um mestre? D'um novo? Também não sei como ele apareceu entre os meu papeis. Diz assim:

“Alma feita de lírios e de rosas,  
De luz e amor e delicadeza essência,  
Alma feita de paz e de clemência,  
Vinda para cumprir missões piedosas!

Alma feita de lendas vaporosas,  
Nunca te agite o vento com violência,  
Formosíssimo laço da inocência,  
Alma feita de lírios e de rosas!

Deus te mergulhe os dias na quimera,  
E só te dê sorrisos, primavera,  
Manhãs de abril sem fim, claras, radiosas!

Alma feita de preces e de luas,  
Bendita sejas tu por onde andares,  
Alma feita de lírios e de rosas!”

Todos nós tempos uma suave recordação afetiva de hoje ou de ontem, de longe ou de perto. E os postais dizendo a Paisagem, a Natureza, a Pintura, a Música, as Flores, copiando as mulheres lindas e crianças formosas, interpretam bem quando na perfeição da sua Arte delicados estados de Alma. E ainda hoje ao traçar as ultimas linhas desta palestra amiga na confusão da minha mesa de trabalho, se destacava nítido, claro, vibrante, um postal que é uma aquarela fina e sugestiva representando duas gaivotas flaflando asas, e que talvez fossem, espaço em fora, na sua brancura imácula, as portadoras afetivas de todas as minhas Saudades!...

## Roseiral de Amor

(Conferência realizada no THEATRO GUAYRA, de Curitiba, em abril de 1922.)

NOS fragmentos de Ramayana, daquele famoso poeta índio Valmiki, tão cheio em suas páginas do embriagador perfume do Oriente e que floresceu na era antes de Cristo, há uma das mais antigas cartas de amor, escrita pela maravilhosa Sita ao seu esposo bem amado Rama, em que ela diz: "Sem ti me pareceria o Paraíso um lugar odioso, e o inferno junto a ti me seria doce como o céu..."

Nesta frase há a condensação translúcida de todo o Amor espontâneo e sincero, e alto, e glorioso, pontilhada por uma fina e suave poesia de antanho. E como desde os tempos remotos que se perdem na poeira dourada dos séculos, até os de agora, o Amor é e será sempre o mesmo, vitorioso e eterno, falemos um pouco dele, das suas cartas célebres, palpitantes de Vida, e também do seu gesto, que à vezes é o seu prólogo, e que é o *flirt*...

\* \* \*

Há, senhores, no *flirt*, albo de fino e rendilhado... É leve, flutua, bolha d'água que sobe e é um nada. Não chega a ser onda, a ter violências e rugidos, a bramar. É doce, é suave, rio que corre manso, rio que desliza às vezes perigoso... Quem sabe do veneno que uma rosa contém? Sente-se o aroma penetrante da flor maléfica e morre-se... Assim o *flirt*. Não se define; pratica-se. Fala nesta nossa língua bem amada, em que muita vez lutamos para exprimir bem o pensamento, um vocábulo preciso e claro, pictural, que o traduza nítido, que encerre tudo o que ele diz e o que não diz... Uma palavra que não seja nem tola, nem brutal; que se ajuste, que se amolde inteiramente, precisamente, ao que pensamos...

João do Rio - meu pobre e grande Amigo tão caluniado neste País! - nunca conferencia brilhante sobre o *flirt*, que ele sagrou na alta sociedade carioca, escreveu que "o *flirt*, além de ser uma irresponsável resultante da nervose geral, é evidentemente moral, em comparações com o namoro que se fazia outrora. É um renovamento das atitudes do Amor, um reformador de costumes e um propulsor duma literatura nova.

Ao Amor antigo na nossa terra, ainda colônia mental, bastava uma janela e um piano. O Amor atual, super-intelectual mesmo quando praticado pelos que o são menos, trouxe do estrangeiro os hábitos elegantes, as recepções os chás, as decorações internas das residências que deixaram de ser coloniais, transformando o homem antigo no elegante de hoje, e o poeta de vasta cabeleira esparsa no *gentleman* de agora, e criando essa página adorável que é a Crônica literária. E o homem, então, deseja, mas recua diante da responsabilidade e da desilusão."

O *flirt*, senhores, é a coqueluche dos salões elegantes.

Conheceis de certo *Ultima página*, o soneto extraordinário de Olavo Bilac, o príncipe perfeito do nosso verso.

Primavera. Um sorriso aberto em tudo. Os ramos  
Numa palpitação de flores e de ninhos.  
Doirava o sol de outubro a areia dos caminhos  
(Lembras-te Rosa?) ao sol de outubro nos amamos.

Verão. (Lembras-te Dulce?) À beira-mar, sozinhos,  
Tentou-nos o pecado: olhaste-me... e pecamos;  
E, o outono desfolhava os roseirais vizinhos,  
Ò Laura, a vez primeira em que nos abraçamos...

Veio o inverno. Porém, sentada em meus joelhos,

Nua, presos aos meus os teus lábios vermelhos,  
(Lembras-te, Branca?) ardia a tua carne em flor...

Carne, que queres mais? Coração, que mais queres?  
Passam as estações e passam as mulheres...  
E eu tenho amado tanto! E não conheço o Amor!

Os *gates* da vida têm definições esquisitas e curiosas, - lascas rebrilhantes arrancadas ao espírito apurado. Eles gozam essa mesma Vida com encantos e refinamentos, num largo quinhão de felicidade. São os preferidos, são os vitoriosos. Tudo lhes corre bem, mesmo porque têm uma filosofia particular e risonha de uso interno. Um deles, pela palavra sutil do maior dos nossos romancistas vivos, Afrânio Peixoto, já dizia - "que o *flirt* é aperitivo do prazer alheio."

Talvez não haja definição mais sugestiva e precisa. Vós o sabeis, senhores... O olhar, de quando em quando profundo e lânguido, ou rápido e penetrante como a lamina dum punhal, de quem se dá e de quem se entrega, e não se dando e não se entregando nunca, cheio de quebramentos, de requintes veludosos, o sorriso leve, ligeiro, rápido e fugaz, que é uma promessa eterna, que se entreabre deixando adivinhar a fita branca e gulosa dos dentes, o gesto moroso de cobra mansa que se quer enroscar, como a serpente lendária enlaçou o Laocoonte, uma flor que se passa, rubra como o sangue, ou clara como dias lavados de Sol, a pressão instantânea e macia como sedas machucadas de mão fina e fidalga, fazendo o *frisson* dum prazer longínquo que será sempre uma eterna miragem, a palavra ora doce como aqueles favos de Olimpo decantados por Virgílio, até a frase quente e persuasiva, dominadora, que chicoteia o sangue nas veias e faz estuá-lo mais forte, que é balbúcia, que é espiritualidade e é forte, que é carne, à Gauthier, - tudo sugere, tudo enerva, e tudo se desfaz ligeiro como essas pequenas ondas de fumo que sobem, que se alteiam, que se enroscam no ar, que se enovelam, e que se desmancham e que têm desaparecem...

Heine, o poeta máximo do Amor, numa página rendilhada do *Intermezzo* encantador, tão bem interpretado por Afonso Lopes Vieira naquela edição de luxo, íntima e restrita de que eu guardo com carinho um número, oferta amiga do poeta d'além-mar, Heine já dizia:

Eu tudo amava com delicia outrora,  
o Sol e as pombas, os lírios e as rosas;  
Mas agora  
Só te Amo a ti, fonte de todo o Amor,  
Que és para mim pombas e lírios, rosas  
Luz e Calor!

Entre o *flirt*, perturbador, estranho e inócuo de almas, muita vez estagnador de corações, e o Amor - eu prefiro o Amor.

\* \* \*

... o Amor que é alegria radiante e prazer infindo, que é Espírito e é Idéia, comunhão abençoada de Almas, ligação transcendental e divina solidificada pela Igreja e pela Lei, de corpos que se estremecem, que tem contrações de feras e doçuras de crianças, que é riso e é pranto, que é dor e Saudade!

Para dizer do Amor não consultei somente os psicólogos, não verifiquei somente os fisiologistas! Nem o pessimismo doentio de Schopenhauer, nem as estranhas extravagâncias soberbas e geniais de Nietzsche. O que eles sabem é apenas ciência. Ide, sim, aos poetas que observam e sonham, aos que amam, no momento em que eles amam...

Ele é sempre uma dedicação, grande e profunda, dominadora. Montaigne, que tinha alma de poeta como Stendhal, em algumas páginas fulgentes disse do bem querer.

Faguet afirma que - "o Amor é desejo de ser amado" e conclui por está síntese clara e impressionante - "é o desejo de possuir e de sermos possuídos". Vem a ser, já estudando nos livros, o paradoxal egoísmo a dois, a curiosidade, e vitorioso por princípio, o Amor afeição...



Não quero falar, Senhores que generosamente me escutais, dos amores lendários tão poeticamente vulgarizados de Paulo e Virginia, Romeu e Julieta, de Francesa de Laura de Graziella, de Beatriz, de Ophelia, de Desdêmona, das mulheres enfim de Horácio e Virgílio de Shakspeare, de Dante, de Milton, de Musset, de Lamartine, de Gauthier, de Hugo, de Balzac, de Flaubert, de Anatole France, de Eça de Queiroz de Machado de Assis, enfim, - da galeria vasta e quase infindável como as areias do mar, das Mulheres que souberam amar e dos poetas que souberam decanta-las, das que souberam se entregar, tudo arrostando e tudo sacrificando com paixão, com volúpia e com sentimento!

Abandonai as longas dissertações que quereis conhecer do Amor! Ide aos escritores aos, poetas e aos grandes amorosos Passeai comigo, minhas gentis patrícias, pelas páginas encantadoras, cheias de um perfume esquisito e absorvente, do livro celebre de Annie de Pene! É a alameda do Amor, é a alameda dos Beijos.. O Amor é a palavra.

"... qui, depuis cinq Mille ans,  
se suspend chaque nuit aux levres des amantes..."

\* \* \*

Qual de vós não terá relido as lindas cartas daquela linda freira, que foi Mariana Alcoforado, ao belo cavalheiro de Chamilly? As mais ternas páginas em carinho, da língua portuguesa! Ela dizia: "A tua honra obrigava-te a abandonar-me. Cuidei eu da minha?" Que verdadeiro, que sincero grito esse! E as de Chamilly?

- "Amais-me mais do que mereço, ainda que no entanto me não amais mais do que vos amo!"

O famoso Honoré de Balzac escrevia à Senhora Hanska: "Como não quereis que vos ame? Vós a primeira que vieste através os espaços reanimar um coração que desesperava de Amor!"

Conheceis de nome Beranger... Ele dizia à sua enamorada: - "Amái e deixai-vos Amar. Conheci bem essa felicidade; é a maior da Vida!"

Reis e soldados, como o Amor iguala a todos eles! Bonaparte escrevia à senhora Recamier: - "Porque foi que a paz me submeteu ao vosso Império? A paz?... Sim, ela existe hoje nas famílias; em meu coração porém reina a agitação."

Outros trechos, outras cartas... O cavaleiro de Boufflers à estonteadora Condessa de Sabran: - "E porque me proibis que vos trate por tu? Com medo dizes tu, querido Amor, de que as minhas cartas de pareçam com outras. Prefiro não escrever nenhuma constranger-me na que te escrevo. Este vós gela-me. Parece-me que nada do que me inspira concorda com ele. É como se tivesse de fazer-te sempre a uma reverencia em vez de te abraçar. Retira a tua proibição, querida Sabran; se me fazes delicado tornas-me falso e frio e sobretudo acanhado. O amor é uma criança mal educada."

O poeta sentimental de *Atala* Chateaubriand, escrevia a deliciosa Madame de Custine, - "Tudo isto parece um romance; mas o romances não têm porventura os seus encantos? E a vida toda não é uma novela?\* E que homem ou mulher não tem na vida ao menos um romance?!..."

E as cartas encantadoras de Mary Clarke a Claude Fauriel? Reparai bem, adivinhei a beleza emocional nas entrelinhas - "É-me impossível estar todo o dia na incerteza de vos ver. Vinde esta noite, vinde todas as noites, ou quando tiverdes de faltar vinde prevenir-me disso pela manhã, ao menos..."

Vede a doçura risonha desta missiva do príncipe de Conti à senhora d'Olonne - "Desespera-me, Senhora, que todas as declarações de Amor se pareçam e que às vezes haja tanta diferença nos sentimentos; sinto bem que vos amo mais do que toda a gente está acostumada a amar, e que não saiba dizer-vo-lo senão como toda a gente vo-lo diz..."

O profundo Diderot se dirigia à Melle, de Volland - "Nos pontos onde não houver nada nesta carta, lede que eu vos amo..."

Ah! A série imensa dos amorosos! Escutai Madame de d' Epinay ao senhor d'Epinau seu feliz esposo - "Faze de conta que é d mim que tens de cuidar e trata de ti com os cuidados com que me tratarias!"

Como as cartas dela eram delicadas e sugestivas!

Como soube bem amar!... Ouvi - "Julgas talvez que estais ausente? Ah! Meu querido amigo, enganas-te visto em toda a parte; tenho-te sentido junto de mim. A tua mão tem apertado a minha e o meu coração tem palpitado..."

Outra grande amorosa foi a Presidente Ferrand, que assim escrevia ao barão de Breteuil - "Apenas vos vi, e logo desejei ser vencida Amai-me tanto, se é possível, quanto vos amo!"

Certo não vos fatigo muito falando de Amor... As palavras agora não são minhas; são lindas e de outros... Escutai como o famoso Gambetta escrevia a Madame de L. - "Tu só entre todas as mulheres pudeste transportar-me aos cumes deslumbrantes da paixão e da comunhão das inteligências. Já não discrimino as sensações; não todas delicadas, esquisitas, e as mais carnis depuram-se pela dominação do espírito."

Os amores desgraçados, mar em fúria, selvageria dolorosa de Heloisa e Abelardo... - a alma ao desejo das mais suaves voluptuosidades..." Quem teria sabido amar mais alto e mais veementemente do que Heloisa?!

Henrique IV mandava a Gabriela d' Estrées cartas dum grande encanto e dum delicioso perfume - "Escrevo-vos meus queridos amores ao pé do vosso retrato, que adoro somente por ter sido feito por vós, não porque se pareça convosco. Disso posso ser juiz competente, desde de eu vos tratarei com toda a perfeição em minha alma, no meu coração, nos meus olhos."

E as extraordinárias cartas de madame de Stael ao cavalheiro de Menil? - "Uma alma agitada por uma viva paixão não sabe o que quer, nem mesmo o que pensa. Dizei, falai, escuto-vos com com avidez, e ainda que de longe só em falar-vos e ouvir-vos sinto alívio!"

A graciosa e linda Ninon de Lenclos escrevia ao marquês de Sevigné em cartas ardentes como labaredas - "Fazei que a mulher vos ame antes de lh'ó fazer notar, antes de a colocar na necessidade dela o confessor a si própria."

- Enfim, amo-vos; estou louca; e não sei o que será de mim se está noite faltardes à vossa promessa!"

E a encantadora missiva duma linha tão expressiva e que é todo um poema, de Melle, de Lespinasse ao senhor de Guibert? - "Sofro, amo-vos e espero-vos." Está aí todo um coração, toda uma alma, todo um desejo...

Nas cartas emocionais do príncipe de Metternich à condessa de Lieven, tão fidalgamente traduzidas por Jean Hanoteaux, o príncipe dizia - "Uma afeição como a nossa não existe senão uma vez na vida e há muitas vidas em que este fato se não dá, mais ainda em que não poderia dar-se."

E Mirbeau dizia à sua grande paixão, que foi Sophia - "Posso sacrificar tudo no mundo exceto o Amor. " E como é uma grande verdade esta sentença, quando bem se quer e bem se ama!

Relei todas as cartas excepcionalmente formosas de Musset a George Sand. É um evangelho de Amor - "Sê feliz, escreve, sê amada, se bendita, tranqüiliza-te perdoa-me! Que seria eu sem ti, meu Amor?"

Escutai agora toda a paixão estuante de Geoge Sand por Musset - "Que o teu coração entre por completo ou parcialmente em todos amores de tua vida, mas que aí represente sempre o seu nobre papel, afim de que possas um dia olhar para traz e dizer como eu digo: sofri muitas vezes, enganei algumas, mas amei. O Amor é a felicidade que reciprocamente nos damos..."

Vede agora Napoleão I a Maria Waleswka - "Vinde! Vinde! A vossa Pátria ser-me-á mais querida quando vos apiedardes do meu coração..."

As cartas de Amor!... Como nos falamos são a metade do nosso espírito, se são todo o nosso coração! Vós, senhores, provavelmente o sabeis...

Conheceis de certo aquela carta celebre do Duque de Richelieu à Princesa Charlotte Aglaé de Valois - "Tendes medo que eu seja descoberto... Encontrei o segredo de entrar nas casas, sem passar pela porta. Tendes um armário bem fechado em que guardes confeitos e doces: aí me encontrareis está noite."

Permiti ainda, neste roseiral de Amor, algumas raras citações. Serão as ultimas - porque tudo acaba no mundo até está descolorida conferencia, que de certo parecerá a vos enorme como o Céu, imensa como o mar, grande como a terra, infinda como o horizonte...

Aquele delicado ironista que foi Voiture numa carta pontilhada de graça escrevia à sua gloriosa enamorada - "... Depois de ter dilacerado o coração para dele arrancar a vossa

imagem e de haver sofrido torturas insuportáveis por não vos ver, o mais que consegui foi amar-vos ainda mais...”

Quem já teria escapado as garras deliciosamente diabólicas do Amor?! Quem nunca sentiu outrora ou hoje o frêmito magnífico e transcendental do grande sentimento?! Wagner, o assombroso musicista e excepcional compositor, escrevendo ao seu encanto que era Matilde Wesendonk, de Zurich, concluía - “Não é a ti que eu sou devedor da única coisa que pode ainda parecer-me digna de gratidão e de interesse, que é o Amor?!”

É Goethe nas suas cartas tocadas dum grande afetividade dizia - “Um olhar dos teus olhos nos meus, um beijo da tua boca na minha boca... Quem conheceu como eu está voluptuosidade, poderá parecer-lhe agradável outra coisa?!”

Lembraí a lendária Manon Lescaut ao lindo cavaleiro das Grioux em períodos tão vividos e emocionais - “Juro-te, meu querido, que és o ídolo do meu coração e que só tu existes no mundo que eu possa amar como amo...”

Ah! se algumas de vós quisesse colaborar comigo neste roseiral dando-me trechos de cartas enviadas ou recebidas, que linda conferência eu faria!

Teria mais brilho, mais graça, mais elegância e mais coração... Teria o perfume suave e macio docemente embriagador como o do Oriente. Conheceis a celebre carta de Tchang-Tsi traduzida tão finamente pelo Márquez d’Hervey de Saint-Denis? Conta-se que alguém sabendo-a esposa, no entanto oferecera-lhe impertinentemente duas alvacentas perolas... E Tchao-Tsi respondeu assim no seu tocante dizer oriental - “Não duvido que os sentimentos de V. S.<sup>a</sup> sejam puros e elevados como o Sol e a Lua; mas eu conservo-me fiel aquele com quem jurei viver e morrer. Restituo a V. S.<sup>a</sup> as suas brilhantes perolas porém duas lágrimas estão suspensas dos meus hulos...”

\* \* \*

Uma formosa lenda de origem hindu nos diz que todos nós homens ou mulheres temos nestes mundo, na época em que vivemos, a nossa “outra metade”. A “outra metade” quer dizer a nossa companheira e em se tratando da mulher o seu companheiro - que é precisamente o nosso ideal em Corpo e Alma, a criatura que sonhamos e buscamos pela vida afora... Onde está? Em que parte da terra? Muita vez quase sempre não o sabemos... Quando temos a Felicidade por nós - a *chance* como dizem os parisienses - encontramos a livre a essa Mulher que aspiramos, carinhosa e meiga. Unimos os nossos destinos fazendo dos dois um só. Todo de alegrias serenas e radiosas. Em outras vezes porém no nosso caminhar indeciso em busca da Perfeição e da Sedução que é a Mulher, achamo-la e pela Beleza, e plástica, e Inteligência, e Bondade, pela afinidade de Coração e de Ideais vemos logo, sentimos espontaneamente num primeiro gesto, que é Ela a companheira que buscamos. Mas o Destino, que muita criatura, da “nossa” Criatura que nós vemos clara e nitidamente ser a nossa “Outra metade” de que nos fala sabiamente a lenda hindu, fez dela - a “metade dum outro”. É uma presa, amargo grilhetada, de sorriso convencional e nem, - quanta vez! - examina, sonda verifica, perscruta, sente que Ela, a quem está acorrentado, não é a Criatura que desejava pra a sua companheira bem amada e eterna!

São os destinos trocados. Equivocaram-se os dois *in bona fide*, fazendo a sua infelicidade e a desgraça de outros dois, que eles algumas, raras vezes conhecem quem são e onde estão... - mas que de outras sabem - por que num espontâneo olhar trocado onde bóia translúcida a nossa alma, e os olhos são os decantados espelhos do Pensamento, deixamos escapar sem às vezes querer ou perceber, todo o nosso encantador e torturante segredo afetivo...

O amor é espera e é receio... Já o disse por forma outra La Rochefoucauld. Ele é também dúvida e ciúme, é perdão. Não se fatiga, não se sacia, não é volúvel e inconstante. Ou então não é subtil. E é raro. Quantos já pensam ter amado! Quantos não estão convencidos de que amam ainda! E uma análise íntima dos próprio eu diria como são poucos os que têm verdadeiramente amado!

Mas larga palpação de Vida nesta conferencia incolor, sem requintes de Forma e burilamentos cuidadosos de estilo à Cellini, eu engastarei aqui - jóias de alguns dos nossos poetas maiores. Como eles souberam bem dizer perfeito sentimento afetivo!

Teophilo Dias foi um dos mais maravilhosos poetas patricios. Ler o seu verso, compreende-lo, é amá-lo.

No seu livro *Fanfarras* lateja todo o temperamento ardente do brasileiro. São expoentes de sentimentos que vibram e que estuam - de Coração, de Alma e de espírito. Ouvei comigo - *A Matilha*:

Pendente a língua rubra, os sentidos atentos,  
Inquieta rastejando os vestígios sangrentos,  
A matilha feroz persegue enfurecida,  
Alucinadamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem;  
Outro consulta o vento; outro sorve a bafagem,  
O fresco, vivo odor, cálido, penetrante,  
Que, na rápida fuga, a vítima arquejante  
Vão deixando no ar, pérfido e traiçoeiro;  
Todos, num turbilhão fantástico, ligeiro;  
Ora, em vórtice, aqui se agrupam, rodam, giram.  
E, cheios de furor frenético, respiram,  
Ora, cegos de raiva, afastados, dispersos,  
Arrojam-se a correr. Vão por trilhos diversos,  
Esbraseando o olhar, dilatando as narinas.  
Transpõem num momento os vales e as colinas,  
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas, Recusam-se febris em direções opostas,  
Te que da presa, enfim, nos músculos cansados Cravam com avidéz os dentes  
afiados.

Não de outro modo, assim meus sôfregos desejos,  
Em matilha voraz de alucinados beijos,  
Percorrem-te o primo às langorosas linhas,  
As curvas juvenis, onde a volúpia aninhas, Frescas ondulações de formas fluorescentes,  
Que o teu contorno imprime às roupas eloqüentes:  
O dorso aveludados, elétrico, felino,  
Que poreja um vapor aromático e fino;  
O cabelo revoltado em anéis perfumados,  
Em fofos turbilhões elásticos, pesados:  
As fibrilhas sutis dos lindos braços brancos,  
Feitos para apertar em nervosos arrancos;  
A exata correção das azuladas veias,  
Que palpitam, de fogo entumecidas, cheias,  
- Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira.  
Sonda, esquadriha, explora, e anelante respira.  
Até que, finalmente, embriagada, louca,  
Vai encontrar a presa, - o gozo - em tua boca.

Relembrai este soneto que freme, que cintila como as estrelas, do famoso Alberto de Oliveira.

Quando a valsa acabou, veio à janela.  
Sentou-se. O leque abriu. Sorria e arfava.  
Eu, viração da noite, a essa hora entrava  
E estaquei, vendo-a decotada e bela.

Eram os ombros, era a espádua, aquela  
Carne rosada um mimo! A arder na lava,  
De improvisa paixão, eu, que a beijava,  
Hauri sequiosa toda a essência dela!

Deixei-a, porque a vi mais tarde, oh! ciúme!  
Sair velada de mantilha. A esteira

Sigo, até que a perdi, de seu perfume.

E agora, que se foi, lembrando-a ainda,  
Sinto que a luz do luar nas folhas, cheira  
Este ar da noite àquela espádua linda!

Versos, versos de Amor! Eu vos poderia citar milhares deles que falam do vosso sentimento e da vossa paixão! Que dizem estados de Alma flagrantemente de verdade, que são o nosso pensar e o nosso sentir!

O desdém no Amor!... Recordai o soneto misto de Sully e de Heredia desse encantador Raymundo Corrêa, que nos deixou tão amarga saudade:

Realçam no marfim da ventarola  
As tuas unhas de coral - felinas  
garras com que, a sorrir, tu me assassinas,  
Bela e feroz... O sândalo se evola;

O ar cheiroso em redor se desenrola;  
Pulsam os seios, arfam as narinas...  
Sobre o espaldar de seda o torso inclinas  
Numa indolência mórbida, espanhola...

Como eu sou infeliz! Como é sangrenta  
Essa mão impiedosa que me arranca  
A vida aos poucos, nesta morte lenta!

Essa mão de fidalga, fina e branca;  
Essa mão, que me atrai e me afugenta,  
Que eu afago, que eu beijo, e que me espanca!

E como se padece só em imaginar!... Como a tortura é grande e cruel, e amarga e dolorosa! - Ama-se porque se ama!

Dizia em versos joeirados Bilac, na imortalidade fulgurante da *Via Láctea*:

.....  
Quem ama inventa as penas em que vive:  
E, em lugar de acalmar as penas, antes  
Busca novo pesar com que as avive.

Pois sabei que é por isso que assim ando:  
Que é dos loucos somente e dos amantes  
Na maior alegria andar chorando.

Deixai que emoldure ainda este palestra simples com um dos mais gloriosos sonetos de Olavo Bilac.

Ainda ninguém em nossa bem amada língua brasileira cantou o Amor como o Mestre querido e perfeito. Ele tudo condensou com Arte jaceirada, nesses quatorze versos - vitória regia da *Via Láctea*. Fala de todo o viver e do Amor de todos nós.

Escutai:

Não têm faltado bocas de serpentes,  
(Dessas que amam falar de todo o mundo.  
E a todo o mundo ferem, maldizentes)  
Que digam: "Mata o teu amor profundo!

"Abafa-o, que teus passos imprudentes  
"Te vão levando a um pélagos sem fundo...

"Vais te perder!" E, arreganhando os dentes,  
Movem para teu lado o olhar imundo:

"Se ela é tão pobre, se não tem beleza,  
"Irás deixar a glória desprezada  
"E os prazeres perdidos por tão pouco?

"Pensa mais no futuro e na riqueza?"  
E eu penso que afinal... Não penso em nada;  
Penso apenas que te amo como um louco!

Há na deliciosa língua francesa dois raros pensamentos sobre o Amor escritos por marido e mulher, que são numa linha dois grandes poemas de paixão. É o casal Rostand. Nas páginas cavalheirescas e frementes do lapidar *Cyrano de Berjerac* diz Edmond de Rostand no seu mais celebre verso sobre o beijo de Amor:

*Um point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer.*

E a sua esposa Rosemond, grande poetisa, sintetizou num pensamento claro e vibrante, que tem reflexos de espadas, todo o Amor dos homens e toda a Paixão das Mulheres:

*... Aujourd'hui plus qu'hier, et bien moins que demain...*

\* \* \*

É o amor...

Um olhar que se prende a outro olhar, um sorriso que se encontra com um sorriso, Almas, Corações e Espíritos que se unem, que se entendem irmanam...

Abotoam-se no espaço, como dizia o poeta. Vivem! É o sentimento supremo a vibrar alto, dominador e triunfante como clarins e fanfarras sonoras de Vitória! É ter nos braços palpitante, trêmula, cheia de vida e de anciã a esposa que se adora, aquela para a qual convergem o nosso trabalho esforço esperanças e persistência, ideais risinhos de Glória, todo o "amanhã" misterioso que nos impressiona!...

Gloria?! Para que ela nos servirá senão para oferta-la a Aquela que bem amamos, que é o nosso Guia carinhoso e roteiro amigo na Vida? Para que - sim, para que? Triunfos, nomes, apoteoses, consagração, fortuna, trabalhos, valem porque, aconchegados a *Ela*, podemos dizer-lhe de manso, sussurrando, lábios chegados ao seu ouvido: - "Tudo foi por ti, querida! Tudo é para o teu encanto e o teu prazer"! Para a tua Bondade e para a tua vaidade humana de Mulher. Para a Gloria do nosso Amor!"

E como um beijo longo, sincero, infindo, elevado e puro, olhos dentro dos seus olhos, lábios nos seus lábios, *Ela* nos recompensa de toda uma vida de incertezas e lutas, de trabalhos e esperanças, de desânimos e desalentos na espera angustiosa e dorida dum nome e duma Gloria - com esse Beijo que é a cristalização do sentimento Máximo, que é a irmanação de duas Almas, que é a confusão de dois Corações, não se sabendo bem onde começa um e termina o outro! Grande e sereno, violento e calmo, bramido ou bonança, rugido ou doçura, Inferno ou Deus, fera ou criança, violência ou carícia, ternura ou maldade - só tu és forte, só tu és único! Sangue ou volúpia, crime que mata ou Beijo que dulcifica, só tu és o *Máximo*!

## TERRA NATAL

(Conferencia realizada a pedido da Colônia Maranhense, no salão nobre do **Ideal Club**, em "28 de Julho" de 1923, comemorando o centenário da adesão do Maranhão à Independência.)

ESSE grande e magnífico intelectual patricio que é Pontes de Miranda, filosofo dos mais raros e brilhantes da nossa Pátria, escrever duma feita num dos seus livros famosos está página transcendental, - "Pensai, - mas sede sempre pensador verídico. Voai, mas não percais de vista a realidade. É preciso que as teias de ouro das vossas idéias se prendam, aqui e ali, a esteios e seguradores do real. Não se construirá obra durável e sólida sem a fixação e a rigidez dos alicerces. Contudo, não confundamos o verdadeiro com o imediato. Nos vossos vãos, não vos poderia aconselhar a que estivésseis sempre à altura das montanhas e nunca perdésseis de vista os cumes da terra. Eles são altos, altíssimos; mas o aviador não pode ficar adstrito a olhar os picos das cordilheiras. O que está lá em cima também é realidade e serieis o sacrificado de um escrúpulo, a vitima de um erro, se só julgásseis real o que está ao imediato alcance dos vossos tentáculos sensitivos, - dos vossos olhos, dos vossos ouvidos, das vossas mãos..."

E essas terras queridas do Maranhão glorioso foram sempre vencedoras porque, ontem como hoje, e amanhã, ficaram e ficarão eternamente dentro do Sonho e da Realidade.

Não se vive somente da fantasia alada, de lindos ideais, e nem se poderá ficar adstrito à matéria brutal e esmagadora. E a nossa gente intelectual, e o nosso povo inteligente e perspicaz, com a visão precisa da Vida complexa, aliou o canto dos seus poetas à ação heróica dos seus homens.

O Maranhão foi sempre a Imaginação. Ele têm páginas de Ariosto no *Orlando Furioso*, de Dante no *Inferno*, de Milton no *Paraíso Perdido*, de Virgilio na *Eneida*. Mas também foi sempre o Feito, a cruzada em prol da Pátria, múltiplas façanhas por uma liberdade que era aspiração suprema, por uma independência que era uma obcecação da Raça.

E daí o seu triunfo, o seu apogeu, a sua Gloria, nas épocas douradas de antanho, nimbadas de luz, preponderante e dominador nas letras e nas guerras; daí, nos dias cruéis e decepcionadores de hoje, ser a Tradição que se ama e se respeita, clarão que ainda e sempre irradiará saber puro e cultura apurada, para o nosso encanto e a nossa fama. É como se fosse uma Grécia bem amada...

E esse 28 de Julho, neste seu aureolado Centenário de adesão à independência, nos lembra e nos aviva pugnas tremendas, de há mais dum século, combates e pelejas, correrias e assaltos, numa fase que foi toda ela uma alta vibração patriótica, tocada duma superioridade que empolga e extasia, os seus homens excepcionais terçando também as armas brancas do espírito, gladiando-se numa imprensa que espantava o Brasil todo, que galgava as fronteiras, que era como uma Bandeira vitoriosa desfraldada no País forte e querido!

Recordai, meus irmãos e meus amigos, a nossa linda terra... Ela se ergue no hemisfério austral, tendo 9.º e 40', com a latitude da extremidade septentrional no cabo Gurupy, e a meridional nas vertentes do belo Parnaíba. O Maranhão tem, senhores, o aspecto inteiramente geométrico. A sua configuração, disse o grande André Rebouças, é a de um gigantesco trapézio irregular, formando o Parnaíba, desde a foz, na barra das Canárias, até a sua nascente, na serra de Tabatinga, o primeiro lado; a serra das Mangabeiras, os rios Manoel Alves Grande e Tocantins até a confluência com o Araguaia, o segundo; deste ponto à foz do rio Gurupy, o terceiro; o litoral desde a foz do Gurupy até a do Parnaíba na barra das Canárias, o quarto lado. Positivamente um trapézio...

O Maranhão ocupa, com relação aos demais Estados da federação brasileira, diz Arnold Wright na sua vasta obra sobre o Brasil, o quarto lugar em litoral, com 120 léguas; o sexto em superfície com 458.884km<sup>2</sup>, isto é, maior que a Espanha, Suécia, Noruega,

Itália, Inglaterra, Turquia, Portugal e outros países da Europa. A sua população, pelo recenseamento recente de 1920, é de 874.567 almas.

A nossa temperatura, embora com a média anual de 26.º, é a serena e doce. Já dizia Viveiros de Castro que as estações são completamente discriminados e não temos a recear as bruscas variações de temperatura que tão perigosas são para as pessoas ainda não aclimada. As chuvas contínuas fertilizam o solo. E tanto que Henry Buff, o celebre professor da Universidade de Giessen, cita primeiro Mahabruleskvar, depois Guadalupe, uma ilha das Antilhas e, finalmente, o Maranhão, onde a quantidade de água é avaliada em 259,9 polegadas de Paris. E os muitos rios que o banham e as suas grandes florestas, lhe amenizam o clima e trazem um encanto novo à toda região.

E S. Luiz, a nossa tradicional capital, é de certo a maior das cidades do litoral entre Pará e Pernambuco. Assinalava-o Elisée Réclus, no seu curioso livro *Estados Unidos do Brasil*. Acrescentava que está ainda no lugar escolhido por La Ravardiere em 1610, e conserva o nome que lhe foi dado em honra de Luiz XIII.

- "Situada na costa ocidental numa ilha pouco elevada, que o canal Mosquito separa do continente, ela ocupa a extremidade de uma baixa península, entre dois estuários que encontram a Oeste a Bahia de São Marcos acessível de grande calado. Alamedas de árvores majestosas sombreiam algumas das suas principais ruas."

Ferdinand Denis, na *Introduction ou Voyage dans le nord du Brésil par Yves d'Evreux*, acrescentava que até alguns edifícios arruinados daquela época primitiva foram piedosamente reconstruídos por brasileiros.

Esse nome de Maranhão...

Ele trouxe, como sabeis, grandes complicações, dúvidas então complexas. Primeiro, foi a origem da própria palavra - no dizer do profundo historiador patricio Rocha Pombo na sua magistral *História do Brasil*. "- Explicam-na uns como provindo da pergunta que teria feito algum dentre os que os descobriram: - "Isto é mar ou é rio?" - à qual deve ter outro respondido: - "Mar... ah não!". Pensam outros a provém das *maranhas* ou enganos e traições a que por ali, pelo estuário, se sujeitavam os navegantes, ou de uns contra outros. Vários cronistas, como Berredo (*Annaes históricos do Maranhão*), acreditam que *Maragnon* era o nome do que primeiro visitou o rio-mar. Esta opinião é aceita pelo dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e outros. No seu trabalho sob o título da *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela Coroa de Portugal*, publicado na *Revista do Instituto*, escreve o sábio naturalista: - "Depois do descobrimento dos Pinçons pela *parte do mar*, o segundo espanhol que descobriu o Rio das Amazonas *pela parte* de terra do Reino do Peru, parece ter sido um fulano Maranhão, a quem atribuem o capitão Simão Estácio da Silveria e o bispo D. Fr. Christovam de Lisboa a razão deste apelido, que do descobridor passou ao rio e deste à ilha do Maranhão. Vem depois a confusão que se fez dos nomes *Amazonas* e *Maranhão*. Por fim Maranhão ficou designado definitivamente a ilha onde se acha a cidade de São Luiz. Esta ilha do Maranhão foi primeiro conhecida por ilha da Trindade; depois, no tempo dos sobreviventes da expedição de Ayres da Cunha, por ilha das Vacas; e com a ocupação francesa nos princípios do século XV, teve o nome de São Luiz, hoje restrito à cidade."

É sabido de todos vós que a descoberta do território hoje conhecido por Maranhão, é devida ao espanhol Vicente Pinzon. Lê-se na obra de Reginald Lloyd sobre o Brasil: "- Em 1534, deu o governo português a João de Barros e Fernando Alvares e Andrade toda a costa e as regiões do interior, que hoje compreendem os Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão, para serem administrados como duas capitanias. Uma expedição com cerca de 1.000 colonos, partiu de Portugal, para tomar posse destas terras, mas, tendo naufragado nas costas do Maranhão, apenas uma centena daqueles homens sobreviveram. Dez anos depois, Luiz de Melo trouxe ao Brasil uma nova expedição, que também teve fim desastroso. Conquanto Portugal tivesse sempre considerado suas as costas do Maranhão, não eram elas, entretanto, nem bem conhecidas, nem tão pouco colonizadas quando, em 1554, os franceses, comandados por Jacques Riffault, Dieppe, se estabeleceram na ilha do Maranhão, procurando aí firmar o seu domínio. Em 1612 fundaram eles a cidade de São Luiz, assim denominada em homenagem a São Luiz XIII, Rei de França. Em 1614 foram os franceses batidos e expulsos do Maranhão, por Jerônimo de Albuquerque; e em 1621, o Maranhão, constituído pelas capitanias do Pará e Ceará, ficou definitivamente organizado. Durante o domínio holandês em Pernambuco também o



Maranhão caiu em seu poder; mais tarde, porém, forma os invasores expulsos. Em 1733, residiam os Governadores do Maranhão em Belém do Pará, e a administração foi exercida no Maranhão por Capitães Gerais até 1772, quando o território maranhense foi definitivamente separado do Pará. Com a separação das coroas brasileira e portuguesa, ficou o Maranhão constituindo uma Província do Império; e em 1889, com a proclamação da República, foi Estado."

O domínio holandês foi terrível para o Maranhão, na época de Lichthart, ao contrário da fase proveitosa dos franceses. Índios e portugueses, depois da horrível batalha, expulsaram os invasores, e novamente foi a ilha reintegrada à Coroa de Portugal. Inesquecível para todos nós foi o movimento ousado da libertação patrocinado por Beckamn, caído no patíbulo. Tenhamos na data de hoje, senhores, um preito de dor e saudade pelo herói e martyr que foi Beckamn, - de certo a primeira das grandes vítimas em prol das liberdades Pátrias.

Da independência à República o feito mais surpreendente que tivemos foi a chamada "balaiada", revolução que irrompeu em 1838, sufocada por aquele que depois foi o Marechal e Duque de Caxias.

Rio no solo, na agricultura, na pecuária, na indústria, no comércio, na fauna e na flora, Agassiz assinalou desde aquelas épocas de antanho a sua importância.

Antes, a sua valia fora vastamente fixada na *Lettre d'um Père Capucin* escrita pelo Padre Cláudio d'Abbeville, e pela primeira publicada por Tornaux Compans nos *Archives des Voyages*, em 1612, segunda parte, e nos opúsculo *L'arrivée des Peres Capucins et la conversion des sauvages* pelo mesmo autor, em 1613; no livro celebre de Ivo d'Evreux, *Voyage dans le nord du Bresil*, aparecido em 1615; em Diogo de Campos Moreno, no manuscrito *Jornada do Maranhão*, que saiu em 1812, de inconteste valor por ter sido o autor companheiro de Jerônimo de Albuquerque; em *Lês Fruits de le Mission*, saído em Lille em 1614; em os *Annaes históricos* do famoso Berredo, no seu estilo tão gongorico, livro bem conhecido na sua terceira edição que traz um estudo sobre a vida, a época os escritos do autor pelo notável historiador e saudosissimo amigo Bertino Miranda; em Antonio Henrique Leal nas suas *Locubrações*, 1874; em Cândido Mendes de Almeida nas *Memórias do Maranhão*, de 1874; em a *Relação Summaria das Coisas do Maranhão*, de Simão Estácio da Silveira e outros.

O certo é que, no justo dizer de José Ribeiro do Amaral, na obra *Fundação do Maranhão*, Berredo seguiu à risca e com muita exatidão a Cláudio d'Abbeville e a Diogo de Campos; Beauchamp a Berredo somente, convindo notar que a compilação de Gayoso se resente de grande confusão e não poucas inexatidões.

Das suas hoje magníficas condições de salubridade falou esse brilhante cientista e festejado escritor que é Afrânio Peixoto, nas páginas refletidas do livro *Clima e Doenças no Brasil*. Publicistas estrangeiros também nos fazem agora essa justiça.

Mas o maranhense emigra bastante, claro que na ambição humana de melhorar, e de preferência para a Amazônia. Aqui, como é inconteste, ele triunfou. Ao Sul, também. "Contamos, escrevia um sagaz observador, ao Norte como no restante do Brasil, muitos maranhenses entre os de maior valor mental, além dos altamente colocados na política, nas funções publicas, nos negócios, nas letras."

Se a psicologia do individuo psico-etnico, de certo reclamava a vasta competência dum Euclides da Cunha, o maravilhoso autor dos Sertões. Mas creio não será erro fixar o maranhense no tipo inteligente, culto, contemporizador e acrescentei eclético.

Um publicista, Raymundo Lopes, - *O Torrão Maranhense* - acrescentava "que as suas mais belas qualidade, chegam a degenerar em defeitos... Intellectualmente, nota-se-lhe a facilidade de idealizar e aprender. É incontestável que estes "athenienses", - permita-se o tradicional epifeto - têm, com os defeitos dos seus protótipos clássicos, uma tradição de cultura literária relativamente notável, e cabe-lhes um lugar de destaque na formação intelectual nacional.

Há uma qualidade suprema que nunca faltará ao calamo maranhense: o colorido, a graça e o calor da dição. Sob o ponto de vista criação estética e científica, têm dado exemplo de espírito crítico claro e seguro, e de força conceptiva e associativa."

O que se evidencia, assinalou o escritor citado ai acima, é que falta ao nosso tipo social muito de experiência econômica, de iniciativa, de audácia, de segurança de ação. - Falta-nos sobretudo o que se pode chamar a coesão dinâmica, a unidade ativa.

Mas o defeito não é somente nosso, não é regional. Ele é do Brasil inteiro... Mas o artifício há de passar, e então nos aperfeiçoaremos, para a Glória deste País bem amado.

A nossa terra querida, minhas brilhantes patrícias, poderia ser também chamada a Cidade da Árvore. Ali, sempre houve o seu culto apurado. No Brasil todo foi o Maranhão que primeiro deu o exemplo de carinho, de amor, de cuidado, de idolatria pela Árvore. Enquanto de Sul a Norte ela era até então descuidada, criando-se e desenvolvendo-se apenas ao sabor caprichoso da Natureza, a Cidade fundada por La Ravardiere, tratava-a com esmero, podava-a com carícias. E o gosto espontou enfim pelo Brasil todo em prol da Árvore patrícia!

O Maranhão é a terra das palmeiras gigantescas e senhoris. A palmeira é um símbolo da nossa Pátria. Ela é altiva e majestosa, e soberana, rainha por excelência das Árvores. Nada domina. Empolga, faz pensar. Entre o céu e a terra, o tronco ereto e firme, - a copa frondosa e elegante ela é a Natureza esplendente e o Sonho embalador...

A palma, donairosas Senhoras, é o emblema da vitória. Ela vem de palmeira magnífica. É abençoada por Deus. E já aquele perspicaz padre francês Cláudio d'Abbeville, que perlustrou longamente as nossas terras amadas, no seu famoso livro *Histoire de la Mission des Peres Capucins em l'Isle de maragnon*, publicado em Paris em 1614, canta entusiasta a árvore real, dizendo ser a nossa Ilha um grande jardim e "um de vitória por não haver um inimigo que possa vencer a palmeira, ficando a Ilha sempre vencedora e desassombrada de seus inimigos."

É entre palmeiras altas e nobres, minhas formosas patrícias, que surge a estatua branca e sugestiva do primeiro dos poetas do Brasil, do maior dos poetas das duas Américas. Na esguia e bela coluna de mármore de Carrara, cercado pelas folhas reais das palmeiras que ondulam aos ventos, aparece dominador o vulto do cantor imortal do *Y-Juca-Pirama*. Em frente o mar, - que ora tem rugidos de estremecer e de espantar, bramidos perigosos de fera, e ora é doce e sereno com o a alma virgem das crianças...

Gonçalves Dias foi de fato um poeta excepcional, o nosso cantor por excelência. Ele era bem a alma fremente do Maranhão, e da nossa Raça: Realidade e Sonho. Foi o nosso cantor guerreiro, o que glorificou o índio, apoteosando-o; foi o poeta que no verso impecável e na rima apurada, disse todo o nosso bem querer, dos nossos Amores e das nossas Saudades!

Nos *Primeiros, Segundos e Últimos Cantos*, nessas *Poesias diversas, Poesias Americanas*, nas *Visões*, nos *Hinos* e nas admiráveis *Sextilhas de Frei Antão*, o bardo patrício, no seu próprio dizer, - "casava o pensamento com o sentimento, o coração como entendimento, a idéia com a paixão..."

Escutai, senhores, estas estrofes guerreiras de musa forte do poeta máximo:

No meio das tabas de amenos verdores,  
Cercadas de troncos - cobertos de flores,  
Alteiam-se os tetos de altiva nação;  
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,  
Temíveis na guerra, que em densas coortes  
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,  
Já prélios incitam, já cantam vitória,  
Já meigos atendem à voz do cantor:  
São todos Tymbiras, guerreiros valentes!  
Seu nome lá boa na boca das gentes,  
Condão de prodígios, de gloria de terror!

As tribus vizinhas, sem forças, sem brio,  
As armas quebrando, lançando-as ao rio,  
O incenso aspiraram dos seus maracás:  
Medrosos das guerras que os fortes acendem,  
Custosos tributos ignavos lá rendem  
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da tabas se estende um terreiro,  
Onde ora se aduna o concílio guerreiro  
Da tribu snehora, das tribus servis:  
Os velhos sentados praticam de outrora,  
E os moços inquietas, que a festa enamora,  
Derramam-se em torno de um índio infeliz.

Quem é? - ninguém sabe: seu nome é ignoto,  
Sua tribu não diz: - de um povo remoto  
Descende por certo - de um povo gentil:  
Assim lá na Grécia ao escravo insulano  
Tornavam distinto do vil musulmano  
As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro  
Nas mãos dos Tymbiras; - no extenso terreiro  
Assoia-se o teto, que o teve em prisão;  
Convidam-se as tribus dos seus arredores,  
Cuidosos se incumbem do vaso das cores,  
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a linha da vasta fogueira,  
Entesa-se a corda de embira ligeira,  
Adorna-se a massa com penas gentis:  
A custo, entre as vagas do povo da aldeia,  
Caminha o Tymbira, que a turba rodei,  
Carboso nas plumas de vários matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,  
Afeitas ao rito da bárbara usança,  
O índio já querem cativo acabar;  
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,  
Sombreira-lhe a fonte gentil Kanitar.

.....

Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
Possas tu, descendente maldito,  
De uma tribu de nobres guerreiros, b  
Implorando cruéis florasteiros,  
Seres presa de vis Ayumorés.

Possa tu, isolado na terá,  
Sem arrimo e sem pátria vagando,  
Rejeitado da morte na guerra,  
Rejeitado dos homens na paz  
Ser das gentes o espectro execrado;  
Não encontres amor nas mulheres;  
Teus amigos, se amigos tiveres,  
Tenham alma inconstante e falaz!

Não encontres doçura no dia,  
Nem as cores da aurora te ameiguem,  
E entre as larvas da noite sombria  
Nunca possas descanso gozar;  
Não encontres um tronco, uma pedra,

Posta ao sol, posta chuva e aos ventos,  
Padecendo os maiores tormentos,  
Onde possas a fronte pousar.

Que a teus passos a relva se torre,  
Murchem prados, a flor desfaleça,  
E o regato que límpido corre,  
Mais te acenda o vesano furor;  
Suas águas depressa se tornem,  
Ao contato dos lábios sedentos,  
Lago impuro de vermes nojentos,  
Donde fujas com asco e terror!  
Sempre o céu, como um teto incendiado  
Creste e punja teus membros malditos,  
E o oceano de pó denegrado  
Seja a terra do ignavo tupi!  
Miserável, faminto, sedento,  
Manitôs lhe não falem os sonhos,  
E do horror os espectros medonhos  
Traga sempre o cobarde após si.

Um amigo não tenhas piedoso  
Que o teu corpo na terra embalsame,  
Pondo em vaso de argila cuidadoso  
Arco e frecha e tacape a teus pés!  
Sé maldito, e sozinho na terra:  
Pois que a tanta vileza chegaste,  
Que em presença da morte choraste;  
Tu, cobarde, meu filho não és.”

.....

Ouvi agora, senhoras, estes lindos versos de amor, *Seus olhos*, dum doce, duma grande, e suave afetividade, do bardo excelso, inspirados nos belos olhos duma das nossas mais formosas conterrâneas, e que uma forte paixão do poeta:

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
De vivo luzir,  
Estrelas incertas, que as águas dormentes  
Do mar vão ferir.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros  
Tem meiga expressão,  
Mais doce que a brisa, mais doce que nauta  
De noite cantando, - mais doce que a fruta  
Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Em jogo infantil,  
Inquietos, travessos, - causando tormento  
Com beijo nos pagão a dor de um momento,  
Com modo gentil,

Seus olhos são negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são;  
Às vezes luzindo, serenos, tranqüilos,  
Às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramão tão fraco,

Tão frouxo brilhar,  
Que a mim me parece que o ar lhes falece,  
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece,  
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranqüilo,  
Desperta a chorar;  
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,  
Não pensa - a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante  
Às vezes do céu  
Cai doce harmonia d'uma Harpa celeste.  
Um vago desejo; e a mente se veste  
De pranto có'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos,  
Da pátria melhor;  
Eu amo seus olhos que chorão sem causa  
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos, tão negros, tão puros,  
De vivo fulgor;  
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,  
Que falam de amores com tanta poesia,  
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são:  
Eu amo esses olhos que falam de amores  
Com tanta paixão.

Gonçalves Dias foi bem, e como outro não há nem, houve, o poeta por excelência da nossa Raça.

Um dos nossos magníficos intelectuais, estadista de visão alta que neste momento dirige os destinos da nossa Terra Natal, é o sr. Godofredo Vianna. Num seu estudo sobre Maranhão, curto e incisivo, ele diz que "o nosso futuro se apresenta auspicioso, e o passado refulge nas páginas da história do Brasil pelo brilho que lhe deram seus homens de letras e seus estadistas. Neste particular, senhores, nenhuma outra unidade da Federação se há adiantado a nós. Grande é a plêiade de seus intelectuais e de seus homens públicos. Poetas como Gonçalves Dias; helnistas e latinistas como Odorico Mendes historiadores e publicistas como João Lisboa; jornalistas como José Candido e Joaquim Serra; matemáticos como Gomes de Souza; juriconsultos como Cândido Mendes, Vilhena e Almeida Oliveira; gramáticos como Sotero dos Reis e Pedro Nunes Leal; oradores como Gomes de Castro e Paula Duarte; romancistas como Aluísio Azevedo; estadistas como Furtado Franco de Sá, Benedito Leite, Urbano Leite, Urbano Santos... para só falar dos mortos e dos maiores, que honram a brilhante cultura espiritual do Maranhão e elevam bem alto o seu nome."

E outros, e muitos outros...

Custodio Alves Serão, professor, químico, naturalista e físico; César Augusto Marques, medico, historiador, geógrafo, professor; Fabio Alexandrino de Carvalho Leal, economista, parlamentar, publicista, professor; D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, arcebispo da Bahia, pregador e professor; Antônio Marques Rodrigues, economista, parlamentar, poeta, jurista, critico, parlamentar; Antônio Jansen de Matos Pereira, juriconsulto, professor, publicista, político; Felipe Franco de Sá, parlamentar, filólogo, juriconsulto e publicista...

Esta é uma página de saudade. Permitti emus conterrâneos e meus amigos, que invoque os nomes daqueles que são uma Gloria lidima para o Maranhão... É um gesto de Justiça. É o nosso dever, é a nossa obrigação, é o nosso prazer.

Dizia aquele excepcional escritor e estadista, Joaquim Nabuco - e talvez o mais encantador dos homens que o Brasil já teve! - que "devemos ser na morte a substituição apenas dos operários da mesma causa, a renovação necessária da vida. O que quer que seja a verdade, a imortalidade, que Platão chamava uma esperança, basta, para cumprir o seu dever na sociedade, que o homem saiba que tudo o que ele tiver praticado de puro e de nobre há de ser aproveitado pelos seus sucessores e constitui a herança da sua espécie."

Assim, recordemos com carinho outros nomes do Maranhão famoso. Gentil Homem de Almeida Braga era romancista, professor, poeta, parlamentar, e um apurado *gentleman*; João Mendes de Almeida, parlamentar, publicista, historiador, jurisconsulto; Trajano Galvão de Carvalho, poeta e professor; Joaquim de Souza Andrade, poeta, engenheiro, publicista e professor; D. Luiz Raimundo da Silva Brito, compendiografo, orador sacro, parlamentar; professor, arcebispo de Olinda; João Antonio Coqueiro, matemático, engenheiro, publicista, professor; Francisco Dias Carneiro, outro poeta, magistrado, industrial parlamentar; Antonio Enes de Souza, químico, mineralogista, inventor, publicista e professor; Teixeira Mendes, profundo filosofo.

Há nomes outros que não podem, que não devem ser esquecidos. Francisco José Viveiros de Castro era contista, jurisconsulto e professor; Hugo Vieira Leal, poeta, romancista, dramaturgo, publicista, crítico, Almir Parga Nina, medico, publicista, professor; Celso da Cunha Magalhães, poeta, romancista, publicista, crítico; Raimundo Nina Rodrigues, medico, professor, publicista, autor de excelentes obras científicas, consagradas no País e no Estrangeiro; Theodoro da Silva Baima, médico, batereologista, autor também de livros científicos; Caetano César de Campos, homem de letras e engenheiro; Eusébio de Almeida Martins Costa, médico, professor, autor de obras de ciência; José Augusto Corrêa, matemático, professor, filólogo; João de Deus do Rego, o poeta das *Primeiras Rimas*, e jornalista, tribuno, crítico e professor, - uma poderosa organização de nossos dias; Raul Astolfo Maques, romancista, contista, jornalista; Antonio da Costa Gomes e Joaquim Vespasiano Ramos, ambos poetas.

Em João Francisco Lisboa encontrareis um publicista excepcional, parlamentar extraordinário, o primeiro dos historiadores na sua época, crítico sagaz e por vezes irônico. As suas obras ainda hoje as releio sempre com um encanto novo... *O Jornal de Timon* tem lugar a parte no publicismo nacional, pelo vasto saber nele contido e pelo estilo magnífico e surpreendente. São das melhores páginas da literatura, da historia, e da graça brasileiras. Quereis recordar o feitio de João Lisboa, o seu modo e a sua maneira de escrever? Abri o acaso o *Jornal de Timon*... Aqui se discute a etimologia do nome Maranhão, e se comenta os feitos e os dizeres do grande Padre Antonio Vieira, que por tanto ano habitou as nossas terras e fez lá muitos dos seus estupendos sermões. Mas escutai João Lisboa: "...mas o famoso Padre Antonio Vieira, zombando a seu modo e usando dos costumados trocadilhos, disse o Maranhão não queira significar outra coisa, senão *Maranha Grande*".

Do Maranhão era Theophilo Dias, um grande e raro poeta que nós todos devemos querer amar. Uma das mais celebres e perfeitas e impecáveis poesias nossas é a *Matilha*, do brilhante patricio, autor das *Fanfarras*. Ainda do Maranhão era Adelino Fontoura, maravilhoso cinzelador e rimas, lírico emocional que é um encanto e uma filigrana nos lindos vilacentes de antanho, e nas páginas líricas das *Opalas*.

Quem neste País imenso não é um deslumbrado pelo verso excepcional de inspiração e de forma de Raymundo Corrêa? Pois bem, esse também do Maranhão invejável. Raymundo Corrêa está entre os maiores poetas da Raça, entre os principais das duas Américas e sempre novo, a rima feliz engastada com rara mestria e invulgar elegância.

Arthur Azevedo, irmão do grande Aluizio, é outro maranhense de destaque incontestado. É comediógrafo por excelência. Fez o jornalismo, e o humorismo no verso e na prosa com chiste e graça. O conto, ele teve por vezes raro espírito. Na poesia lírica foi de grande afetividade. No teatro, porém, é que pontificou. Foi o seu grande batalhador, e se deixou peças populares no gênero de revistas e burletas - e aí foi inimitável -, legou aos seus patricios finas e cintilantes peças vazadas nos moldes do bom teatro francês. *O Dote*, exemplificando, é uma lata comédia, com muitas cenas de real valia e de agrado das platéas requintadas.

O seu irmão, Aluizio Azevedo, foi na sua época o maior dos romancistas do Brasil. Antes dele dominou José de Alencar, o poeta de *Iracema*, o psicólogo de *Lucíola*, o escritor

másculo do *Guarany* e das *Minas de Prata*. É em Aluízio que nós tempos de estudar a vida brasileira numa das suas subdivisões mais interessantes. É um novelista excepcional, de atilada observação, simples na linguagem, impressionante por vezes. No *Cortiço* ele é formidável de psicologia, como no *Mulato* ao descrever certo momento da vida maranhense. A sua fantasia risonha encontrareis nesse volume tocante que é o *Livro duma Sogra*. Tendes em *Casa de Pensão* uma obra forte, como nas páginas frementes do *Coruja*. No *Homem* ides rever o naturalismo a Zola, na época dominando o romance brasileiro, e na *Mortalha* emocional sonhador de *Modemoiselle de Maupin*.

Aluízio Azevedo é um nome que não é só uma honra para o Maranhão, porque, como tantos, é um gloria para o Brasil.

Encontrareis, meus conterrâneos e os meus amigos, nas Províncias de então como nos Estados de hoje, o esforço tenaz, o trabalho educado, maranhense. É a nossa terra que, nababa intelectual, - se propaga, com outras de irradia por todo este País que é nosso, por todo este Brasil que nós bem queremos e amamos. Na formosa capital da Republica, na linda cidade de jardins em flor, Cidade de maravilhas extasiantes, Cidade luz e inteligência, Cidade onde a Natureza esplende casada com o trabalho assombroso do Homem, foco rutilante do saber patricio, - lá encontrareis também na imprensa, na tribuna, no livro, na magistratura, na jurisprudência, no militarismo, no funcionalismo, no comércio, no clero, na sociedade, o brilho do maranhense com a sua inteligência pronta e a sua educação serena. Domina hoje o Brasil literário pela Forma e pelo Estilo um maranhense. É Coelho Netto. Romancista, novelista, contista, dramaturgo, ele pontifica na Crônica leve no estudo pensado. E somente para esse, senhores, abro entre prefiro me ocupar, com saudade, daqueles que já se foram.

Nos Estados rutilantes do Sul e nos do Norte empolgante encontrareis ainda a cooperação ração eficaz e brilhante do conterrâneo distinguido. Olhai, examinai, Senhores, por momento a Amazônia grandiosa. Ela é formidável com essa Natureza pompeante que assombra, com essas florestas magníficas que têm todas as escalas verde. Os rios que a cortam e recortam, que beiram e bordam as suas terras úberes e férteis, espantam. Flora e fauna, formidáveis. Pois bem: foram dois maranhenses que fizeram as duas grandes e soberbas capitães dos dois Estados do Estremo-Norte. Foram eles que num trabalho heróico, com uma lucidez excerta do "Amanhã" radiante, passaram do Impossível ao Possível, do Sonho à Ação. São os grandes construtores. Antonio Lemos em Belém, Eduardo Ribeiro em Manaus, - foram os fatores principais da reconstrução e da construção das duas queridas Cidades. Pode a paixão partidária, a obsecação pessoal querer empanar o Sol... mas ai estão os grandes e esplendidos edifícios, os monumentos, os jardins formosos, as ruas alinhadas e calçadas, as praças arborizadas, os serviços de eletricidade, as pontes metálicas, os Teatros, as escolas, os Museus, os Institutos de ensino, tudo, enfim, mostrando, provando, que foram Eles, os dois, os orientadores, e organizadores, e fatores principais do Progresso e da Civilização, com o apoio e auxílio eficaz dos capazes. Erros? Senões? Mas então a ingenuidade nacional quer também a perfeição no Homem? A perfeição se faz somente dentro da Natureza e para a obra de Arte.

E Antonio Lemos e Eduardo Ribeiro esperam ainda que na praça publica, através do mármore esculpido, se manifeste a gratidão do Pará e do Amazonas...

E se "Pensador", notabilíssimo engenheiro, jornalista vindo com tradições da nossa terra, é um nome ligado ao Amazonas querido, e a esta Manaus, que empolga e prende pelo Carinho, outro nome nós temos na curta história deste País encantado. Eduardo Ribeiro, maranhense, - foi o Construtor. Outro maranhense, Carvalho Leal, foi o Proclamador. A Republica se fez, no Amaoznas, ao seu grito, ao lado de dois outros companheiros, - Ele republicano histórico aguerrido, combatente forte na imprensa e na tribuna.

E tenhamos ainda, senhores, uma palavra de justiça e de Saudade para esse formoso talento que foi Maranhão Sobrinho. Ele viveu tanto ano conosco!... Tanto!... Espalhando e derramando sempre a mancheias, o ouro fulvo do seu alto valor mental, do seu raro sentimento, trabalhador paciente do Verso, aprimorando-o, cinzelando-o, dentro a Idéia magnífica, a centelha fulgurante, que fez desse Príncipe dos Boêmios um dos extraordinários poetas do Brasil!

E ao Amazonas magnífico é também caríssimo o nome imortal do cantor forte desse poema heróico *Os Tymbiras*: Gonçalves Dias aqui esteve, habitou a nossa á então

prometedora Cidade dos Bares e dos Manaus, ai por 1861, desempenhando a incumbência delicada e difícil de curar da instrução pública, que ainda mal se esboçava naquela época longínqua. O seu relatório, que compulsei, é deveras interessante e mostra a rara competência do genial patricio.

Registremos o acontecimento com especial carinho. A 18 de Fevereiro de 1861 o poeta máximo fora nomeado pelo então presidente dr. Manoel Clementino Carneiro da Cunha visitador das escolas publicas do rio Solimões então distinção assinalável.

Essa comissão teve realce incontestado, e largos proventos trouxe ao Amazonas imenso e bem amado. E é de lidima Justiça ressaltar desde logo que Gonçalves Dias recusou a gratificação a que tinha direito. A 11 de Outubro ainda de 1861 foi nomeado Presidente da Comissão encarregada da Exposição dos produtos naturais e industriais que o Governo Imperial deliberara que se fizesse nas diversas Províncias do Império.

Foi por essa época, foi nesse momento que o cantor estupendo do *Y – Juca – Pirama* apresentou o seu celebre Relatório sobre a "Etnografia do Amazonas", magistral no estudo dos ornatos indígenas e em curiosidades naturais.

Os produtos, Gonçalves Dias ofereceu-os gratuitamente à grande Exposição Nacional de industrias que se realizou com êxito no Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1861, em comemoração ao aniversário natalício de D. Pedro II, o Imperador querido. E só em Novembro desse ano foi que o cantor guerreiro dos *Tymbiras* deixou o Amazonas surpreendente e maravilhoso...

Há, senhores, nesta região opulenta da América do Sul uma Cidade que sendo vista, ou lida a sua história, apreciados fatos e costumes, nos traz uma certa lembrança da nossa... A savana de Bogotá dizem que não tem rival no mundo inteiro. E o novo Reino de Granada é todo ele uma invocação. Batisou-o marechal espanhol Ximenes de Quesada, o Conquistador, no ano já bem distante de 1534. A capital da Colômbia toda ela é uma tradição. O Maranhão também. O seu clima é doce e suave como o nosso. Certo que S. Luiz não é afastada do mundo como Santa fé de Bogotá, a mais de mil kilometros do mar, - no dizer dum notável diplomata brasileiro, que acrescentava a sugestiva cidade viver "a desenvolver e a aprimorar a sua Raça e a sua inteligência, livre de corrupções estranhas. Pequena pela população, e grande pela cultura, e pitoresca urbe tem realizado progressos marcadamente intelectuais. Há cem anos tinha quase a mesma população de hoje, há cem anos já era consagrada a Athenas Americana, e ainda agora é manifesto o pendor artístico dos seus filhos. Poetas prosadores, diletantes, eruditos, Bogotá sempre os contou em legião..."

Assim, o Maranhão. Terra de Tradições, de Invocações. Cidade sugestiva das mais antigas do País, o seus velhos edifícios e muros cobertos de musgos, a sua arquitetura Colonial, o Progreso estonteante de hoje não perturbou bastante, como não perturbou em Bogotá, o seu doce sossego... Há em tudo uma larga serenidade. É o estudo, a reflexão, o saber. É o pantheismo. E Santa fé de Bogotá é conhecida pela Athenas Americana como S. Luiz do Maranhão é chamada a Athenas Brasileira... As duas velhas e senas Cidades são como que tocadas dum grande e profunda saudade...

Chamam-te, meu Maranhão, de "Athenas Brasileira". Em todo este vasto País, dos escarpados do Sul às florestas densas do Norte, eras e és pela tua alta intelectualidade, a Athenas nacional. A Grécia formosa e amada foi o centro principal da civilização helenica. Tu foste o berço magnífico da civilização patricia. Na arqueologia tens alguns pontos de contato com a admirável Cidade grega. As ruínas suntuosas de Athenas... Como elas vivem em nossa memória - os monumentos da Acrópole, o pórtico de Eumene, as tradicionais ruínas do Aeropago, o Theatro de Dionysos, os monumentos de Philopappos e de Trasyllus, e Asklepilion, a necrópole Sagrada, o Odeon de Hérode Atticus, os pórticos celebres de Attala e Agora, o Gynásio, pórticos celebres de Attala e Agora, o Gynasio, e o monumento de Lyzicrate, o arco de Hadrien!

És também, minha Terra, uma das sentinelas do escrever e do falar da amada língua brasileira! Todos respeitam o teu apuramento no dizer, - a dição correta e formosa, a linguagem escorreita e pura, a riqueza suntuosa e invulgar dos vocábulos, a elegante sinfonia da frase, a Prosa cintilante e a ronda do Verso escultural, cheio de Ouro e Luz, alindando a Idéia perfeita!



Formosas moças da minha Terra! Todas vós, pelo vosso Encanto, pela vossa Bondade e pela vossa Beleza, fulgurais como a maior das riquezas nossas! Lindas e simples, o andar ondulante, e dignas, e nobres, e elevadas, tendes nos lábios entreabertos aquele sorriso leve e gracioso que é todo um mistério e nos olhos boiando, toda a doce Saudade de que nos olhos o nosso Poeta bem amado... E foi por isso que já os Conquistadores ousados do Maranhão glorioso, naquele ano bem longínquo de 1615 - há três longos séculos! - na Visão larga e audaciosa do futuro, rendiam solenes graças ao Senhor dos Exércitos, e à Virgem, Senhora da Vitória, já nomeada padroeira da Cidade de São Luiz... E os olhos longos e expressivos, tocados de intraduzível Saudade, voltados para o alto, para o Céu imenso e azul que tem toda a pureza imácula das Almas das Crianças, as mãos postas, mãos veludas e patricias orai sempre, radiosas moças da minha Pátria! - pela Ventura e pela Felicidade da minha, da vossa, da nossa querida e augusta e gloriosas Terra Natal!

### **Apoteose ao poeta excelso**

(Conferência realizada no sarau-Litero Musical da Academia Amazonense de Letras, comemorativo do Centenário de Gonçalves Dias, no salão nobre do IDEAL CLUB, em Manaus, a 10 de Agosto de 1923.)

"UMA ave que vê semear o cânhamo quando muito prevê que desse grão virá uma floresta de plantas; mas não prevê que desta planta se há de tirar com que fazer laços; e ainda menos que dará linho, e com este linho papel e livros. Assim é o homem; diante dos atos da Natureza, como a ave diante dos seus, prevê neles o que pode. E como tudo que ela lhe dá e gozo para os sentidos e tormento para o espírito, ele se entrega e se deve entregar com ardor a esta dupla urgência de gozar dela e de a estudar." São essas palavras, tão formosas e sugestivas, desse filosofo risonho que foi Rivarol, - talvez o maior encanto literário de todo os eu século. E elas bem se amoldam e se ajustam ao nosso Poeta máximo, ao cantor guerreiro e fremente dos *Tymbiras* e ao doce e suave lírico de *Marabá*.

A sua poesia por vezes altiva e sonora, dum tilintar de espadas nuas e dum reboar de trovões em florestas vastas, vezes outras duma serena afetividade de regato que serpeia manso e tranqüilo, é a Raça e o Amor. Direi é a Pátria, esta suntuosa e querida Pátria que ele cantou como ninguém, que ele elevou como pouco e que adiantou de dois séculos nos seus estudos profundos e nos seus versos maravilhosos tornando-nos a nós Brasil novo, a nós Brasil que nascia, mais do que conhecidos, porque nos fez bem amados!

Terra fecunda e moça, ela teve em Gonçalves Dias o seu bardo excepcional e nobre, e altaneiro, e galhardo como as palmeiras reais abertas em leque da Pátria rutilante! Ela teve no excelso Poeta americano quem lhe cantasse em versos de ouro e luz, vazados em forma apurada e escorreita, talhados em língua que tem a rizeja do mármore, - o nosso lindo céu às vezes cobaltizado, à vezes duma claridade que estonteia ou dum azul puríssimo de manto da Virgem! Ela teve, a Nação Amiga e adorada, quem lhe celebrasse em poesia de cristal a sua, as nossas grandes e idolatradas Árvores, que tem o tronco erguido e os ramos esquisitos e dum perfume que embriaga, espalmados, esgalhados, como que levantados para o Céu como se braços em cruz fossem, pedindo a Deus pela Felicidade do Brasil glorioso e adorado! Ela teve, esta Chanaan deslumbrante e perturbadora, Terra sensual e voluptuosa, Terra ingênua tocada de carícias de criança, quem lhe glorificasse o Sol radioso que a banha em tonalidades de ouro velho e em fulgurações de estalactites e estalagmites! Ela teve, ainda nesse mesmo Poeta estranho e heróico da nossa Pátria, quem lhe celebrasse o Homem forte e vencedor, expoente duma nobre Raça em formação, quem lhe avaliasse os feitos e lhe assinalasse e inteligência pronta e a ação imediata!

E teve ainda, nele, no vate excepcional do nosso rincão predileto, quem em estrofes cantantes e em rimas perfeitas, louvasse os nossos rios coleantes que serpenteiam e se espreguiçam ao Sul e ao Norte, o mar que ora é onda alta e brava ora onda suave e espumante, as nossas Glorias maiores, a Natureza e o Homem! E teve no excelso Poeta

patrício, quem em versos poderosos de Arte e delicados de concepção - uma filigrana, apoteosasse a Mulher e o Amor...

Ouvi, nobres senhoras do meu País, estes lindos e gloriosos versos, *Marabá*, do emocional cantor nossos:

Eu vivo sozinha; ninguém me procura!  
Acaso feita  
Não sou de Tupã!  
Se alguém de entre os homens de mim não se esconde  
-Tu és me responde,  
- Tu és Marabá!

- Meus olhos são garços, são cor das safiras.
- Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;
- Imitam as nuvens de um céu anilado,
- As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

"Teus olhos são garços,  
Reponde anojado; mas és Marabá:  
" Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,  
Uns olhos fulgentes,  
Bem pretos, retintos, não cor de anajá!"

- É alvo meu rosto da alvura dos lírios,
- Da cor das areias batidas do mar;
- As aves mais brancas, as conchas mais puras
- Não têm mais alvura, não têm mais brilhar! -

Se ainda me escuta meus agros delírios:

"És alva de lírios,  
Sorrindo responde: "mas és Marabá:  
"Quero antes um rosto de jambo corado,  
Um rosto crestado  
Do sol do deserto, não flor de cajá"

- Meu colo de leve se encurva engraçado
- Como hastea pendente do cactos em flor;
- Mimosa, indolente, resvalo no prado,
- Como um soluçado suspiro de amor! -

"Eu amo a estarura flexível, ligeira,  
"Qual duma palmeira,  
Então me respondem; "tu és Marabá;  
"Quero antes o colo da ema orgulhosa,  
"Que pisa vaidosa  
"Que as floreas campinas governa, onde está."

- Meus louros cabelos em ondas se anelam,
- O ouro mais puro não tem seu fulgor;
- As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
- De os ver tão formosos como um beija-flor! -

Mas eles respondem: "Teus longos cabelos,  
"São louros, são belos,  
"Mas são anelados; tu és Marabá:  
"Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,

“Cabelos compridos  
“Não cor de ouro fino, em cor de anajá.”

E as doces palavras que eu tinha cá dentro  
A quem nas direi?  
O ramo da acácia na frente de um homem  
Jamais cingirei:  
Me desprenderá:  
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,  
Que sou Marabá!

Ele era bem um panteísta, tocado de nostalgia. A saudade - a doce e impressionante Saudade! - anda derramada por quase todos os seus versos inesquecíveis.

Tinha revoltas súbitas e violentas, e serenidades de Alma sossegada e tranqüila. Eram as três raças em conflito dentro de si, - o africano, o índio, o português. A sua poesia canta e tem o perfume quente e embriagador das nossas florestas em flor, que dominam espantam.

Gonçalves Dias é por vezes luminoso, e o maior e inexcedível Poeta da nossa Natureza triunfal. Alguém, crítico de valia, achou-o próximo de Victor Hugo e junto de Th. Gautier. Ele é exuberante e sentimental, e a sua sensibilidade é inteiramente nossa, e a sua imaginação é bem americana, embora vazada em forma portuguesa - assinalava, por palavras outras, nobre publicista brasileiro.

Ele é toda uma orquestração estão ai rebrilhantes como laminas de aço polido ao sol forte e triunfal da nossa terra, os seus poemas joierados dum raro primor de acabamento, odes à Anacreonte cheias de sentimento e Arte, lembrando floretes a se cruzarem, o tinir de ferros que se chocam, relâmpagos cortando o espaço em meio, o ribombo sonoro dos trovões nas florestas imensas, e toda a imaginação e doçura dum povo que sente e que estua, toda a sua invulgar e impressionante afetividade de risos e lagrimas, de alegrias riosas e tristezas infindas, de puro e grande Amor...

Nós tivemos dentro dum século dois formidáveis poetas que cantaram mestriamente esse mesmo sentimento do Amor. Gonçalves Dias no seu lirismo doce e no seu suave romantismo e Olavo Bilac no seu parnasianismo apurado e com as suas idéias formosas, ambos foram inexcedíveis na delicadeza de interpretação, em toda a escala dos predicados afetivos, em todo o grande, e vasto, e empolgante, e triunfal Sentimento avassalador!

O Poeta querido da nossa terra soube glorificar a Mulher. Esta é, Senhores, quando perfeita, a suprema obra da Natureza e da Arte. Nem o verde das florestas, nem as águas turbilhonantes dos mares e sussurrantes dos rios, nem os ocasos deslumbradores que nos fazem meditar, nem o Sol esplendente que ofusca, nem o luar tocado de nostalgia derramdo pelas cidades de antanho, nem o Céu azul franjado de farrapos de nuvens brancas como se fosse uma imensa placa polida, em as estrelas pintalgando de luz as noites escuras e sugestivas, nada é superior ao encanto e deslumbramento da Mulher porque a Mulher reúne em si os predicados supremos da Natureza excelsa! E a Mulher, Senhores, ainda é a Pintura, - nas figuras vaporosas e diáfanas de Watteau, nas imagens duma doçura infinda de Raphael, nos anjos dulcificados de Rubens, nos retratos famosos de Van Dyck, e nos rendilhados e filigranas da obra de Murilo; Ela é o Verso esculpido ou a Prosa cantante seja Dante ou Byron, seja Shakespeare ou Leopardi, Tasso ou Petarca, Heine ou Camões; Ela é a Escultura original e viva, aberta me mármore claro ou em bronze eterno, fremnte, latejante, de Praxiteles de Miguel Ângelo ou Rodin; Ela é por excelência a Musica, o Ritimo, a ondulação, nas páginas que falam e que daçam de Gluck, nas voluptuosas de Beethoven e Chopin, nas sonhadoras de Haydn, nas sugestivas de Hendel e Bach, nas turbilhonantes de Listz, nas evocadoras de Schumann e Schubert, e Mendelsshon, nas violentas de Wagner que por vezes nos lembram o galopar celbre de Cavalarias, e Verdi, e Halevy, e Gounod, e Mayerbeer, e Bizet, e Massenet, e Carlos Gomes, e tantos outros, tantos!...

A mulher é a Natureza e a Arte. E foi por isso que o bardo supremo da minha terra glorificou-a e amou-a. Toda a sua vida, muita vez torturante e matirisada, foi uma grande paixão. Paixão pelas Mulheres. E dizia na sua prosa vivida o Príncipe dos nossos Poetas que

foi Olavo Bilac, - "que já um padre da igreja, com toda a sua severa compostura, declarou que tinha pena do Diabo, só porque o triste era incapaz de mar." O exegeta católico só se queria referir naturalmente ao amor de Deus: mas o amor é um só... Quantos amores houve na vida do nosso querido Poeta? Não foram tantos quantas as estrelas do céu e as areias do mar; mas foram bastantes para que sempre a sua Alma andasse em "pedaços repartida" pelo em ciúmes. Não zombeis disso... Toda essa multidão anseios e de inclinações passou sobre o coração do Poeta, como uma tempestade, castigando-o, devastando-o envelhecendo-o. Corações como esse são, os que mais sofrem, porque são os que mais procuram o sofrimento... Entre tantas paixões, uma houve, mais profunda e mais duradoura do que as outras, e por isso mesmo mais fecunda me inspirações. Foi mais duradoura porque não foi contentada.

E ele também, em ritmo lavrado com a paciência de beneditino da Arte, apoteosou as flores, - essas lindas flores que são e serão sempre um dos Encantos maiores da vida! Cantou-as fulgurante no seu Verso de ouro que palpita e estúia! Celebrizou-se na Prosa colorida e viva, cintilante e fremente! Glorificou-as na sua pompa e no seu perfume dentro da sua Poesia ardente voluptuosa, por vezes duma sensualidade inebriante, vezes outras duma grande e intensa afetividade! E no Centenário risonho do nascimento do Poeta excelso, porque não deixar cair macheias de flores sobre a sua estatua linda, toda branca, alta e direita, firme e ereta como o tronco duma palmeira real? Certo, por todo o formoso dia de hoje, naquelas terras queridas e amigas da Athenas patricia, todos os conterrâneos têm, num intenso e radioso júbilo, ao lado do monumento fino e esguio que olha sobranceiro o mar azul e imenso, variedades flores para cobrir o mármore sugestionador... Imaginai comigo por instantes, minhas nobres senhoras, damas gentis da minha Pátria! - Cercando a estátua branca, ao seu redor, circunvagando-a, lá estão formosas moças da minha terra! Elas vestem de branco, *Bianca vestia*, e são gloriosas na sua formosura e na sua simplicidade! Os olhos são profundos e belos, duma grande veludez e de promessas cheios; os cabelos são fartos, e negros e ondedos, trescalando perfumes que estonteiam os lábios são róseos e macios; o sorriso esse é perturbador e doce deixando ver a fila gulosa dos dentes brancos. E jogam na estátua clara braçadas de Flores, e das mãos fidalgas, e das suas ricas mãos patricias, caem rosas... Rosas rubras, ensangüentadas, escarlates, como Almas que sangram! Rosas brancas de alvura imácula dos véus das Virgens, dum amarelo tênue e leve! E rolam cravos dum perfume acre e sensual, perturbadores, extasiantes... E surgem os lírios espirituais, senhoris, lendários! E aparecem os crisântemos cor de ouro fulvo, fidalgos e nobres, dominadores! E vêm as papoulas lindas, brancas, azuis, róseas, impressionantes, toda uma Petrópolis sadia e risonha! Espontam as doces violetas, que nos lembram Nice, - dum roxo forte ou suave, de delicado e penetrante perfume... As tulipas heráldicas e adoradas se destacam. Os jacintos encantados alindam e aformeseiam o monumento suave e tocante... O cheiro dos jasmims desabotoados entontece e embriaga... E das mãos fidalgas das Mulheres formosas continuam a cair dezenas e dezenas de pétalas, centenas e centenas de rosas, atufando a estátua alta e branca daquele Poeta que, como ninguém, soube cantar o Amor glorioso e eterno!